

ALICE A. BAILEY

A MORTE

A GRANDE AVENTURA

Compilação feita por dois estudantes

Textos extraídos dos livros de
Alice A. Bailey
e do Mestre Tibetano, Djwhal Khul

Tenha em mente, Chela, que nas esferas conhecidas, nada a não ser a luz responde à PALAVRA. Saiba que esta luz desce e se concentra; saiba que do seu ponto de enfoque escolhido, ilumina a própria esfera; saiba também que a luz sobe e deixa na escuridão aquilo que, em tempo e espaço, iluminou. A esta descida e subida, os homens chamam de vida, existência e morte; a isto Nós, que percorremos o Caminho Iluminado, chamamos de morte, experiência e vida.

Cura Esotérica

Título do original em inglês:
Death: The Great Adventure
Tradução: Núcleo Aquariano Brasil
1ª edição digital em português, 2026

Livros de Referência
do Mestre Tibetano (Djwhal Khul)
e de Alice A. Bailey

Iniciação Humana e Solar
Cartas sobre Meditação Ocultista
Tratado sobre o Fogo Cósmico
Tratado sobre a Magia Branca
Discipulado na Nova Era – Volume I
Discipulado na Nova Era - Volume II
Os Problemas da Humanidade
O Reaparecimento do Cristo
O Destino das Nações
Miragem (Glamour): Um Problema Mundial
Telepatia e o Veículo Etérico
A Educação na Nova Era
A Exteriorização da Hierarquia

Tratado sobre os Sete Raios:
Volume I: Psicologia Esotérica I
Volume II: Psicologia Esotérica II
Volume III: Astrologia Esotérica
Volume IV: A Cura Esotérica
Volume V: Os Raios e as Iniciações

Livros de Alice A. Bailey
A Consciência do Átomo
A Alma e seu Mecanismo
Do Intelecto à Intuição
De Belém ao Calvário
A Luz da Alma
Autobiografia Inconclusa

PRÓLOGO – ÍNDICE

- I. Nosso presente ciclo é o fim da era; os próximos duzentos anos verão a abolição da morte, tal como agora compreendemos essa grande transição, e o estabelecimento da realidade da existência da alma. (Psicologia Esotérica, Volume 1)
- II. As nossas ideias sobre a morte eram erradas; nós a considerávamos como o grande e último terror, quando, na realidade, é a grande saída, a entrada em uma atividade mais plena, e a liberação da vida do veículo cristalizado e de uma forma inadequada. (A Consciência do Átomo)
- III. Por que não acolher a Transição? Aprendam a se orgulhar da experiência, que é o dom da velhice sábia, e aguardem com entusiasmo a Grande Aventura que se apresenta diante de vocês. Vocês bem sabem – nos seus momentos mais elevados – que essa Transição significa realização sem nenhuma limitação do plano físico. (Discipulado na Nova Era, Volume 2)
- IV. Doença e morte são condições essencialmente inerentes à substância; enquanto o homem se identificar com o aspecto forma estará condicionado pela Lei de Dissolução. Esta lei, fundamental e natural, rege a vida da forma em todos os reinos da natureza. (Cura Esotérica)
- V. Existe uma técnica para morrer, assim como existe uma técnica para viver... (Tratado sobre a Magia Branca)
- VI. As pessoas não relacionam a morte com o sono. A morte, afinal, é somente um intervalo mais longo na vida de ação no plano físico; vamos “ao exterior” por um período mais extenso. (Tratado sobre a Magia Branca)
- VII. É possível que a morte seja entendida melhor como a experiência que nos libera da ilusão da forma. (De Belém ao Calvário)
- VIII. A morte é somente um interlúdio em uma vida de contínuo acúmulo de experiências... indica uma transição definida de um estado de consciência para outro. (De Belém ao Calvário)
- IX. A morte chega ao indivíduo, no sentido comum do termo, quando desaparece do corpo físico a vontade de viver e é substituída pela vontade de abstração. A isto chamamos de morte. (Os Raios e as Iniciações)
- X. À medida que a humanidade vai se tornando consciente da alma... a morte será vista como um processo “comandado”, realizado com plena consciência e compreensão do propósito cíclico. (Cura Esotérica)
- XI. O Trabalho de Restituição... A Arte de Eliminação. . . Os Processos de Integração... Estes três processos constituem a morte. (Cura Esotérica)
- XII. A morte é um ato da intuição, transmitida pela alma à personalidade e executada em seguida, de acordo com a vontade divina, pela vontade individual. (Astrologia Esotérica)

- XIII. E então é emitida uma Palavra. O ponto de luz radiante e descendente sobe, respondendo à nota de chamada, fracamente ouvida, atraído à fonte de onde emanou. A isto o homem chama de morte e a isso a alma chama de vida. (Cura Esotérica)
- XIV. Ressurreição é a nota-chave da natureza, a morte não é. A morte é apenas a antecâmara da Ressurreição. (A Exteriorização da Hierarquia)

A Constituição do Homem

Os Sete Planos

Glossário

PARTE I

Nosso presente ciclo é o fim da era; os próximos duzentos anos verão a abolição da morte, tal como agora compreendemos essa grande transição, e o estabelecimento da realidade da existência da alma.

Psicologia Esotérica, Volume 1

[1] A alma será conhecida como uma entidade, como o impulso motivador e o centro espiritual por trás de todas as formas manifestadas. Dentro de poucas décadas serão corroboradas certas grandes crenças. A obra do Cristo e Sua principal missão, há dois mil anos, foi demonstrar as possibilidades e poderes divinos, latentes em todo ser humano. A proclamação que Ele fez, de que todos somos filhos de Deus e temos um Pai Universal, já não será considerada, no futuro, apenas como uma declaração bela, mística e simbólica, mas sim será tida como um pronunciamento científico. A nossa irmandade universal e a nossa imortalidade essencial serão demonstradas e compreendidas como fatos reais da natureza. (Psicologia Esotérica, Volume 1)

[2] É preciso coragem para enfrentar a realidade da morte e para formular de maneira muito clara as nossas crenças sobre este tema. A morte é o único evento que podemos prever com absoluta certeza e, no entanto, é um fato sobre o qual a maioria dos seres humanos se recusa totalmente a considerar, até estar diante dela de maneira iminente e pessoal.

As pessoas enfrentam a morte de diversas maneiras; algumas encaram essa aventura com um sentimento de autopiedade e estão tão ocupadas com o que têm de deixar para trás, com o que está por acabar para elas e por terem de abandonar tudo o que acumularam na vida, que o verdadeiro significado do futuro inevitável deixa de prender a atenção. Outras a enfrentam com coragem, fazem o melhor diante do inevitável e erguem o olhar para a face da morte com galhardia, porque não há nada mais que possam fazer. Seu orgulho os ajuda a admitir esse acontecimento. Há aqueles que se recusam a considerar a possibilidade, se hipnotizam a ponto de impedir que o pensamento da morte encontre espaço em sua consciência, e se recusam a considerar essa possibilidade; assim, quando ela chega, os pega de surpresa; ficam indefesos e incapazes de fazer mais do que simplesmente morrer. A atitude cristã, em geral, é mais claramente a de uma aceitação da vontade de Deus, com a resolução de considerar este acontecimento como o melhor dos eventos, ainda que não pareça do ângulo do ambiente e das circunstâncias. A firme crença em Deus e em Seu propósito predestinado para o indivíduo, os leva a passar triunfalmente pelos portais da morte, mas se alguém lhes dissesse que esta nada mais é do que outra forma do fatalismo do pensador oriental, e uma crença fixa em um destino inalterável, considerariam falso. Escudam-se no nome de Deus.

No entanto, a morte pode ser mais que todas essas coisas e enfrentada de diferentes maneiras. É possível fazer com que ela tenha um lugar definido na vida e no pensamento, e assim nos prepararmos, pois dela não podemos fugir; a morte é simplesmente a Portadora de Mudanças. Deste modo, fazemos do processo da morte uma parte planejada de todo o nosso propósito de vida. Podemos *viver* com o conhecimento da imortalidade, o que agregará colorido e beleza à vida; podemos alimentar a consciência da nossa futura transição e viver com a esperança da suas maravilhas. A morte assim encarada e considerada como prelúdio para uma ulterior experiência de vida, toma um significado diferente. Torna-se uma experiência mística, um tipo de iniciação que alcança o ponto culminante na Crucificação. Todas as renúncias anteriores e menores nos preparam para a grande renúncia; todas as mortes anteriores nada mais são do que o prelúdio para o estupendo episódio de morrer. A morte nos traz liberação da natureza corporal, da existência no plano físico e da sua experiência visível – talvez temporária, embora, oportunamente, permanente. É uma

libertação da limitação e, ainda que se creia (como creem milhões) que a morte é só um interlúdio em uma vida de contínuo acúmulo de experiências, ou o fim de toda experiência (como sustentam outros tantos milhões), não se pode negar o fato de que a morte indica uma transição definida de *um estado de consciência para outro*. (De Belém ao Calvário)

[3] Os estudantes de religião estudarão a manifestação do que chamamos “aspecto vida”, assim como o cientista estuda o chamado aspecto “matéria” e chegarão ambos a compreender a estreita relação que existe entre esses dois aspectos, e assim a antiga lacuna e a antiga rivalidade entre a ciência e a religião cessarão temporariamente. Resultarão daí métodos precisos para demonstrar que a vida persiste depois da morte do corpo físico e a trama etérica será reconhecida como fator nessa questão. (Tratado sobre o Fogo Cósmico)

[4] O primeiro passo para substanciar a realidade da existência da alma é estabelecer o fato da sobrevivência, embora não prove necessariamente a imortalidade. Contudo, podemos considerar como um passo na direção certa. Que algo sobrevive ao processo da morte e persiste depois da desintegração do corpo físico, isso está sendo constantemente comprovado. Não fosse verdade, seríamos vítimas de uma alucinação coletiva, e os cérebros e mentes de milhares de pessoa estariam enganando e ludibriando ou estariam doentes e distorcidos. Uma insanidade coletiva tão gigantesca é mais difícil de crer do que a alternativa de uma expansão de consciência. Este desenvolvimento em linhas psíquicas, porém, não prova a existência da alma. Serve apenas para romper a posição materialista. (Psicologia Esotérica, Volume 1)

[5] O problema da morte, desnecessário dizer, fundamenta-se no amor à vida, o instinto mais arraigado da natureza humana. A ciência reconhece que, de acordo com a lei divina, nada se perde; a eterna persistência, em uma ou outra forma, é tida universalmente como uma verdade. De todo o acúmulo de teorias foram extraídas e propostas três grandes soluções. São muito conhecidas pelas pessoas reflexivas. São elas:

1. A solução estritamente materialista afirma que a experiência e a expressão da vida consciente continuam enquanto a forma física tangível existe e persiste, mas também ensina que, depois da morte e da conseqüente desintegração do corpo, deixa de existir uma pessoa consciente, atuante e autoidentificada. O sentido do “eu”, a percepção de uma personalidade, em contraposição às outras personalidades se desvanece com o desaparecimento da forma; acredita-se que a personalidade seja apenas o somatório da consciência das células do corpo. Esta teoria relega o homem ao mesmo estado de quaisquer das formas dos outros três reinos da natureza; baseia-se na falta de sensibilidade do ser humano comum frente à vida que se retira de um veículo tangível; ignora toda evidência contrária e explica que como não podemos ver (visualmente) e comprovar (tangivelmente) a persistência do “eu” ou da entidade imortal depois da morte, ela não existe. Esta teoria já não é tão aceita como em anos anteriores, em especial durante a materialista Era Vitoriana.

2. *A teoria da imortalidade condicional*. Esta teoria ainda é sustentada por certas escolas de pensamento fundamentalista e teologicamente estreito, como também por uns poucos da *intelligentsia*, principalmente os de tendência egotista. Afirma que só os que alcançam uma determinada etapa de percepção espiritual ou que aceitam um conjunto característico de pronunciamentos teológicos podem receber o dom da imortalidade pessoal. Os altamente intelectuais também argumentam, às vezes, que o dom culminante para a humanidade é uma mente desenvolvida e cultivada, e que para aqueles que possuem esse dom é conferida a sobrevivência eterna. Uma escola desliga todos aqueles que considera espiritualmente indisciplinados ou negativos à imposição de suas certezas teológicas específicas, mesmo que seja a de um total aniquilamento como na solução materialista, ou de um castigo eterno, ainda que, ao mesmo tempo, advogue uma forma de imortalidade. Devido à inata disposição amorosa do

coração humano, poucos são suficientemente vingativos ou irreflexivos para considerar esta apresentação aceitável e, certamente, temos que colocar entre eles as pessoas irreflexivas que fogem da responsabilidade mental, aceitando cegamente os pronunciamentos teológicos. A interpretação cristã dada pelas escolas ortodoxas e fundamentalistas mostra-se indefensável quando submetida a um claro raciocínio; entre os argumentos que negam sua acurácia está o fato de que o cristianismo proclama um longo futuro, mas nenhum passado; sendo também um futuro que depende totalmente das ações deste atual episódio de vida e de nenhuma maneira explica as distinções e diferenças que caracterizam a humanidade. Isto só seria sustentável na teoria de uma Deidade antropomórfica, cuja vontade – à medida que atua na prática – dá um presente que não tem passado, mas apenas um futuro; a injustiça disto é amplamente reconhecida, mas dizem que a inescrutável vontade de Deus não deve ser questionada. Milhões de pessoas ainda sustentam esta crença, mas ela não é mantida tão fortemente como há cem anos.

3. *A teoria da reencarnação*, tão conhecida por todos os meus leitores, está se tornando cada vez mais popular no Ocidente; sempre foi aceita no Oriente (embora com muitos acréscimos e interpretações insensatas). Esses ensinamentos foram tão distorcidos como os ensinamentos de Cristo, Buda e Shri Krishna por seus teólogos de mente estreita e limitada. Os fatos básicos de uma origem espiritual, de uma descida à matéria, de uma ascensão por meio de constantes encarnações na forma, até que essas formas sejam expressões perfeitas da consciência espiritual que mora internamente, e de uma série de iniciações, ao se aproximar do fim do ciclo de encarnações, estão sendo mais rapidamente aceitos e reconhecidos como nunca antes.

Tais são as principais soluções para os problemas da imortalidade e da persistência da alma humana; elas procuram responder ao eterno questionamento do coração humano em relação a Quando, Por que, Para Onde e Onde. (Cura Esotérica)

[6] Nos próximos anos, o fato da persistência e da eternidade da existência terá avançado, saindo do reino do questionamento e penetrando no reino da certeza. Não haverá nenhuma dúvida na mente das pessoas de que, ao descartar o corpo físico, o homem continuará a ser uma entidade viva e consciente e se saberá que perpetua a sua existência em um reino para além do físico, que ainda está vivo, desperto e consciente. Isto será viabilizado de diversas maneiras:

- a. Pelo desenvolvimento de um poder dentro do olho físico do ser humano que... revelará o corpo etérico... vendo-se que os homens ocupam aquele corpo.
- b. Pelo crescente número de pessoas que têm o poder de usar o “terceiro olho redesperto”, o que demonstrará a imortalidade, porque elas verão facilmente o homem que descartou seu corpo etérico e seu corpo físico.
- c. Por uma descoberta no campo da fotografia que comprovará a sobrevivência.
- d. Pelo uso do rádio, por aqueles que passaram para o mais além, será estabelecida afinal uma comunicação que se converterá em uma verdadeira ciência.
- e. O homem, a certa altura, se sintonizará com uma percepção e um contato que o habilitarão a ver através das coisas, o que lhe revelará a natureza da quarta dimensão e mesclará os mundos subjetivo e objetivo em um novo mundo. A morte deixará de inspirar terrores e este medo específico chegará ao fim. (Cura Esotérica)

[7] Ficará evidente para vocês que, quando a humanidade atingir esta perspectiva sobre a morte e a arte de morrer, toda a atitude da raça humana experimentará uma mudança benéfica. Isto será acompanhado, à medida que o tempo for passando, de uma comunicação entre os homens nos

níveis telepáticos; os homens serão cada vez mais inteligentes e a humanidade cada vez mais enfocada nos níveis mentais. Esta comunicação telepática será um fenômeno comum e corrente, do qual o espiritismo moderno é uma garantia, embora a distorção (e uma seríssima distorção) tenha por base, em grande parte, as ilusões da humanidade, com pouca telepatia verdadeira nisso. A telepatia que hoje acontece entre o médium (esteja ou não em transe) e o enlutado parente ou amigo, não é entre aquele que experimentou a liberação da morte e aquele que ainda se encontra na forma. Isto deve estar sempre mantido na mente. Entretanto, onde a mente não é normalmente telepática, pode haver (embora raras vezes) a interposição de uma mediunidade, baseada na clarividência e na clariaudiência, mas não no transe. Ainda assim, será necessário estabelecer um contato através de uma terceira pessoa, contato que será totalmente astral e, portanto, cheio de miragens e erro. Não obstante, será um passo adiante das atuais sessões mediúnicas, que simplesmente ignoram o morto e dão ao interessado somente o que o médium lê em sua aura – as lembranças que tem da aparência pessoal, as reminiscências importantes acumuladas na consciência de quem pergunta, e a vã ilusão de pedir conselhos, pois o interessado acredita que, porque um homem morreu, deve ser mais sábio que antes. Quando o médium consegue às vezes estabelecer uma verdadeira comunicação, é porque o interessado e a pessoa falecida são tipos mentais e, portanto, se estabelece uma verdadeira relação telepática entre eles, a qual é captada pelo médium.

A raça está progredindo, se desenvolvendo e se tornando cada vez mais mental. A relação entre os mortos e os vivos deve se dar e ser sempre nos níveis mentais, antes dos processos de integração; o verdadeiro rompimento da comunicação ocorrerá quando a alma humana for reabsorvida na Superalma, antes de tornar a encarnar. O fato da comunicação até esse momento, no entanto, destruirá completamente o medo da morte. No caso dos discípulos que trabalham no Ashram de um Mestre, nem mesmo este processo de integração constituirá uma barreira. (Cura Esotérica)

[8] Veremos assim surgir aos poucos no mundo um grande corpo de médiuns treinados, cujos poderes serão compreendidos, que atuarão no plano astral com tanta inteligência como no plano físico, e que se prepararão para expressar os poderes psíquicos superiores: percepção espiritual e telepatia. Estas pessoas constituirão oportunamente um corpo de almas vinculadoras, servindo de intermediárias entre os que não podem ver nem ouvir no plano astral porque são prisioneiros do corpo físico, e os que são igualmente prisioneiros no plano astral, por carecer do mecanismo físico de resposta.

Portanto, a grande necessidade não é deixar de consultar e treinar nossos médiuns, mas de instruí-los corretamente e protegê-los de maneira inteligente, vinculando assim, por seu intermédio, o mundo físico e o mundo astral. (A Exteriorização da Hierarquia)

[9] À medida que o tempo passa e antes de finalizar o próximo século, finalmente se comprovará que a morte não existe tal como é entendida agora. A continuidade de consciência será tão amplamente desenvolvida e tantos homens de tipo elevado atuarão de maneira simultânea nos dois mundos, que o antigo medo desaparecerá e o intercâmbio entre o plano astral e o físico será estabelecido de modo determinado e com controle científico, que a atuação dos médiuns em transe, felizmente, chegará ao fim. (Tratado sobre a Magia Branca)

[10] Gostaria de assinalar que a mediunidade de transe, como é chamada, deve inevitavelmente ceder lugar à mediunidade oferecida pelo indivíduo clarividente ou clariaudiente no plano astral, em plena consciência desperta e com o cérebro alerta e ativo. Ele pode se oferecer como intermediário entre os homens em corpos no plano físico (e, portanto, cegos e surdos nos níveis sutis) e aqueles que, tendo descartado seus corpos, estão cortados da comunicação física. Este tipo de médium pode se comunicar com os dois grupos, e seu valor e utilidade são inestimáveis quando eles são resolutos, altruístas, puros e dedicados ao serviço. Entretanto, no treinamento a que se submeterem, devem evitar os métodos negativos atuais e, em vez de “sentar-se à mesa para desenvolver a mediunidade”

em um silêncio vazio e expectante, devem se esforçar por agir positivamente como almas, permanecendo de posse consciente e inteligente do mecanismo inferior de seus corpos. Devem saber que centro do corpo empregam no trabalho psíquico, e devem aprender a observar, como almas, o mundo de ilusão no qual estão realizando o trabalho. De sua posição elevada e pura, devem ver com nitidez, ouvir com clareza e informar com exatidão, servindo assim à sua era e geração, fazendo do plano astral um lugar de atividade familiar e bem conhecido, acostumando o gênero humano a um estado de existência no qual seus semelhantes se encontram, encontram um campo de experiência, vivem e seguem o Caminho. (A Exteriorização da Hierarquia)

[11] Na vindoura Era de Aquário, veremos a humanidade estabelecer uma cultura sensível aos valores espirituais mais sutis e elevados, uma civilização mais livre da miragem e de grande parte da ilusão que hoje matiza os povos ários. Trará uma vida humana que será incorporada nas formas que eliminarão a lacuna que existe atualmente. A humanidade ficará liberada das piores doenças que conhecemos, embora a morte e certas formas de colapso corporal que possam levar à morte naturalmente continuarão a existir. A superação da morte não depende da eliminação dos males corporais, mas do estabelecimento da continuidade de consciência que leva do plano físico da vida à existência subjetiva interna. Grupos como este, o terceiro, podem ser guardiões deste estado de ser. Assim, seu problema é desenvolver a continuidade de consciência que abrirá as “portas para a vida e dissipará o medo pelo conhecido e pelo que desaparece”. (A Exteriorização da Hierarquia)

PARTE II

As nossas ideias sobre a morte eram erradas; nós a considerávamos como o grande e último terror, quando, na realidade, é a grande saída, a entrada em uma atividade mais plena, e a liberação da vida do veículo cristalizado e de uma forma inadequada.

(A Consciência do Átomo)

[1] *O nosso tema agora será a liberação da natureza corporal pelo processo da morte...*

Primeiramente procuremos definir este misterioso processo ao qual todas as formas estão sujeitas e que muitas vezes é apenas o temido fim – temido por não ser compreendido. A mente do homem está tão pouco desenvolvida que o medo do desconhecido, o terror do que lhe é estranho e o apego à forma, provocaram uma situação em que um dos acontecimentos mais benéficos no ciclo da vida de um Filho de Deus encarnado é visto como algo que deve ser evitado e adiado o máximo possível.

A morte, se pudéssemos compreender, é uma das atividades que mais praticamos. Morremos muitas vezes e morreremos muitas mais. A morte é, essencialmente, uma questão de consciência. Em certo momento, estamos conscientes no plano físico; um momento depois, nos retiramos para outro plano e ficamos ali ativamente conscientes. Enquanto a nossa consciência está identificada com o aspecto forma, a morte continuará a nos causar seu antigo terror. Assim que percebermos que somos almas e descobirmos que somos capazes de concentrar nossa consciência ou nosso sentido de percepção em qualquer forma ou em qualquer plano, à nossa vontade, ou em qualquer direção dentro da forma de Deus, já não conheceremos a morte.

A morte para o homem comum é um fim desastroso, pois implica no fim de todas as relações humanas, na cessação de toda atividade física, na ruptura de todos os sinais de amor e afeição e na passagem (involuntária e sob protestos) ao desconhecido e temido. É o mesmo que sair de um cômodo iluminado e agradável, cordial e familiar, onde os nossos entes queridos estão reunidos e passar para a noite fria e escura, sozinho e aterrorizado, esperando pelo melhor e sem ter certeza de nada.

Mas as pessoas em geral se esquecem de que todas as noites, durante as horas de sono, morremos para o plano físico e estamos vivos e atuantes em outro lugar. Também se esquecem de que já adquiriram a facilidade de deixar o corpo físico, porque ainda não estão aptos a conservar na consciência do cérebro físico as lembranças desta morte e do conseqüente intervalo de vida ativa, e não relacionam a morte com o sono. A morte, afinal, é somente um intervalo mais longo na vida de ação no plano físico; vamos “ao exterior” por um período mais extenso. Mas o processo do sono diário e o processo da morte ocasional são idênticos, com a única diferença que no sono o fio magnético ou corrente de energia, através da qual correm as forças vitais se mantém intacto, e é o caminho de retorno para o corpo. Na morte este fio de vida se rompe ou corta. Quando isto acontece, a entidade consciente não pode voltar para o corpo físico denso e, na falta deste corpo, o princípio de coesão se desintegra. (Tratado sobre a Magia Branca)

[2] 1. *Medo da Morte*, que se baseia em:

- a. Terror dos processos finais do desgarramento no ato da morte em si.
- b. Horror ao desconhecido e ao indefinido.

- c. Dúvida com relação à imortalidade.
- d. Pesar por ter que deixar os seres queridos para trás ou ser abandonado por eles.
- e. Antigas reações às mortes passadas e violentas, profundamente arraigadas no subconsciente.
- f. Agarramento à vida da forma, por estar identificado principalmente com ela na consciência.
- g. Ensinaamentos antigos e errados sobre céu e inferno, ambos sendo perspectivas desagradáveis para certos tipos de pessoas.

Falo sobre a Morte como alguém que conhece o tema, tanto pela experiência no mundo externo como pela expressão da vida interna: – A morte não existe. Como bem sabem, há uma entrada em uma vida mais plena. Há liberação dos obstáculos do veículo carnal. O tão temido processo do desgarramento não existe, salvo nos casos de morte violenta ou repentina, em que a única condição desagradável é a sensação opressiva e instantânea de perigo e destruição iminentes, e algo que se parece com um choque elétrico. Nada mais. Para os não evoluídos, a morte é literalmente um sono e um esquecimento, pois a mente não está desperta o suficiente para reagir e os arquivos da memória estão praticamente vazios. Para o cidadão comum e bom, a morte é a continuidade do processo da vida na sua consciência, é levar adiante os interesses e tendências da vida. A consciência e o senso de percepção permanecem os mesmos, inalterados. Não percebe muita diferença, é bem cuidado e muitas vezes não se dá conta de que passou pelo episódio da morte. Para o egoísta pernicioso e cruel, o criminoso e os poucos que vivem apenas para o aspecto material, produz-se a condição que denominamos de “presos à Terra”. Os vínculos que construíram com a Terra, a tendência na direção da terra de todos os seus desejos, obriga-os a permanecer perto da mesma e do último ambiente terreno. Procuram desesperadamente e por todos os meios possíveis entrar de novo em contato e voltar a entrar nele. Em uns poucos casos, um grande amor pessoal por aqueles que ficaram para trás ou o não cumprimento de um dever reconhecido e urgente, mantêm quem possui bondade e beleza em condição semelhante. Para o aspirante, a morte é a entrada imediata em uma esfera de serviço e de expressão, à qual está muito acostumado e que de pronto reconhece que não é nova, pois nas horas de sono desenvolveu um campo de serviço ativo e de aprendizagem. Ele agora simplesmente funciona nela durante as vinte e quatro horas (falando em termos de tempo do plano físico) em vez das breves horas de sono na Terra. (Tratado sobre a Magia Branca)

[3] Um outro medo que induz a humanidade a encarar a morte como uma calamidade é o que foi inculcado pela religião teológica, em especial pelos Protestantes fundamentalistas e pela Igreja Católica Romana; o medo do inferno, da imposição de castigos, em geral fora de toda proporção com os erros cometidos durante a vida, e os terrores impostos por um Deus colérico. É dito ao homem que ele terá de se submeter e que não há escapatória possível, salvo por meio da expiação vicária. Como bem sabem, não existe um Deus colérico, não há inferno nem nenhuma expiação vicária. Há apenas um grande princípio de amor que anima todo o universo; existe a Presença do Cristo, indicando à humanidade a realidade da alma e que somos salvos pela vividade dessa alma, e que o único inferno que existe é a própria Terra, onde aprendemos a trabalhar por nossa própria salvação, impulsionados pelo princípio de amor e de luz e impelidos pelo exemplo do Cristo e do impulso interno da nossa própria alma. Este ensinamento sobre o inferno é um resíduo do sadismo que acometeu o pensamento da Igreja Cristã na Idade Média e dos errados ensinamentos estabelecidos no Antigo Testamento sobre Jeová, o Deus tribal dos Judeus. Jeová *não é* Deus, o Logos planetário, o Coração Eterno de Amor que o Cristo revelou. À medida que estas ideias erradas forem desaparecendo, o conceito do inferno se desvanecerá da memória do homem e será substituído pela compreensão da lei que faz com que cada homem elabore a sua própria salvação no

plano físico, o que o leva a corrigir os erros que possa ter cometido em suas vidas na Terra e que, oportunamente, lhe permite “limpar o próprio registro”.

Não procuro impor a vocês um debate teológico. Procuro apenas assinalar que o atual medo da morte deve dar lugar a uma compreensão inteligente da realidade e ser substituído por um conceito de continuidade que negará toda interrupção e enfatizará a ideia de uma vida e uma entidade consciente, que adquire experiência em muitos corpos. (Cura Esotérica)

[4] No próximo século será observado, inevitavelmente, que a morte e a vontade terão novos significados para a humanidade e muitas das antigas ideias desaparecerão. A morte, para o homem reflexivo comum, é um momento de crise catastrófica. É a cessação e o fim de tudo o que foi amado, de todo o conhecido e desejável, a entrada repentina no desconhecido, na incerteza e o fim abrupto de todos os planos e projetos. Não importa quanta verdadeira fé possa haver nos valores espirituais, nem o quanto seja clara a racionalização da mente sobre a imortalidade, nem tampouco o quanto a sobrevivência e a eternidade se mostrem conclusivas; existe sempre uma dúvida, um reconhecimento da possibilidade de que tudo termina e a negação e o fim de toda atividade, de todas as reações do coração, de todo pensamento, emoção, desejo, aspiração e das intenções enfocadas no núcleo central do ser do homem. O anseio e a determinação de sobreviver e o sentido de continuidade ainda dependem, mesmo para o crente mais fervoroso, de uma probabilidade, de uma base instável e do testemunho de terceiros – que, na realidade, jamais voltaram para contar a verdade. A ênfase de toda ideia acerca deste tema refere-se ao “eu” central ou à integridade da Deidade. (Os Raios e as Iniciações)

[5] O *instinto de autopreservação* tem raiz em um medo inato da morte; pela presença deste medo, a raça lutou até alcançar o presente ponto de longevidade e resistência. As ciências que tratam da preservação da vida, do conhecimento médico atual e das conquistas do conforto civilizado, todas surgiram deste medo básico. Tudo tendeu à persistência do indivíduo e à conservação da sua condição de ser. A humanidade persiste, como raça e como reino da natureza, em consequência desta tendência ao medo, desta reação instintiva da unidade humana à autoperpetuação. (Tratado sobre a Magia Branca)

[6] Anseio que captem o ensinamento que já dei, antes de prosseguirmos para o interpretativo e o novo. Estudem-no com atenção, para que o tema da morte possa tomar forma com mais firmeza e sensatez em suas mentes. Procurem obter um novo ângulo do tema e procurem ver a lei, o propósito e a beleza da intenção, por trás do que até agora foi um terror e um grande medo.

Posteriormente, procurarei lhes dar um vislumbre do processo da morte, tal como a alma o registra quando inicia o ato de restituição. O que estou dizendo pode parecer para vocês especulativo ou hipotético; em todo caso, constituirá uma afirmação, cuja exatidão poucos de vocês poderão comprovar. Mas, seguramente, irmão meu, pode ser mais sensato e saudável, mais sólido e belo do que a atual escuridão e enfermiça esperança, a desafortunada especulação e o frequente desespero que paira sobre todo leito de morte nesta época. (Cura Esotérica)

PARTE III

Por que não acolher a Transição? Aprendam a se orgulhar da experiência, que é o dom da velhice sábia, e aguardem com entusiasmo a Grande Aventura que se apresenta diante de vocês. Vocês bem sabem – nos seus momentos mais elevados – que essa Transição significa realização sem nenhuma limitação do plano físico.

(Discipulado na Nova Era, Volume 2)

[1] As razões pelas quais um discípulo deve pelo menos se esforçar para não relaxar indevidamente e persistir, apesar da fadiga (a fadiga de anos de vida) e apesar do crescente “ranger” do mecanismo humano e da inevitável tendência advinda do serviço constante e do contato com outros, poderiam ser enumeradas da seguinte maneira:

1. Ele deve se esforçar por levar consigo o ritmo do serviço e de uma vida frutífera quando – livre do corpo físico – se encontrar do outro lado do véu. Não deve haver nenhuma interrupção nesse serviço.
2. Deve se esforçar, até onde lhe for possível, para manter a continuidade da sua consciência como discípulo ativo, sem permitir que alguma interrupção surja entre o seu presente ponto de tensão e o que sobrevém depois da experiência da morte.
3. Ele deve se empenhar em encerrar este capítulo de sua experiência de vida, de modo que fique claro que é membro de um Ashram; não deve permitir nenhuma ruptura na relação estabelecida, nem qualquer interrupção no fluxo da vida ashramica que, por meio dele, se dirige ao mundo dos homens. Essa atividade, devido à deterioração natural e normal do veículo físico à medida que envelhece, não é uma tarefa tão fácil; requer uma concentração definida de esforço, aumentando assim a tensão em que um discípulo vive constantemente.

Os discípulos do meu Ashram têm a dupla responsabilidade de permanecerem firmes na *preservação da realização* – se me permitem usar essa expressão. Essa firmeza não deve ser de forma alguma relaxada à medida que a velhice se aproxima, e não se deve permitir que desapareça com a própria transição da morte. É por meio do pensamento consciente ininterrupto [de um grupo coeso de discípulos que o Mestre de um Ashram atua. Não é tanto o serviço externo ativo de um grupo de discípulos que reveste maior importância (embora tenha, necessariamente, um propósito vital), mas sim o pensamento coletivo coeso e integrado, que é tão potente para efetuar mudanças na consciência humana. O problema específico da atual crise mundial e as profundas reestruturações na consciência humana, decorrentes do surgimento de uma nova cultura, civilização e religião para o mundo, justificam que eu ofereça aos membros do meu Ashram (e até mesmo a grupos afiliados, como o seu) a oportunidade de preservar intacto e livre de qualquer deterioração o seu “estado de espírito” ao longo dos anos que restam desta vida, passando pelo processo de dissolução, e rumo à liberdade do outro lado do véu. Essa preservação da integridade consciente não é tarefa fácil; requer compreensão e um esforço muito deliberado. (Discipulado na Nova Era, Volume 2)

[2] Quando a verdadeira natureza do serviço for captada, se descobrirá que é um aspecto da energia divina que trabalha sempre sob o aspecto destruidor, porque destrói as formas com o intuito de liberá-las. O serviço é uma manifestação do Princípio de Liberação, e morte e serviço são dois

aspectos do mesmo. O serviço salva, liberta e traz liberação em diversos níveis para a consciência aprisionada. O mesmo se pode afirmar da morte. (Tratado sobre a Magia Branca)

[3] Observarão que me refiro à morte quando faz sentir sua presença por doença ou velhice. Não me refiro à morte quando ocorre por guerra ou acidente, homicídio ou suicídio. Estas e outras causas de morte são regidas por um processo totalmente diferente; talvez nem sequer envolvam o carma de um homem ou seu destino individual, como no caso de guerra, quando morrem muitas pessoas. Neste caso não tem nada a ver com a Lei de Causa e Efeito como um fator da trajetória da alma de qualquer indivíduo. Não é um ato de restituição planejado por uma alma determinada que cumpre o seu destino individual. A morte, através do processo destruidor da guerra, acontece sob a direção e intenção cíclica do Logos planetário, atuando através da Câmara do Concílio de Shamballa. Os Seres que ali dirigem os processos mundiais sabem que chegou o momento em que a relação entre o mal planetário e as Forças da Luz ou do Bem, alcançaram um ponto de “antagonismo explosivo” (como é denominado), a que é preciso dar rédeas soltas para que o propósito divino atue sem impedimentos. Portanto, é permitida a explosão; no entanto, todo o tempo está presente um fator controlador, embora o homem não se dê conta. Como estes Seres (que cumprem a vontade de Deus) não estão de jeito algum identificados com a vida da forma, conseqüentemente têm uma justa apreciação da relativa importância da vida na forma; para Eles, a destruição das formas não é a morte no sentido como nós a entendemos, mas simples e unicamente um processo de liberação. É a visão limitada dos que estão identificados com a forma que nutre de maneira tão consistente o medo da morte. O ciclo em que estamos vivendo agora testemunhou a maior destruição de formas humanas, em toda a história do nosso planeta. *Não houve destruição de seres humanos.* Gostaria que observassem esta declaração. Devido a esta destruição em grande escala, a humanidade fez um rápido avanço na direção de uma atitude mais serena com relação à morte. Isto ainda não está muito evidente, mas – dentro de alguns anos – esta nova atitude começará a se acentuar e o medo da morte começará a desaparecer do mundo. Isto também terá raiz, em grande parte, na maior sensibilidade do mecanismo humano de resposta, que leva a mente humana a se voltar para dentro ou para uma nova orientação, com resultados imprevisíveis.

A base de todas as guerras é fundamentalmente o sentido de separatividade. Este individualismo fundamental, ou reconhecimento complacente do isolacionismo, leva a todas as causas secundárias da guerra: a cobiça, que produz desastres econômicos, o ódio, que gera atrito nacional e internacional, a crueldade que resulta em sofrimento e morte. As raízes da morte estão profundamente assentadas; é a destruição do ciclo de separatividade, como indivíduo, no plano físico, que normalmente denominamos de morte; em consequência, a morte é um processo de unificação. Se aprofundassem um pouco mais esta questão, veriam que a morte libera a vida individualizada, levando-a a uma existência menos limitada e confinada, e oportunamente – quando o processo da morte tiver sido aplicado aos três veículos nos três mundos – para a vida da universalidade, estado de inexpressável beatitude. (Cura Esotérica)

[4] Com relação ao prolongamento da duração da vida, alcançada no século passado pelas realizações científicas, gostaria de assinalar que as verdadeiras técnicas e possibilidades da ação organizada da alma são sempre imitadas e falsamente demonstradas no plano físico pelas atividades científicas iniciais, que têm uma motivação correta, mas são apenas um símbolo, na esfera externa da vida, da verdadeira e, no geral, futura atividade da alma. A extensão de vida oportunamente será encurtada ou alongada, segundo a vontade das almas que servem conscientemente e usam o mecanismo do corpo como instrumento para servir ao Plano. Com frequência, nos dias de hoje, há preservação de vidas na forma – tanto na velhice como na infância – às quais se poderia muito bem permitir a liberação. Elas não cumprem nenhum propósito útil e causam muita dor e sofrimento às formas que a natureza não mais usaria e extinguiria (se lhe fosse permitido atuar). Observem estas palavras. Pela ênfase excessiva no valor dado à vida da forma, pelo medo universal da morte – a grande transição que todos devemos enfrentar – e pela nossa incerteza sobre a realidade da

imortalidade e devido ao nosso profundo apego à forma, detemos o processo natural e nos aferramos à vida, que luta por se liberar, confinada em corpos muito inadequados para os propósitos da alma. Não me interpretem mal. Não tenho a intenção de dizer nada que seja incentivo ao suicídio. Mas digo sim, e o digo com ênfase, que a Lei do Carma muitas vezes fica em suspenso quando as formas se mantêm em expressão coesa, as quais deveriam ter sido descartadas, pois não servem a nenhum propósito útil. Na maioria dos casos, esta preservação é imposta pelo grupo a que pertence o sujeito e não pelo próprio sujeito – muitas vezes sendo um inválido inconsciente, um idoso, cujos mecanismos de contato e resposta estão imperfeitos, ou um bebê que não é normal. Tais casos são exemplos definidos da neutralização da Lei do Carma. (Cura Esotérica)

PARTE IV

Doença e morte são condições essencialmente inerentes à substância; enquanto o homem se identificar com o aspecto forma estará condicionado pela Lei de Dissolução. Esta lei, fundamental e natural, rege a vida da forma em todos os reinos da natureza.

(Cura Esotérica)

[1] A liberação da alma, por meio da doença e da morte, não é necessariamente um evento infeliz. É essencial que se adote uma atitude nova e melhor frente ao fenômeno da morte, o que é possível e está perto de acontecer. Sobre isto não é necessário que me estenda, mas procuro dar a vocês uma nova perspectiva sobre o tema das doenças e da morte. (Cura Esotérica)

[2] Segundo, a doença às vezes é parte incidental do processo de retirada da alma da sua morada. A isto chamamos de morte, e pode vir de maneira rápida e inesperada, quando a alma se retira subitamente do corpo. Pode também se estender durante um longo período e a alma demorar meses ou anos em um lento e gradual desprendimento do corpo, o qual agoniza lentamente. (Cura Esotérica)

[3] A doença pode ser um processo lento e gradual de morte e, assim, liberar a alma. A cura então não será possível, embora medidas paliativas e sedativas sejam necessárias e certamente devam ser aplicadas. A duração da vida pode ser prolongada, mas uma cura permanente e definitiva não será possível. O curador mental comum não entende isso. Converte a morte em algo horrível, quando, na realidade, é uma amiga benfazeja.

A doença pode ser o súbito e final chamado para que o corpo abandone a alma e a libere para outro serviço.

Em todos esses casos, é preciso fazer todo o possível, do ponto de vista da ciência médica moderna e da ciência cirúrgica e ciências afins, tão numerosas hoje. Muito também é possível fazer do ângulo da cura mental e espiritual, com a ajuda da ciência da psicologia. Algum dia haverá maior colaboração nestes diversos campos e uma sintetização de seus esforços. (Cura Esotérica)

[4] Ao considerar as Causas da Doença, penso ser necessário dar uma palavra sobre as condições – externas e internas. Ficará evidente para o pensador eventual, que muitas doenças e causas de morte se devem a condições ambientais, das quais ele não é responsável de maneira alguma. Essas condições abrangem de ocorrências estritamente externas às predisposições hereditárias, e poderiam ser enumeradas da seguinte maneira:

1. *Acidentes*, que podem ser causados por negligência pessoal, acontecimentos grupais, imprudência de terceiros, e consequências de confrontos, como nos casos de greves e guerra. Também podem ser produzidos por ataques de animal ou cobra, envenenamento acidental e muitas outras causas.

2. *Infecções*, que chegam ao homem por via externa e não resultam da própria e característica condição sanguínea. São as diversas doenças denominadas infecciosas e contagiosas e as epidemias prevalentes. O homem pode contrai-las no cumprimento do dever, por meio dos seus contatos diários ou pela ampla propagação da doença no ambiente.

3. *Doenças devidas à desnutrição*, em especial nos jovens. Este estado de subnutrição predispõe o corpo às doenças, diminui a resistência e a vitalidade e neutraliza “os poderes de luta” do homem, levando-o a uma morte prematura.

4. *Hereditariedade*. Como bem sabem, há certos tipos de debilidade hereditária que predispõem a pessoa a contrair determinadas doenças e levam à conseqüente morte ou produzem nela condições que levam a um gradual debilitamento do domínio sobre a vida; há também as tendências que constituem uma espécie de apetite perigoso e produzem hábitos indesejáveis, relaxamento da moral, e são um perigo para a vontade do indivíduo, inibindo-o em sua luta contra tais predisposições. A pessoa sucumbe a elas e paga o preço de tais hábitos, que são a doença e a morte. (Cura Esotérica)

[5] Há uma ou duas coisas que gostaria de deixar bem claras e que vocês, por sua vez, devem esclarecer ao paciente:

1. A cura não é garantida. Os pacientes devem compreender que a continuação da vida no corpo físico não é a meta mais elevada possível. Poderia ser, se o serviço a prestar for de real importância, se ainda houver obrigações a cumprir ou se ainda houver lições a aprender. A existência corpórea não é, porém, o bem maior da existência. A liberação das limitações do corpo físico é verdadeiramente benéfico. O paciente deve aprender a reconhecer e a aceitar a Lei do Carma.

2. O medo é desnecessário. Um dos primeiros objetivos do agente curador deveria ser ajudar o paciente a obter uma visão alegre, sadia e esperançosa sobre o seu futuro – independente do que o futuro possa trazer. (Cura Esotérica)

[6] Portanto, o curador tem o dever de ser ele próprio objetivo e, de acordo com o que ele é, assim será o efeito sobre o paciente. Quando um curador trabalha magneticamente e irradia a força da sua alma sobre o paciente, este poderá alcançar o fim desejado com mais facilidade, o que pode ser a cura total ou o estabelecimento de um estado mental que lhe permitirá continuar vivendo com sua dor, sem se ver obstado pelas limitações cármicas do corpo. Ele também poderá habilitar o paciente a alcançar (com alegria e facilidade) a correta liberação do corpo e, através do portal da morte, passar para a completa saúde. (Cura Esotérica)

[7] Alguns membros de cultos de cura e curadores adotam a posição de que é muito importante liberar o veículo físico de doenças e arrebatá-lo dos processos da morte. Talvez seja preferível (e muitas vezes é) deixar que a doença faça o seu trabalho e a morte abra para a alma a porta de saída do aprisionamento. Inevitavelmente chega o momento, para todos os seres encarnados, em que a alma exige liberação do corpo e da vida da forma, e a natureza tem seus próprios e sábios métodos para fazê-lo. Doença e morte devem ser reconhecidas como fatores liberadores, quando se produzem como resultado do momento certo escolhido pela alma. Os estudantes deverão compreender que a forma física é um aglomerado de átomos estruturados em organismos e, finalmente, em um corpo coeso, o qual se mantém unido pela vontade da alma. Retrair essa vontade para o seu próprio plano ou (como expressa a linguagem ocultista) “deixar que o olho da alma se vire para outra direção” faz que, inevitavelmente, sobrevenham a doença e a morte naquele ciclo. Não se trata de um erro mental ou do fracasso de reconhecer a divindade ou de sucumbir ao mal. Na realidade, é a dissolução da natureza forma, em suas partes componentes e essência básica. A doença é essencialmente um aspecto da morte. É o processo pelo qual a natureza material e a forma substancial se preparam para a separação da alma. (Cura Esotérica)

[8] Ninguém jamais voltou dos “portais da morte” quando o carma indica que chegou sua hora; o ciclo de vida no plano físico então termina, a não ser que seja um trabalhador em um Ashram, um discípulo de certa categoria, cujo trabalho e presença ainda sejam necessários na Terra, para concluir uma tarefa que lhe foi atribuída. Então o Mestre do Ashram pode agregar Seu

conhecimento e energia ao curador ou ao paciente, e ensinar um adiamento temporário da partida. Neste caso, nem o curador nem o paciente contam, pois não conhecem a extensão das circunstâncias que o justificam. (Cura Esotérica)

[9] Quando a morte está claramente indicada e o médico e o curador observam os “sinais da morte”, não é necessário que o curador interrompa seu trabalho. Ao continuá-lo, talvez aumente o mal, mas mesmo assim estará ajudando o paciente, acelerando normalmente o ato de morrer. O antigo provérbio “onde há vida há esperança”, não é basicamente válido para todos os casos. A vida pode ser prolongada e muitas vezes é prolongada depois que a alma decidiu se retirar para seu plano. A vida dos átomos dos senhores lunares pode ser nutrida durante longo tempo, e isto aumenta a angústia do homem espiritual, que se dá conta do processo e da intenção da sua alma. O que é mantido vivo é o corpo físico, mas o interesse do verdadeiro homem já não está mais focado nele.

Chega inevitavelmente uma etapa, por exemplo no caso de uma doença maligna, em que o médico sabe que é simplesmente uma questão de tempo, e o curador espiritual pode aprender a reconhecer os mesmos sinais. Então, em vez de médico e curador guardarem silêncio, no que diz respeito ao paciente, este tempo remanescente será empregado (se as faculdades do paciente permitirem) na devida preparação para a “benfazeja e ditosa retirada” da alma; a família e os amigos do paciente participarão da preparação. Nas primeiras etapas da nova religião mundial, será inculcada esta atitude em relação à morte. Todo um novo conceito da morte será ensinado, com ênfase na retirada consciente e os serviços funerários, ou melhor, os serviços de cremação, serão um evento jubiloso, porque apressarão a liberação e o retorno. (Cura Esotérica)

[10] Se me fosse pedido para dizer qual é a principal tarefa de todos os grupos de cura, tal como a Hierarquia gostaria que atuassem no futuro, diria que é preparar os seres humanos para o que poderíamos considerar o aspecto restaurador da morte, dando assim um significado novo e mais feliz ao que até agora foi tido como um temido inimigo do gênero humano. Vocês descobrirão que, se trabalharem nestas linhas de pensamento, o tema da morte será constantemente repetido e o resultado serão novas atitudes com relação à morte e a assimilação de uma venturosa expectativa quando ocorrer tal inevitável e tão conhecido evento. Os grupos de cura devem se preparar para lidar com esta condição básica de tudo que vive, e grande parte de seu trabalho será esclarecer o princípio da morte. A alma, como nos é dito, deve retornar a quem a deu. Até o presente tem sido uma restituição forçada e temida, que engendra medo e faz com que homens e mulheres de todas as partes clamem pela cura do corpo físico, sobre-estimando a sua importância, e levando-os a considerar que o prolongamento da existência terrena é o fator mais importante de suas vidas. No próximo ciclo, tais atitudes erradas devem chegar ao fim; a morte se converterá em um processo normal e compreensível – tão normal como o processo de nascimento, embora evocando menos dor e medo. Este comentário tem a natureza de profecia e assim deve ser considerado. (Cura Esotérica)

PARTE V

Existe uma técnica para morrer, assim como existe uma técnica para de viver...

(Tratado sobre a Magia Branca)

[1] Existe hoje uma grande diferença entre o método científico de trazer as pessoas à encarnação e a maneira totalmente cega, muitas vezes assustadora e certamente ignorante com que as conduzimos para fora da encarnação. Pretendo hoje abrir as portas no Ocidente para um método mais novo e científico de lidar com o processo de morrer, e gostaria de deixar isso bem claro. O que tenho a dizer não invalida, de forma alguma, a ciência médica moderna, com seus cuidados paliativos e sua competência. Tudo o que defendo é uma abordagem sensata em relação à morte; tudo o que pretendo fazer é sugerir que, quando a dor se esgotar e a fraqueza se instalar, seja permitido à pessoa moribunda preparar-se, mesmo que aparentemente inconsciente, para a grande transição. Não se esqueçam de que, para produzir dor, é necessário é preciso força e um domínio firme sobre o mecanismo nervoso. Será impossível para vocês conceber o momento em que o ato de morrer seja o triunfo final da vida? Será impossível visualizar o momento em que as horas transcorridas no leito de morte sejam somente o prelúdio glorioso para uma retirada consciente? Ou quando o fato de que o homem esteja por se desprender do fardo da envoltura física seja para ele e os que o rodeiam a tão esperada e feliz consumação? Não podem visualizar o momento em que em vez de lágrimas e temores e a recusa de reconhecer o inevitável, a pessoa moribunda e seus amigos se ponham de acordo com relação à hora, e somente a felicidade caracterize o trânsito? Que as mentes dos que ficam estejam livres de ideias funestas, e os leitos de morte sejam considerados ocasiões mais felizes que os nascimentos e casamentos? Digo-lhes que dentro de pouco tempo certamente será assim para os mais inteligentes da raça e, pouco a pouco, para todos.

Talvez digam que até o momento, existem apenas crenças sobre a imortalidade e nenhuma evidência concreta. No acúmulo de testemunhos, nas certezas íntimas do coração humano e no fato de que a crença na persistência eterna está presente como uma ideia na mente dos homens, reside uma indicação segura. Mas essa indicação dará lugar à convicção e ao conhecimento antes que mais cem anos se passem, pois ocorrerá um evento e será dada uma revelação à humanidade que transformará a esperança em certeza e a crença em conhecimento. Enquanto isso, que se cultive uma nova atitude em relação à morte e se inaugure uma nova ciência da morte. Que ela deixe de ser a única coisa que não podemos controlar e que inevitavelmente nos derrota, e que comecemos a controlar nossa passagem para o outro lado e a compreender, de alguma maneira, a técnica da transição. (Tratado sobre a Magia Branca)

[2] Em consequência, nesta segunda parte, consideraremos o problema da morte ou da arte de morrer. Trata-se de algo que todas as pessoas gravemente enfermas devem enfrentar inevitavelmente, e os que possuem boa saúde devem se preparar mediante um correto pensar e uma sensata expectativa. A atitude mórbida que a maioria das pessoas adota frente ao tema da morte e sua recusa em considerá-la quando desfrutam de boa saúde é algo que deve ser alterado e mudado deliberadamente. O Cristo demonstrou a correta atitude aos Seus discípulos, quando se referiu à Sua vinda e morte imediata nas mãos dos Seus inimigos, e os repreendeu quando os viu acabrunhados, lembrando a eles que estava indo para o Pai. Sendo um iniciado de alto grau, quis dizer, em termos ocultistas, que “faria a restituição à Mônada”; as pessoas comuns e quem não alcançou o estágio de iniciado de terceiro grau fazem “restituição à alma”. (Cura Esotérica)

[3] O reinado do medo da morte está quase terminado, e entraremos em breve em um período de conhecimento e certezas, que eliminará a base de todos os nossos medos. Ao tratar do medo da morte, pouco se pode fazer, a não ser elevar o tema a um nível mais científico e – neste sentido científico – ensinar as pessoas a morrer. Existe uma arte de morrer, assim como existe uma arte de viver, mas que se perdeu em grande parte no Ocidente e quase totalmente no Oriente, salvo em alguns centros no Oriente formados por Conhecedores. (Tratado sobre a Magia Branca)

[4] O segundo ponto que deve ser captado é que pode haver uma técnica de morrer e um treinamento durante a vida que levará a empregar esta técnica. Com relação ao treinamento a que o homem possa se submeter, darei algumas sugestões que transmitirão um novo significado da maior parte do trabalho que os aspirantes realizam. Os Irmãos Mais Velhos da raça, que guiam a humanidade ao longo dos séculos, estão preparando pessoas para o próximo grande passo a dar, o que trará uma continuidade de consciência que eliminará todo medo da morte e vinculará os planos físico e astral em relação tão estreita que, na realidade, constituirão um só plano. Assim como se há de produzir uma unificação entre os diversos aspectos do homem, também se deve efetuar uma unificação em conexão com os diferentes aspectos da vida planetária. Os planos devem ser unificados, tal como alma e corpo. Isto já se realizou em grande parte entre o plano etérico e o plano físico denso. Agora está se efetuando rapidamente entre o físico e o astral.

No trabalho que os pesquisadores estão realizando em todos os campos do pensamento e da vida humana, esta unificação continua e, no treinamento sugerido aos aspirantes sinceros, há outros objetivos, além de produzir a unificação entre alma e corpo. No entanto, não se acentua nenhum deles, devido à capacidade do homem de enfatizar os objetivos errados. Talvez se possa perguntar se é possível dar uma série de regras simples que sejam seguidas agora por todos aqueles que procuram estabelecer um ritmo tal, que a própria vida seja não apenas ordenada e construtiva, mas que, ao chegar o momento da retirada da envoltura externa, não existam problemas nem dificuldades. Darei, pois, quatro regras simples que se relacionam com muito do que os estudantes fazem atualmente:

1. Aprender a se manter focado na cabeça por meio da visualização e da meditação e da prática constante de concentração; desenvolver a capacidade de viver cada vez mais como o rei sentado no trono entre as sobrancelhas. Esta regra pode ser aplicada aos assuntos diários da vida.

2. Aprender a prestar serviço amoroso e não a insistir emocionalmente em atividades voltadas a cuidar de assuntos alheios. Isto implica, antes de qualquer atividade, em responder a duas perguntas: Estou prestando este serviço a um indivíduo como indivíduo, ou como membro de um grupo a outro? Minha motivação é um impulso egoico ou estou impulsionado pela emoção, pela ambição de sobressair e pelo desejo de ser amado ou admirado? Essas duas atividades terão como resultado a concentração das energias da vida acima do diafragma e, assim, a neutralizar o poder atrativo do plexo solar. Em consequência, aquele centro será cada vez menos ativo e não haverá tanto perigo de romper a rede neste lugar.

3. Aprender a retirar a consciência para a cabeça quando for dormir. Isto deve ser praticado como um exercício preciso ao adormecer. Não se deve permitir um deslizar para o sono, mas procurar manter a consciência intacta até passar conscientemente para o plano astral. Deve-se buscar o relaxamento, a atenção plena e um movimento constante de elevação em direção ao centro da cabeça, porque enquanto o aspirante não tiver aprendido a ser consciente de todos os processos envolvidos no adormecimento e, ao mesmo tempo, a preservar a positividade, esse trabalho apresenta riscos. Os primeiros passos devem ser dados com inteligência e serão seguidos durante muitos anos, até ter facilidade no trabalho de abstração.

4. Registrar e observar todos os fenômenos relacionados ao processo de retirada, seja durante o trabalho de meditação ou ao adormecer. Por exemplo, descobriremos que muitas pessoas despertam sobressaltadas imediatamente após adormecer. A razão é que a consciência se desliza para fora por uma rede que não está bem aberta, e sim por um orifício parcialmente fechado. Outras poderão ouvir um estalido alto na região da cabeça. É causado pelos ares vitais na cabeça, que geralmente não percebemos, produzidos por uma sensibilidade auditiva interna que causa percepção de sons sempre presentes, mas em geral não registrados. Outros verão uma luz quando estão por adormecer, ou nuvens de cores ou bandeiras e flâmulas de cor violeta, todos eles fenômenos etéricos, de não muita importância, que se relacionam com o corpo vital, as emanções prânicas e a rede de luz.

Realizar esta prática e observar estas quatro regras durante anos facilitará grandemente a técnica do leito de morte, porque o homem que aprendeu a manejar seu corpo quando está por adormecer tem uma vantagem sobre quem nunca prestou atenção no processo.

Em relação à técnica de morrer, neste momento só me é possível fazer uma ou duas sugestões. Não me ocupo aqui da atitude dos atentos assistentes, mas dos pontos que tornarão mais fácil a passagem da alma em trânsito.

Primeiro, deve-se guardar silêncio no quarto, o que já se faz com frequência. Devemos lembrar que a pessoa moribunda em geral está inconsciente. Esta inconsciência é aparente, não é real. De novecentos casos em mil há percepção cerebral, com plena consciência do que está ocorrendo, mas existe completa paralisia da vontade de se expressar e total incapacidade de gerar a energia indicadora de vida. Quando o silêncio e a compreensão reinam no quarto do moribundo, a alma que parte pode reter com clareza a posse do seu instrumento até o último minuto e fazer a devida preparação.

No futuro, quando se souber mais sobre as cores, só se permitirá a luz alaranjada no quarto de um moribundo, sendo instalada com uma cerimônia apropriada quando não houver possibilidade de restabelecimento. A cor laranja ajuda o enfoque na cabeça, assim como o vermelho estimula o plexo solar e o verde exerce um efeito definido sobre o coração e as correntes de vida.

Certos tipos de música serão utilizados quando se souber mais sobre o som, mas ainda não existe nenhuma música que facilite o trabalho da alma ao se abstrair do corpo, embora certas notas de um órgão se mostrem eficazes. No momento exato da morte, se for emitida a nota própria da pessoa, as duas correntes de energia se coordenarão e o fio de vida se romperá oportunamente, mas este conhecimento é perigoso demais para ser transmitido e só será possível mais adiante. Gostaria de indicar o futuro e as linhas que os futuros estudos ocultistas deverão seguir.

Será descoberto que a pressão sobre determinados centros nervosos e sobre artérias facilitará o trabalho. (Esta ciência da morte é mantida sob guarda no Tibete, como muitos estudantes sabem). Será descoberto que a pressão sobre a veia jugular e sobre certos grandes nervos na região da cabeça e em um ponto específico do bulbo raquidiano será muito útil e eficaz. Mais tarde se elaborará inevitavelmente uma ciência definida da morte, mas apenas quando a existência da alma for reconhecida e sua relação com o corpo já tiver uma demonstração científica.

Também serão empregadas frases mânticas que serão incorporadas na consciência da pessoa moribunda por aqueles que a circundam, ou deliberada e mentalmente pela própria pessoa. O Cristo o demonstrou quando exclamou em voz alta: “Pai, em Tuas mãos entrego Meu espírito”. E temos outro exemplo nas palavras: “Senhor, agora deixarás Teu servo se ir em paz”. O uso constante da Palavra Sagrada entoada em voz baixa ou em uma nota especial (à qual a pessoa moribunda responda), poderá mais adiante constituir parte do ritual de transição, acompanhado com unção de azeite, segundo se pratica na Igreja Católica. A extrema-unção tem uma base científica oculta. O

alto da cabeça do moribundo também deveria estar simbolicamente voltado para leste e as mãos e os pés deveriam estar cruzados. No quarto só se deveria queimar sândalo e não permitir nenhum outro tipo de incenso, porque o sândalo é o incenso de primeiro raio ou destruidor, e a alma está em processo de destruir sua morada.

Isto é tudo o que posso comunicar por agora sobre o tema da morte, para a consideração do público em geral. Mas exorto-os a ativar o estudo da morte e sua técnica ao máximo possível, e a levar adiante a investigação oculta sobre este tema. (Tratado sobre a Magia Branca)

[5] Voltando à sua instrução, se tiver o interesse de aumentar a capacidade das três atividades – contato, impressão, relação – pode praticar um exercício simples ao se retirar para dormir à noite.

Depois de alcançar uma posição confortável, tanto quanto for possível, procure assumir uma atitude interna de descarte planejado e tranquilo do corpo físico, mantendo todo o conceito no plano mental, compreendendo, porém, que se trata de uma simples atividade cerebral. De nenhuma maneira deve envolver o coração. O seu objetivo é se manter consciente, à medida que retrai a consciência do cérebro e a leva para níveis mais sutis de percepção. Você não está abandonando o corpo físico de maneira permanente, portanto, o fio de vida ancorado no coração não está envolvido. O objetivo é, durante algumas horas e estando revestido com os veículos astral e mental, manter-se *conscientemente* consciente em outra parte. Com determinação, você se torna um ponto de consciência enfocado e interessado, empenhado em emergir da envoltura do corpo físico. Você sustenta este ponto, recusando-se a olhar para trás, para o veículo físico, para as preocupações, os interesses e as circunstâncias da vida diária, aguardando com firmeza o momento em que a sua atitude negativa para o plano físico e a sua atitude positiva para os planos internos tragam um instante de liberação, talvez um lampejo de luz, a percepção de uma via de escape ou o reconhecimento do entorno, mais a eliminação de toda surpresa ou a expectativa de qualquer tipo de fenômeno.

Ao praticar este exercício de abstração, você está simplesmente realizando um processo diário comum. Se conseguir fazê-lo com destreza, quando chegar a hora da morte poderá, automática e facilmente – como o seu corpo físico não oferece resistência alguma, mas permanece tranquilo e negativo – fazer a Grande Transição sem ansiedade ou medo pelo desconhecido. Gostaria de ver todo o grupo praticando este exercício. Implica apenas em manter uma atitude firme, uma determinação fixa de sustentar o ponto de consciência que é o seu Eu permanente, além de uma alerta expectativa. Escolhi estas palavras com cuidado e pediria a vocês que as estudassem com o mesmo cuidado. (Discipulado na Nova Era, Volume 2)

PARTE VI

As pessoas não relacionam a morte com o sono. A morte, afinal, é somente um intervalo mais longo na vida de ação no plano físico; vamos “ao exterior” por um período mais extenso.

(Tratado sobre a Magia Branca)

[1] Para os não evoluídos, a morte é literalmente um sono e um esquecimento, pois a mente não está desperta o suficiente para reagir e os arquivos da memória estão praticamente vazios. (Tratado sobre a Magia Branca)

[2] Para o cidadão comum e bom, a morte é a continuidade do processo da vida na sua consciência, é levar adiante os interesses e tendências da vida. A consciência e o senso de percepção permanecem os mesmos, inalterados. (Tratado sobre a Magia Branca)

[3] Devem ter sempre em conta que a consciência permanece a mesma, esteja em encarnação física ou fora dela, e que o desenvolvimento pode prosseguir, inclusive com mais facilidade em comparação a quando estava limitado e condicionado pela consciência cerebral. (Discipulado na Nova Era, Volume 1)

[4] Com relação à massa humana comum, concentrada em todas as suas atividades e pensamentos no plano físico, o período após a morte é de semiconsciência, de incapacidade de reconhecer o local e de desorientação emocional e mental. No que diz respeito aos discípulos, há ainda contato com as pessoas (geralmente com as quais estavam associados) durante as horas de sono; há ainda recebimento de impressões do ambiente e dos associados e (como na Terra) há ainda o reconhecimento da relação, com a questão da responsabilidade assumida. (Discipulado na Nova Era, Volume 2)

[5] Portanto, considerando o homem comum, quais são as suas primeiras reações e atividades após a restituição do corpo físico ao reservatório universal de substância? Permitam-me enumerar algumas delas:

1. Torna-se conscientemente consciente de si mesmo. Implica em uma clareza de percepção desconhecida para o homem comum quando se encontra em encarnação física.

2. O tempo (sendo a sucessão de eventos registrados pelo cérebro físico) é agora inexistente, tal como entendemos este termo e – à medida que o homem dirige a atenção para o seu eu emocional definido de maneira mais clara – surge *invariavelmente* um momento de contato direto com a alma. Isto se deve ao fato de que, mesmo no caso do homem mais ignorante e subdesenvolvido, o momento da completa restituição não passa inadvertido para a alma. Exerce um efeito egoico definido, algo parecido com um longo e forte puxão dado na corda de um sino, se posso usar esta analogia tão simples. Durante um breve segundo, a alma responde, e a natureza da resposta é tal que o homem, colocado em seu corpo astral, ou melhor, em seu veículo kama-manásico, vê as experiências da recente encarnação se estenderem diante de si, como em um mapa. Registra uma sensação de intemporalidade.

3. Como resultado do reconhecimento de referidas experiências, o homem isola as três experiências que foram os três principais fatores condicionantes na vida que acaba de passar e que contêm a chave da futura encarnação, que iniciará proximamente. Tudo o mais é esquecido e todas as

experiências menores desaparecem da sua memória, nada restando em sua consciência além do que esotericamente é denominado de “as três sementes ou germes do futuro”. Essas três, de maneira característica, relacionam-se com os átomos permanentes físico e astral, produzindo assim a quintupla força criadora das formas que aparecerão mais tarde. Seria possível dizer que:

a. *A primeira semente* determinará mais adiante a natureza do ambiente físico no qual o homem que retorna encontrará seu lugar. Relaciona-se com a qualidade desse ambiente futuro e, assim, condiciona o campo necessário ou área de contato.

b. *A segunda semente* determina a qualidade do corpo etérico, como veículo através do qual as forças de raio podem fazer contato com o corpo físico denso. Delimita a estrutura etérica ou rede vital, pela qual circularão as energias entrantes, e relaciona-se, em particular, com o centro especial, entre os sete, que estará mais ativo e vívido durante a próxima encarnação.

c. *A terceira semente* dá a chave do veículo astral, no qual o homem estará polarizado na encarnação seguinte. Não se esqueçam de que me refiro ao homem comum, não ao ser humano avançado, discípulo ou iniciado. É a semente que – por meio das forças de atração – põe o homem outra vez em relação com quem amou anteriormente ou com quem esteve em contato estreito. Que seja aceita como um fato a ideia de que o grupo rege subjetivamente todas as encarnações e que o homem reencarnado volta à encarnação não só pelo próprio desejo de obter experiências no plano físico, como também pelo impulso grupal, e em linha com o carma grupal e com o seu próprio. Este ponto deveria ser mais acentuado. Quando for verdadeiramente captado e entendido, desaparecerá grande parte do medo que a ideia da morte engendra. O conhecido e o amado continuarão sendo o conhecido e o amado, porque a relação foi estreitamente estabelecida durante muitas encarnações e – segundo expressa *O Antigo Comentário*:

“As sementes que determinam o reconhecimento não são exclusivas em mim e em ti, mas também no grupo; dentro do grupo, os membros se relacionam mutuamente em tempo e espaço. Somente nos três inferiores aqueles que estão relacionados encontram sua verdadeira existência. Quando alma conhecer a alma, e no lugar de encontro dentro do chamado do Mestre, referidas sementes desaparecem”.

Será evidente, portanto, o quanto é necessário treinar as crianças a reconhecerem e se beneficiarem da experiência, pois uma vez aprendida, facilitará grandemente esta terceira atividade no plano astral depois da morte.

4. Tendo completado esta “experiência do isolamento”, o homem buscará então, e automaticamente encontrará, aqueles cuja influência da terceira semente indica que encerram uma parte constante na experiência grupal da qual, consciente ou inconscientemente, ele é um elemento. Uma vez estabelecida novamente a relação (se quem a procura ainda não eliminou o corpo físico), o homem atua, como faria na Terra, em companhia dos seus íntimos e de acordo com seu temperamento e grau de evolução. Se aqueles mais próximos a ele e a quem ama ou odeia profundamente ainda estiverem em encarnação física, ele também os buscará e – assim como fez na Terra – permanecerá nas proximidades deles, consciente de suas atividades, embora (salvo se estiverem muito evoluídos) eles não se deem conta desta presença. Não posso lhes dar nenhum detalhe do dar e tomar recíprocos, nem dos modos e métodos de contato. Cada pessoa é diferente, cada temperamento é extraordinariamente único. Apenas procuro esclarecer determinadas linhas básicas de conduta, seguidas pelo homem antes do ato ou atos de eliminação.

Estas quatro atividades cobrem variados períodos de tempo – do ângulo de “aqueles que vivem no inferior”, embora o homem que vive no plano astral não reconheça o tempo. Gradualmente, a sedução e o espelhismo (de ordem inferior ou superior) se desvanecem, e o homem entra na etapa

em que *sabe* – porque a mente agora está mais incisiva e dominante – que está pronto para a segunda morte e a eliminação total do corpo kâmico ou do veículo kama-manásico. (Cura Esotérica).

[6] Imediatamente após a morte, e em especial se houve a cremação, o homem, em seu corpo kama-manásico, está tão consciente e alerta no seu ambiente como quando estava vivo no plano físico. Esta formulação dá certa elasticidade a respeito da amplitude da percepção e observação; portanto, a mesma elasticidade deve ser tida em conta para aqueles que se encontram no plano físico. Nem toda pessoa está igualmente desperta nem é consciente das circunstâncias ou da experiência imediata. No entanto, como muitas pessoas são mais conscientes emocional que fisicamente, e vivem em grande medida enfocadas em seus veículos astrais, o homem está bastante familiarizado com o estado de consciência em que se encontra. Lembrem-se que um plano é essencialmente um estado de consciência e *não* um lugar, como muitos esoteristas parecem crer. As pessoas autoconscientes reconhecem isto por meio da reação enfocada, porque constantemente, e de maneira característica, são conscientes de si mesmas, sensíveis ao tema de seu ambiente e de seus desejos exteriorizados ou (no que diz respeito às pessoas evoluídas que atuam em níveis mais elevados do plano astral) são sensíveis à exteriorização do amor e à aspiração; o homem é sempre absorvido por aquilo que ocupou sua atenção e envolveu o princípio kâmico durante sua experiência na encarnação. Volto a lembrar que então não há mais cérebro físico que responda aos impactos gerados pelo homem interno e também que o sexo, tal como é entendido no sentido físico, é inexistente. Os espíritas bem fariam em se lembrar disto e se dar conta do disparate e também da impossibilidade desses matrimônios espirituais que certas escolas de pensamento ensinam e praticam. O homem, em seu corpo astral, está agora livre de seus impulsos estritamente animais que, no plano físico, são normais e corretos, mas que agora nada significam para ele em seu corpo kâmico. (Cura Esotérica).

[7] Novamente assinalarei que, ao considerar a consciência da alma que se retira (observem esta frase), quando empreende o ato de restituição, estou tratando de um tema do qual não há nenhuma comprovação física tangível. Às vezes os homens são trazidos novamente à existência no plano físico no preciso instante que se produz a total restituição física. Isto só pode ser feito enquanto a entidade consciente ainda está ocupando o veículo etérico, embora o descarte do corpo físico denso tenha sido concluído com toda intenção e propósito. Embora o corpo etérico interpenetre todo o corpo físico, ele é muito maior que esse corpo, e o corpo astral e a natureza mental podem permanecer ainda etericamente polarizados, mesmo que a morte do corpo físico – a cessação de toda atividade cardíaca e a concentração do enfoque básico etérico na região da cabeça, do coração ou do plexo solar – tenha ocorrido e a retirada já esteja em curso. (Cura Esotérica)

[8] A partir do momento da total separação dos corpos físico denso e do corpo etérico, e à medida que o processo de eliminação é compreendido, o homem é *consciente do passado e do presente*; quando a eliminação é total e chegou o momento de fazer contato com a alma e o veículo manásico está em processo de destruição, ele se torna imediatamente *consciente do futuro*, pois a predição é uma habilidade da consciência da alma, da qual o homem participa temporariamente. Portanto, o passado, o presente e o futuro são vistos como um só; o reconhecimento do Eterno Agora se desenvolve gradualmente de encarnação em encarnação e durante o contínuo processo de renascimento. Trata-se de um estado de consciência (característica do estado normal do homem evoluído) que pode ser denominado devachânico. (Cura Esotérica)

[9] Para o aspirante, a morte é a entrada imediata em uma esfera de serviço e de expressão, à qual está muito acostumado e que de pronto reconhece que não é nova. (Tratado sobre a Magia Branca)

[10] Não tenho a intenção de detalhar a técnica do processo de eliminação. A humanidade está em etapas tão diferentes – intermediárias entre as três já delineadas – que seria impossível definir ou

precisar. O atrito é relativamente fácil de compreender; o corpo kâmico morre porque, não havendo chamado da substância física evocando o desejo, não há nada com o que nutrir este veículo. O corpo astral vem à existência por meio da interação recíproca entre o plano físico, que não é um princípio, e o princípio do desejo; no processo de renascer, este princípio é utilizado com intenção dinâmica pela alma no veículo mental, a fim de reverter o chamado, e a matéria, então, responde ao chamado do homem que reencarna. O homem kâmico, depois de um longo processo de atrito, fica liberado dentro de um veículo mental embrionário; este período de vida semimental é muitíssimo curto e é levado ao fim pela alma que, repentinamente, “dirige o olho àquele que espera”, e pelo poder dessa potência dirigida, reorienta instantaneamente o homem kâmico individual para o caminho descendente do renascimento. O homem kama-manásico aplica um processo de retirada e responde ao “puxão” de um corpo mental em rápido desenvolvimento. Esta retirada é cada vez mais acelerada e dinâmica, até chegar à etapa em que o discípulo probacionário – regido por um crescente contato com a alma – destrói o corpo kama-manásico, *como uma unidade*, por um ato de vontade mental, implementado pela alma. Vocês observarão que a experiência “devachânica” necessariamente será mais breve em relação com esta maioria do que com a minoria kâmica, porque a técnica devachânica de recapitulação e reconhecimento das implicações da experiência, lentamente vai controlando o homem no plano físico, para obter a significação do sentido e aprender constantemente mediante a experiência, enquanto está encarnado. Deste modo, vocês poderão entender que a continuidade da consciência também se desenvolve paulatinamente, e a percepção do homem interno começa a se demonstrar no plano físico, de início por intermédio do cérebro físico e, em seguida, independentemente dessa estrutura material. Transmiti aqui um indício definido sobre um tema que receberá ampla atenção nos próximos duzentos anos.

Na pessoa manásica, a personalidade integrada atua, como vimos, de duas maneiras, que dependem necessariamente da integração conquistada, a qual será de dois tipos:

1. A da personalidade integrada, enfocada na mente e adquirindo uma constante e crescente relação com a alma.
2. O discípulo, cuja personalidade integrada está agora se integrando rapidamente com a alma e sendo absorvida por ela.

Nesta etapa de desenvolvimento da mente e de constante controle mental (com base no fato de que a consciência do homem está agora definitivamente enfocada e centrada de maneira permanente no veículo mental), os processos anteriores à destruição do corpo astral, por meio do atrito e pela “negação dinâmica”, têm continuidade durante a encarnação física. O homem encarnado se recusa a ser regido pelo desejo; o que fica do corpo astral ilusório é então dominado pela mente, e os impulsos para satisfazer o desejo são rejeitados com plena e consciente deliberação, seja devido às ambições egoístas e às intenções mentais da personalidade integrada ou por inspiração da intenção da alma, que subordina a mente a seus propósitos. Quando esta etapa de evolução é atingida, o homem pode dissolver os últimos vestígios remanescentes de todo desejo por meio da *iluminação*. Nas primeiras etapas da vida puramente manásica ou mental, isto se faz por meio da iluminação que o conhecimento proporciona, e envolve principalmente a inata luz da substância mental. Mais adiante, quando a alma e a mente estabelecem uma estreita relação, a luz da alma acelera e complementa o processo. O discípulo passa a utilizar métodos mais ocultistas, mas sobre eles não me estenderei. A destruição do corpo mental deixa de ser produzida pelo poder destruidor da própria luz, e passa a ser acelerado por meio de certos sons que emanam do plano da vontade espiritual; ao finalizar o ciclo de encarnação, eles são reconhecidos pelo discípulo, e algum iniciado avançado do Ashram ou o próprio Mestre, lhe permite utilizá-los em formas-palavras adequadas. (Cura Esotérica)

[11] Chegamos agora ao enunciado de uma nova lei que substitui a Lei da Morte e diz respeito apenas a quem está nas últimas etapas do Caminho do Discipulado ou nas primeiras etapas do Caminho de Iniciação.

LEI X

Escuta, Chela, o chamado que o Filho faz à Mãe e, depois, obedece. A Palavra anuncia que a forma cumpriu seu propósito. O princípio mente (o quinto princípio, A.A.B.) então se organiza e, em seguida, entoa a Palavra. A forma expectante responde e se desprende. A alma é liberada.

Responde, Ascenso, ao chamado que provém da esfera da obrigação; reconhece o chamado que surge do Ashram ou da Câmara do Concílio, onde espera o próprio Senhor da Vida. O Som é emitido. Tanto a alma como a forma devem renunciar ao Princípio de vida e, assim, permitir que a Mônada se libere. A alma responde. A forma então rompe a conexão. A Vida está agora liberada, possui a qualidade do conhecimento consciente e o fruto de todas as experiências. São esses os dons da alma e da forma combinados.

Quis deixar claro em suas mentes, a diferença entre doença e morte, tal como o homem comum as experimenta, e determinados processos correspondentes à dissolução consciente, como são praticados pelo discípulo avançado ou o iniciado. Os processos posteriores envolvem uma técnica que vai se desenvolvendo lentamente, na qual (nas primeiras etapas) o discípulo ainda é vítima da tendência que possui a forma de produzir doença, como acontece com todas as formas da natureza. Esta tendência produz a subsequente morte, passando pelas etapas benignas das doenças e a consequente morte serena, até as etapas em que a morte é produzida por um ato da vontade – na hora e do modo que a alma determina, e conscientemente registrado e plasmado pelo cérebro. Em ambos os casos a dor se manifesta, mas no Caminho de Iniciação, a dor é amplamente anulada, não porque o iniciado se empenhe em evitar a dor, mas porque a sensibilidade da forma aos contatos indesejáveis desaparece, e com ela também desaparece a dor; a dor é a guardiã da forma e a protetora da substância; adverte sobre o perigo; indica certas etapas definidas no processo evolutivo; relaciona-se com o princípio pelo qual a alma se identifica com a substância. Quando cessa a identificação, a dor, a doença e também a morte, perdem o domínio sobre o discípulo; a alma deixa de estar sujeita aos seus requisitos, e o homem fica livre, porque a doença e a morte são qualidades inerentes à forma e estão sujeitas às vicissitudes da vida da forma. (Cura Esotérica)

PARTE VII

É possível que a morte possa ser melhor considerada como a experiência que nos libera da ilusão da forma.

(De Belém ao Calvário)

[1] Os tibetanos se referem ao processo da morte como a "entrada na clara e fria luz ". É possível que a morte possa ser melhor considerada como a experiência que nos libera da ilusão da forma, levando-nos a compreender claramente que, quando falamos de morte, estamos nos referindo a um processo que diz respeito à natureza material, ao corpo, com suas faculdades psíquicas e seus processos mentais. (De Belém ao Calvário)

[2] O erro do homem nesta época consiste em: sua atitude frente à morte e seu sentimento de que o desaparecimento da vida, fora da percepção visual, por intermédio da forma, e a consequente desintegração dessa forma, indicam desastre. (Cura Esotérica)

[3] A destruição da forma na batalha (que dá tanto medo a muitos de vocês) é de pouca importância para aqueles que sabem que a reencarnação é uma lei básica da natureza e que *a morte não existe*. As forças da morte estão lá fora hoje, mas é a morte da liberdade, a morte da livre expressão, a morte da liberdade de ação do homem, a morte da verdade e dos valores espirituais superiores. São estes os fatores vitais na vida humana; a morte da forma física é um fator insignificante em relação a eles, e facilmente corrigido pelos processos do renascimento e nova oportunidade. (A Exteriorização da Hierarquia)

[4] Os estudantes tendem a crer que a morte põe fim às coisas, enquanto que, do ângulo do *fim*, estamos tratando com valores que persistem, com os quais não há interferência, nem pode haver nenhuma, e que contêm em si as sementes da imortalidade. Gostaria que refletissem sobre isto e que soubessem que tudo que é de verdadeiro valor espiritual é persistente, imperecedouro, imortal e eterno. Só morre o que não tem valor, e – do ponto de vista humano – são os fatores que acentuam e assumem importância no que diz respeito à forma; mas esses valores baseados em um princípio e não na aparência, possuem em si o princípio imortal que leva o homem "das portas do nascimento, através das portas da percepção, às portas do propósito", segundo expressa *O Antigo Comentário*. (Cura Esotérica)

[5] Morte e limitação são termos sinônimos. Quando a consciência está concentrada na forma e inteiramente identificada com o princípio da limitação, considera a libertação da vida da forma como morte. Porém, à medida que a evolução prossegue, a consciência se desloca cada vez mais para o claro entendimento do que *não é* a forma, e para o reino do transcendente ou para o mundo do abstrato, isto é, para o que ultrapassou a forma e está centrado em si mesmo. Esta, a propósito, é uma definição de meditação do ângulo da meta e da realização. Um homem pode meditar verdadeiramente quando começa a usar a mente, o reflexo do aspecto Vontade, e a empregá-la em seus três aspectos: como iniciadora de sua entrada no mundo das almas, como condicionadora da vida da sua personalidade, e como o que impõe e afinal ocasiona a plena expressão do propósito da alma. Isto leva à completa vitória sobre a morte. (Astrologia Esotérica)

[6] A própria morte é parte da grande ilusão e só existe devido aos véus com que nos recobrimos. (Discipulado na Nova Era, Volume 1)

[7] O medo da morte e da depressão são para o homem o Morador no Umbral nesta era e ciclo. Ambos indicam que há reação sensória aos fatores psicológicos e que não podem ser tratados mediante o uso de outro fator tal como a coragem. Têm que ser enfrentados mediante a onisciência da alma, que atua através da mente – mas não mediante sua onipotência. Temos aqui uma indicação oculta. (Cura Esotérica)

[8] A preparação para este reino é a tarefa do discipulado e constitui a férrea disciplina do quádruplo Caminho da Iniciação. O trabalho do discípulo é a fundação do reino, sendo que a principal característica dos seus cidadãos é a imortalidade. São membros de uma Raça Imortal, e o último inimigo que vencem é a morte. Atuam conscientemente dentro ou fora do corpo, não importa qual seja; têm a vida eterna, porque há neles aquilo que não pode morrer, pois é da natureza de Deus. (De Belém ao Calvário)

PARTE VIII

A morte é somente um interlúdio em uma vida de contínuo acúmulo de experiências... indica uma transição definida de um estado de consciência para outro.

(De Belém ao Calvário)

[1] A morte, na realidade, é inconsciência daquilo que pode estar atuando em uma ou outra forma, mas em uma forma da qual a entidade espiritual é totalmente inconsciente. (Cura Esotérica)

[2] A morte é, essencialmente, uma questão de consciência. Em certo momento estamos conscientes no plano físico; um momento depois, nos retiramos para outro plano e ficamos ali ativamente conscientes. (Tratado sobre a Magia Branca)

[3] No caso dos iniciados é um tanto diferente, porque com frequência permanecem plenamente conscientes durante o processo da morte. (Cura Esotérica)

[4] ... para Eles, a destruição das formas não é a morte no sentido como nós a entendemos, mas simples e unicamente um processo de liberação. (Cura Esotérica)

[5] A alma, por meio do alinhamento, começa a utilizar o tempo corretamente; ou, melhor dizendo, o cérebro, que é o único fator consciente do tempo no homem, deixa de ser o atributo predominante; a mente, como agente da alma (cuja consciência inclui o passado, o presente e o futuro), vê a vida e a experiência tal como realmente são. Portanto, fala-se da morte como de um episódio e como o ponto de transição em uma vasta série de transições. Quando esta atitude da alma for compreendida, toda a nossa técnica de viver e, eventualmente, de morrer, será totalmente alterada. (Cura Esotérica)

[6] ...consideraremos a morte como outro passo no caminho para a luz e a vida... (De Belém ao Calvário)

[7] Finalmente, nas etapas finais da vida, temos a cristalização da forma, e o homem se dá conta de como é inadequada. Sobrevém então a providencial liberação que chamamos de morte, aquele solene momento em que o “espírito aprisionado” escapa dos muros confinantes da sua forma física. (A Consciência do Átomo)

[8] Refiro-me à morte como a Grande Liberadora que estilhaça as formas que só trazem morte ao que elas incorporam. (Astrologia Esotérica)

[9] ...a morte é o grande Libertador. (Os Raios e as Iniciações)

[10] Tenho dito com frequência que a Hierarquia só atua com a natureza espiritual ou com a alma da humanidade, e que – para o Mestre – a forma é considerada como relativamente destituída de importância. O homem espiritual considera, como o máximo bem, a liberação da tríplice forma, desde que ocorra de acordo com a lei, como resultado do seu destino espiritual e decisão cármica; não deve acontecer como um ato arbitrário, nem como uma escapatória da vida e suas consequências no plano físico, nem como autoimposta. (Cura Esotérica)

[11] É interessante observar que a morte é regida pelo Princípio da Liberação, e não pelo da Limitação. A morte só é reconhecida como um fator que incide sobre as vidas autoconscientes e é

mal interpretada pelos seres humanos, que são os mais propensos às miragens e os mais iludidos de todas as vidas encarnadas. (Tratado sobre a Magia Branca)

[12] A morte... é simplesmente a Portadora de Mudanças. (De Belém ao Calvário)

[13] A própria morte é parte do processo criador de sintetização. (Cura Esotérica)

[14] Falo sobre a Morte como alguém que conhece o tema, tanto pela experiência no mundo externo como pela expressão da vida interna: – A morte não existe. Como bem sabem, há uma entrada em uma vida mais plena. (Tratado sobre a Magia Branca)

[15] A Lei de Morte e Sacrifício rege a gradual desintegração das formas concretas e seu sacrifício para a vida que evolui... (Cura Esotérica)

[16] A Lei de Sacrifício e Morte é o fator controlador no plano físico. A destruição da forma, a fim de que a vida em evolução possa progredir, é um dos métodos fundamentais na evolução. (Cura Esotérica)

[17] Um Mestre aprende o significado de cada forma limitante, assume o controle e exercita a lei no plano consistente com a forma. Tendo transcendido a forma, descartou-a em prol de outras formas superiores. Assim progrediu sempre por meio do sacrifício e da morte da forma. Ela é sempre reconhecida como aprisionamento, deve ser sempre sacrificada e deve morrer para que a vida interna possa se adiantar sempre, para frente e para o alto. O caminho da ressurreição pressupõe a crucificação e a morte e depois leva ao Monte onde se pode fazer a Ascensão. (Cura Esotérica)

[18] O todo deve ser considerado de importância mais vital que a parte, e isto não como um sonho, uma visão, uma teoria, uma quimera, uma hipótese ou um impulso. É entendido como uma necessidade inata e inevitável. Tem a conotação de morte, mas morte como beleza, alegria, espírito em ação e a consumação de todo o bem. (Cura Esotérica)

[19] ...a morte não é mais do que um método de reorientar a energia, antes de iniciar uma atividade para a frente, que conduz de maneira firme e contínua ao aperfeiçoamento. (Cura Esotérica)

[20] ...para uma alma livre, a morte e a apropriação de uma forma e a consequente imersão da vida na forma, são termos sinônimos. (Cura Esotérica).

[21] O medo e a morbidez que o tema da morte evoca de maneira geral, e a pouca disposição de enfrentá-la com compreensão, se devem à ênfase das pessoas no fato do corpo físico e na facilidade com que se identificam com ele; também tem por base um medo inato à solidão e à perda das coisas conhecidas. No entanto, a solidão que ocorre depois da morte, quando o homem vê a si mesmo sem um veículo físico, não se compara em nada com a solidão do nascimento. Ao nascer, a alma se encontra em um novo ambiente, imersa em um corpo que, de início, é totalmente incapaz de cuidar de si mesmo e de estabelecer um contato inteligente com as condições circundantes, e isso durante um longo período. O homem vem à encarnação sem nenhuma lembrança da identidade, ou do que para ele significa o grupo de almas nos corpos com os quais está relacionado; esta solidão desaparece gradualmente, à medida que estabelece os próprios contatos pessoais, descobre os que são compatíveis com ele e, a certa altura, reúne em torno de si aqueles que considera amigos. Depois da morte isso não acontece, porque o homem encontra do outro lado do véu aqueles que conhece e com quem esteve conectado na vida do plano físico, e nunca está só, no sentido como o ser humano entende a solidão; também é consciente dos que ainda se encontram em corpos físicos; é capaz de vê-los, de captar suas emoções e também seus pensamentos, pois como o cérebro físico é inexistente, esse deixa de atuar como impedimento. Se as pessoas tivessem mais conhecimento,

temeriam a experiência do nascimento e não da morte, porque o nascimento encerra a alma na verdadeira prisão e a morte física é apenas o primeiro passo para a liberação. (Cura Esotérica)

PARTE IX

A morte chega ao indivíduo, no sentido comum do termo, quando desaparece do corpo físico a vontade de viver e é substituída pela vontade de abstração. A isto chamamos de morte.

(Os Raios e as Iniciações)

[1] Quando a causa, o desejo, produziu seu efeito, a personalidade ou aspecto forma do homem, a forma persistirá enquanto existir a vontade de viver. Essa forma se mantém em manifestação devido à vitalidade mental. Isto foi demonstrado repetidas vezes nos anais da medicina, pois foi comprovado que enquanto persistir a determinação de viver, assim será a provável duração da vida no plano físico. Mas, do momento em que tal vontade desaparece, ou o interesse do morador do corpo deixa de estar centrado na manifestação da personalidade, produz-se a morte e ocorre a desintegração da imagem mental, o corpo. (Cura Esotérica – Extraído de A Luz da Alma)

[2] O apego é o intenso desejo pela existência senciente, que é inerente a toda forma, é auto-perpetuante e conhecido até pelos mais sábios.

Quando a vida ou Espírito se retira, a forma morre ocultamente. Quando o pensamento do ego ou Eu Superior está ocupado em seu próprio plano, não há energia se exteriorizando na matéria dos três mundos, de maneira que não é possível a construção de formas nem o apego a elas. Isto está de acordo com a verdade oculta de que “energia segue o pensamento” e também em linha com o ensinamento de que o corpo do princípio crístico (o veículo búdico) só começa a se coordenar à medida que os impulsos inferiores vão se desvanecendo. O apego à forma, ou a atração da forma para o Espírito é o grande impulso involutivo. A repulsão da forma e a sua consequente desintegração é o grande impulso evolutivo. (Cura Esotérica – Extraído de A Luz da Alma)

[3] A morte sobrevém como resultado de duas coisas:

1. A luta entre as forças, não entre energia e forças. A área de conflito situa-se no corpo etérico e no corpo físico, e nenhuma energia penetra do exterior, porque o homem se encontra gravemente enfermo.

2. A perda da vontade de viver. O paciente cedeu; a luta interna é muito grande para ele; não é capaz de trazer energia do exterior para combater as forças antagônicas, e chegou à etapa em que não deseja mais fazê-lo. (Cura Esotérica)

[4] Será evidente que este Princípio de Conflito está estreitamente relacionado com a morte. Por morte quero dizer a extração das condições da forma – física, emocional e mental; quero dizer a cessação do contato (temporária ou permanentemente) com a forma física, com a miragem astral e a ilusão mental; quero dizer a rejeição de maya, nome dado ao efeito todo-inclusivo que oprime o homem submerso no materialismo de qualquer tipo e, portanto, dominado (do ângulo da alma) pela vida nos três mundos. É o Princípio de Conflito, latente em todo átomo de substância, que produz, primeiro de tudo, conflito, em seguida, renúncia e, finalmente, emancipação; que produz qualquer tipo de guerra, em seguida, rejeição e, finalmente, liberação. Este princípio, como podem muito bem ver, está estreitamente relacionado com a Lei do Carma; a ele se refere Annie Besant quando fala em um dos seus livros sobre o fato da substância da qual são feitas todas as formas, que – desde a aurora do processo criador – se encontra tingida pelo carma. Há um profundo significado oculto na ideia tantas vezes verbalizada de que a morte é o grande Liberador; significa que o Princípio de

Conflito conseguiu estabelecer condições em que o aspecto espírito é liberado (temporária ou permanentemente) do aprisionamento que é viver em determinado tipo de forma, seja individual ou grupal. (Os Raios e as Iniciações)

[5] É interessante observar que esta incapacidade de expressar “*o verdadeiro*” ou de “ser a Verdade”, é a causa real da morte entre os homens que não chegaram à etapa do discipulado ou ainda não tomaram a primeira iniciação. A alma se cansa de responder à fricção do seu instrumento e opta por concluir a experiência naquela encarnação específica. A morte, portanto, sobrevém como resultado da fricção engendrada. (Cura Esotérica)

[6] Cabe também observar que a morte se produz sob a direção do ego, não importa o quanto o ser humano possa ser desconhecedor desta direção. Na maioria, este processo ocorre automaticamente, pois no momento em que a alma retira a atenção, a reação inevitável no plano físico é a morte, seja pela abstração dos fios duais, de vida e de energia racionadora, seja pela abstração do fio de energia qualificado pela mentalidade, deixando a corrente da vida ainda funcionando através do coração, mas sem nenhuma percepção inteligente. A alma está em outro lugar, ocupada em seu próprio plano e em seus próprios assuntos. (Tratado sobre a Magia Branca)

[7] O destino dos homens é morrer, pois todo homem deve morrer *por instância de sua própria alma*. Quando o homem alcançar uma etapa superior de evolução, ele se retirará do corpo físico com deliberação e uma clara escolha do momento certo. O corpo permanecerá silente e sem alma, desprovido de luz, porém, ileso e íntegro; então se desintegrará de acordo com o processo natural, e os átomos que o constituem voltarão para o “reservatório dos entes que esperam”, até serem novamente requeridos para uso das almas encarnantes. O processo então se repete, novamente, no aspecto subjetivo da vida, mas muitas almas já aprenderam a se retirar do corpo astral sem ficar sujeitas ao “impacto na névoa”, que é uma forma simbólica de descrever a morte de um homem no plano astral. Em seguida, ele se retira para o nível mental e deixa a carcaça astral para dilatar a névoa e aumentar sua densidade. (Cura Esotérica)

[8] A morte, no que diz respeito ao ser humano, cada vez mais se deve à intenção deliberada e à retirada *deliberada da alma*, pressionada por sua própria intenção formulada. Isto é verdade, em certa medida, para todo aquele que morre, exceto para os que possuem uma inteligência de grau tão inferior, que a alma praticamente não é mais que um agente sobrepassante. Para todos que morrem, altamente evoluídos ou não, as etapas posteriores de dissolução se iniciam depois da retirada consciente da alma (consciente por parte da alma e cada vez se tornando mais consciente por parte da pessoa agonizante), que a própria vida planetária assume, pois possui o poder de conferir a morte. (Cura Esotérica)

[9] *Pelo desenvolvimento da boa vontade*, que é a vontade das boas intenções e motivações, sobrevirá a cura das doenças do trato respiratório, dos pulmões e da garganta, a estabilização das células cerebrais, a cura da demência e das obsessões e se obterá equilíbrio e ritmo. Daí derivará a longevidade, pois a morte deveria ser o reconhecimento, por parte da alma, do trabalho consumado e do merecido pralaya, o que só ocorrerá tardiamente e em períodos longos e separados, controlados pela vontade do homem. Ele cessará de respirar quando tiver terminado seu trabalho, enviando então os átomos de seu corpo para o pralaya. É este o sono do físico, o fim da manifestação e o significado oculto disto ainda não está compreendido. (Cura Esotérica)

[10] Peço a vocês que se lembrem de que em todas estas considerações estamos tratando das reações e atividades da alma, quando deliberadamente atrai para si seu aspecto encarnado, por ter concluído um ciclo de vida. O término desse ciclo pode ser longo ou curto, de acordo com os propósitos envolvidos; pode abranger apenas uns poucos anos ou um século. Antes do sétimo ano, a vitalidade do elemental físico constitui amplamente o fator determinante. A alma está então

enfocada no corpo etérico, mas não utilizando plenamente todos os centros; exerce apenas um brando controle pulsante e uma tênue atividade impulsionadora – suficiente para manter a consciência, vitalizar os diversos processos físicos e iniciar a manifestação do caráter e as inclinações, as quais vão se acentuando cada vez mais até os vinte e um anos, quando estabilizam no que chamamos de personalidade. No caso dos discípulos, o controle da alma sobre os centros etéricos será mais potente desde o início da existência física. Por volta dos quatorze anos, a qualidade e a natureza da alma encarnada e sua idade aproximada ou experiência estão determinadas, os elementais físico, astral e mental estão sob controle e a alma, o homem espiritual que mora internamente, já determina as tendências e escolhas da vida. (Cura Esotérica)

[11] Na família humana, a morte sobrevém quando a alma retrai os fios de consciência e de vida; este processo de morte, porém, está contido inteiramente nos três mundos. A alma, como bem sabem, situa-se nos níveis superiores do plano mental. Em conexão com as formas de expressão às quais me referi acima – ciclos, civilizações, culturas, raças, reinos da natureza e assim por diante – a destruição é provocada por fontes mais elevadas que os três mundos nos quais se manifestam. Tal destruição ocorre sob a direção de Shamballa, ao evocar a vontade da Hierarquia, ou de algum Ashram específico, ou de determinado membro da Hierarquia, a fim de produzir um resultado predeterminado nos três mundos, de acordo com o propósito de Deus. Seria possível dizer (com certa medida de exatidão esotérica) que a destruição produzida em obediência a esta quarta palavra da Regra Quatorze é a destruição de algum aspecto do plano, quando em operação nos três mundos, de acordo com o propósito e a intenção divinos.

Externamente, esta destruição não é tão conclusiva como a morte de um homem – no plano físico – embora, em essência, o processo não seja consumado com toda a rapidez como em geral se supõe. A forma física pode morrer e desaparecer, mas sobrevém em seguida um processo interno de morte dos corpos sutis, e o processo da morte não se conclui até que os corpos astral e mental tenham se desintegrado e o homem permaneça livre em seu corpo causal ou egoico. E assim é, em maior escala, com a morte ou destruição das fases do Plano divino, engenhadas pela Hierarquia em conformidade com o Propósito divino. Há uma superposição entre os processos de construção e de destruição. As civilizações moribundas estão presentes em suas formas finais, ao mesmo tempo em que as novas civilizações vão emergindo; os ciclos vêm e vão e, ao desaparecer, se sobrepõem; o mesmo é válido para o surgimento e o desaparecimento de raios e raças. A morte, em última análise, e do ponto de vista do ser humano comum, é simplesmente o desaparecimento do plano físico – o plano das aparências. (Os Raios e as Iniciações)

PARTE X

À medida que a humanidade vai se tornando consciente da alma... a morte será vista como um processo “comandado”, realizado com plena consciência e compreensão do propósito cíclico.

(Cura Esotérica)

[1] No livro *Um Tratado sobre Magia Branca* já tratei do tema da morte, concentrando-me principalmente nos processos físicos da morte e o fazendo do ponto de vista do espectador ou observador. Procurei indicar qual deveria ser a atitude do espectador. Aqui gostaria de apresentar um quadro um tanto diferente, indicando o que sabe a alma que parte. Se envolver repetição do que já sabem, ainda assim há certas repetições e enunciados fundamentais que desejo formular novamente. Permitam-me expor brevemente, de maneira esquemática. Considerem como fundamentais e reais.

1. Chegou o momento em que a alma encarnante deve partir.

No passado, a alma:

a. se apropriou de um corpo físico de certa qualidade, adequado para os requisitos e a idade dessa alma;

b. energizou o corpo físico por meio do corpo etérico, dessa maneira impulsionando-o para uma atividade vital necessária para a extensão do prazo estabelecido pela alma para efetuar seu trabalho físico.

2. Duas correntes principais de energia penetram no corpo físico e produzem sua atividade, sua qualidade e tipo de expressão, além da impressão que exerce sobre o ambiente:

a. *A corrente de vida dinâmica.* Ancora-se no coração. Esta corrente de energia dinâmica penetra no corpo, pela cabeça, e desce até o coração, onde se concentra durante o ciclo de vida. Uma corrente menor de energia universal ou prana, distinta da força de vida individualizada, penetra no corpo físico pelo baço. Em seguida, sobe até o coração para se unir com a corrente de vida maior e mais importante. A corrente de vida energiza e mantém o corpo físico integrado de maneira coesa. A corrente de energia prânica vitaliza os átomos e as células individuais com os quais o corpo é composto.

b. *A corrente de consciência individual.* Ancora-se na cabeça; é um aspecto da alma, revela o tipo de consciência que, por sua vez, é indicativa da etapa alcançada na evolução. Esta corrente de energia também atua em conexão com a corrente de força da personalidade; esta força se caracteriza pelo desejo (sensibilidade emocional ou astral) e penetra no corpo físico pelo centro plexo solar, o qual relaciona o homem com o plano astral e, portanto, com o mundo do espelhismo. No que diz respeito às pessoas não evoluídas e no homem de tipo comum, o plexo solar é o foco de consciência e a energia é registrada pelo ponto focal da consciência situado na cabeça, sem qualquer reconhecimento. Por esta razão (no momento da morte), a alma sai do corpo pelo plexo solar e não pela cabeça. No caso do homem evoluído, o indivíduo de tipo mental e do aspirante, discípulo ou iniciado, o fio da consciência se retirará do corpo pela cabeça.

3. A alma grupal de todas as formas do reino animal – nos termos da Lei de Atração – retrai o princípio vida de qualquer forma física específica pelo plexo solar, que é o cérebro do animal comum. Os animais muito evoluídos e os animais domésticos estão começando a utilizar o cérebro em maior ou menor grau, mas o princípio vida e o aspecto sensível, ou consciência animal, ainda se retira pelo plexo solar. Temos, pois, em todas as etapas do processo evolutivo, certos triângulos de energia interessantes:

a. No caso dos animais e dos seres humanos que são pouco mais que animais, dos deficientes mentais e de certos homens que parecem ter nascido sem nenhum ponto centralizado de consciência individual, é importante a seguinte triplicidade:

- A alma grupal
- O plexo solar
- O centro esplênico ou prânico

b. Nos seres humanos de grau inferior, mas individualizados, e na pessoa comum de tipo emocional, a seguinte triplicidade deve ser observada:

- A alma
- O centro coronário
- O plexo solar

c. Nas pessoas muito evoluídas e nos que se encontram no Caminho do Discipulado, o seguinte triângulo está ativo no momento da morte:

- A alma
- O centro coronário
- O centro ajna.

Em conexão com estas triplicidades há uma inter-relação dual com o princípio vida:

- a. O coração, onde está enfocada a vida da alma na forma.
- b. O baço, através do qual passa, constante e ritmicamente, a essência de vida universal ou prana.

Todo o tema é, decerto, muito obscuro e, para os que ainda se encontram nos níveis estritamente humanos, inverificável. No entanto, a aceitação dos três pontos mencionados acima, que hoje são hipotéticos, ajudarão a esclarecer a mente com relação ao tema da restituição de que estamos tratando.

4. O ponto seguinte não necessita de comprovação, porque é de aceitação geral. Segundo ele, o desejo rege o processo da morte, como também os processos de experiência de vida. Dizemos constantemente que, quando falta vontade de viver, a morte é o resultado inevitável. Esta vontade de viver, ou a tenacidade do corpo físico, atuando como um ser elemental ou como a intenção dirigida da alma, é um aspecto do desejo, ou melhor, é uma reação da vontade espiritual no plano físico. Portanto, há uma relação de entrelaçamento entre:

- a. A alma em seu próprio plano.
- b. O corpo astral.
- c. O centro plexo solar.

Esta relação até agora recebeu pouca atenção no que diz respeito à Arte de Morrer. Todavia, merece uma cuidadosa reflexão. (Cura Esotérica)

[2] O processo da MORTE, em termos ocultos, é o seguinte:

a. A primeira etapa é a retirada da força vital contida no veículo etérico do corpo físico denso e a consequente “queda na corrupção”, tendo início a “dispersão dos elementos”. O homem objetivo desaparece e deixa de ser visto pelo olho físico, embora ainda esteja em seu corpo etérico. Quando a visão etérica estiver desenvolvida, a ideia da morte assumirá proporções muito diferentes. Quando a maioria da raça for capaz de ver um homem atuando em seu corpo físico-etérico, o abandono do corpo denso será considerado apenas como uma “liberação”.

b. A segunda etapa consiste em retirar a força vital do corpo etérico e em desvitalizá-lo...

c. A terceira etapa consiste em retirar a força vital da forma astral ou emocional, para que esta seja desintegrada de maneira similar e a vida seja centralizada em outro lugar. Ela ganhou um aumento de vitalidade por meio da existência no plano físico, e adicionou cores por meio da experiência emocional.

d. A etapa final para o ser humano consiste em ser retirado do veículo mental. As forças vitais, depois desta quádrupla abstração, centralizam-se inteiramente na alma. (Cura Esotérica)

[3] Creio que o melhor que posso fazer, a fim de esclarecer este tópico de maneira mais completa, é descrever a sequência dos acontecimentos que ocorrem no leito de morte, lembrando a vocês que os pontos de abstração final são três: a cabeça, para os discípulos e iniciados, como também para os tipos mentais avançados; o coração, para os aspirantes, as pessoas de boa vontade e todos aqueles que alcançaram certa medida de integridade da personalidade e estão procurando cumprir a lei do amor, até onde lhes é possível; e o plexo solar, para as pessoas não desenvolvidas e polarizadas emocionalmente. Tudo o que posso fazer é relacionar as etapas do processo, deixando que as aceitem como hipóteses possíveis e interessantes que esperam comprovação; que creiam nelas, sem questionamentos, porque têm confiança em meu conhecimento, ou que as rejeitem como fantásticas, inverossímeis e sem importância alguma. Recomendo o primeiro dos três, pois lhes permitirá manter a integridade mental, indicará uma mente aberta e, ao mesmo tempo, os protegerá da credulidade e da estreiteza mental. Assim, as etapas são:

1. *A Alma emite uma “palavra de retirada”* do seu próprio plano e, imediatamente, é evocado no homem no plano físico um processo e reação interior.

a. Ocorrem *certos eventos fisiológicos* onde está situada a doença, em conexão com o coração, afetando também os três grandes sistemas que tão poderosamente condicionam o homem físico: a corrente sanguínea, o sistema nervoso em suas diversas expressões, e o sistema endócrino. Não me ocuparei destes efeitos. A patologia da morte é bem conhecida e foi muito estudada exotericamente; muito ainda resta por descobrir e será descoberto mais adiante. Estou tratando, primeiramente, das reações subjetivas que, em última análise, produzem a predisposição patológica para a morte.

b. *Uma vibração corre ao longo dos nadis*. Os nadis são, como bem sabem, a contraparte etérica de todo o sistema nervoso e subjazem em todo nervo, em todo o corpo físico. São os agentes, por excelência, dos impulsos diretores da alma, reagindo à atividade vibratória que emana da contraparte etérica do cérebro. Respondem à Palavra diretora, reagem ao “puxão” da alma e, em seguida, organizam-se para a abstração.

c. *A corrente sanguínea é afetada* de maneira oculta característica. É dito que o “sangue é vida”; ele é modificado interiormente, em consequência das duas etapas anteriores, mas principalmente como resultado de uma atividade, ainda não descoberta pela ciência moderna, da qual o sistema glandular

é responsável. As glândulas, em resposta ao chamado da morte, injetam uma substância na corrente sanguínea, a qual, por sua vez, afeta o coração. Ali está ancorado o fio de vida; esta substância no sangue é considerada como a “produtora da morte” e uma das causas básicas do estado de coma e da perda de consciência. Evoca uma ação reflexa no cérebro. Esta substância e seu efeito ainda serão questionados pela medicina ortodoxa, mas posteriormente sua presença será reconhecida.

d. *Produz-se um tremor psíquico*, cujo efeito é afrouxar ou romper a conexão entre os nadis e o sistema nervoso; assim o corpo etérico se desprende da sua envoltura densa, embora ainda interpenetre cada uma de suas partes.

2. *Muitas vezes se produz uma pausa* neste ponto, de duração curta ou longa. Isto é permitido, a fim de que o processo de afrouxamento se realize da maneira mais suave e sem dor possível. Referido afrouxamento dos nadis começa nos olhos. Este processo de desprendimento muitas vezes se demonstra no relaxamento e falta de medo que o moribundo comumente mostra; ele manifesta uma condição de paz e disposição de se ir, além da incapacidade de fazer um esforço mental. Pareceria que o moribundo, ainda conservando sua consciência, reunisse todos os seus recursos para a abstração final. É a etapa em que – quando o medo da morte tiver sido removido de uma vez por todas da mente racial – os amigos e parentes “celebrarão um festival” para o moribundo e se alegrarão com ele porque está abandonando o corpo. Atualmente, isso não é possível, pois prevalece a angústia, e esta etapa passa ignorada e não é utilizada, como será algum dia.

3. *Em seguida, o corpo etérico organizado*, desprendido de toda relação nervosa, devido à ação dos nadis, *começa a se congrega*r para a partida final. Ele se retira das extremidades para a devida “porta de saída”, concentrando-se na área em torno dessa porta, esperando o “puxão” final da alma que dirige. Até este ponto, tudo se processou de acordo com a Lei de Atração – a vontade magnética e atrativa da alma. Agora, outro “puxão” ou impulso atrativo se faz sentir. O corpo físico denso, a totalidade dos órgãos, células e átomos vão se liberando progressivamente da potência integradora do corpo vital pela ação dos nadis, e começam a responder ao puxão atrativo da própria matéria. Isto foi chamado de puxão da “terra” e é exercido por essa misteriosa entidade que chamamos de “espírito da terra”; tal entidade se encontra no arco involutivo e é para o nosso planeta o que o elemental físico é para o corpo físico do homem. Esta força de vida do plano físico é essencialmente a vida e a luz da substância atômica – a matéria de que são feitas todas as formas. A substância de todas as formas é devolvida a este reservatório de vida material e involutiva. A restituição da matéria de que a alma se apropriou na forma que ocupa durante um ciclo de vida, consiste em devolver a este “César”, do mundo involutivo, o que lhe pertence, enquanto a alma retorna ao Deus que a enviou.

É evidente, portanto, que nesta etapa se realiza um processo dual de atração:

- a. O corpo vital está se preparando para sair.
- b. O corpo físico está respondendo à dissolução.

Acrescente-se que uma terceira atividade também está presente. É a do homem consciente, retraindo a consciência, progressiva e gradualmente, para os veículos astral e mental, como preparação para a total abstração do corpo etérico, quando chegar o momento certo. O homem vai se tornando cada vez mais desapegado do plano físico e mais retraído em si mesmo. No caso de uma pessoa avançada, este processo é realizado conscientemente, e o homem mantém seu interesse vital e a percepção de suas relações com os demais, embora vá perdendo o comando sobre a existência física. Na velhice, este desapego pode ser visto mais facilmente do que na morte por doença, e com frequência é possível observar que a alma ou o homem interno, vivo, interessado, perde a sujeição ao físico e, portanto, à realidade ilusória.

4. *Novamente se produz uma pausa.* Neste ponto, o elemental físico às vezes pode recobrar seu domínio sobre o corpo etérico, se a alma o considerar desejável e se a morte não for parte do plano interno, ou se o elemental físico for tão poderoso que seja capaz de prolongar o processo de morrer. Esta vida elemental às vezes trava uma batalha que dura dias e semanas. No entanto, quando a morte é inevitável, a pausa neste ponto será muito breve e, às vezes, apenas uma questão de segundos. O elemental físico perdeu sua posse e o corpo etérico espera o “puxão” final da alma, atuando de acordo com a Lei de Atração.

5. *O corpo etérico sai do corpo físico denso* em etapas graduais e por um ponto de saída escolhido. Quando termina de sair, o corpo vital assume então os vagos contornos da forma que energizou, fazendo-o sob a influência da forma-pensamento de si mesmo, que o homem construiu, durante anos. Esta forma-pensamento existe no caso de todo ser humano, e deve ser destruída antes que a segunda etapa de eliminação termine, e sobre isso me referirei mais adiante. Embora liberado da prisão do corpo físico, o corpo etérico ainda não está livre da sua influência. Existe ainda uma leve relação entre ambos, a qual mantém o homem espiritual perto do corpo que acaba de ser abandonado. É por esta razão que os clarividentes muitas vezes alegam ter visto o corpo etérico pairando em torno do leito de morte ou do caixão. Ainda interpenetrando o corpo etérico encontram-se as energias integradas que chamamos de corpo astral e veículo mental, e no centro há um ponto de luz que indica a presença da alma.

6. *O corpo etérico se dispersa gradualmente,* à medida que as energias que o compõem se reorganizam e se retiram, deixando apenas a substância prânica que se identifica com o veículo etérico do próprio planeta. Estes processos de dispersão, como disse antes, são grandemente auxiliados pela cremação. No caso de uma pessoa não evoluída, o corpo etérico pode permanecer durante um longo tempo nas proximidades do envoltório externo em desintegração, porque o puxão da alma não é potente e o aspecto material é. Quando se trata de uma pessoa avançada e, portanto, desligada, em pensamento, do plano físico, a dissolução do corpo vital pode ser bastante rápida. Isto feito, o processo de restituição chega ao fim; o homem está liberado, temporariamente pelo menos, de toda reação provocada pelo puxão atrativo da matéria física; ele permanece em seus corpos sutis, pronto para o grande ato ao qual dei o nome de “A Arte da Eliminação”.

Ao concluirmos esta inadequada explicação da morte do corpo físico, em seus dois aspectos, surge um pensamento: a integridade do homem interno. *Ele permanece.* Está intacto e desimpedido: é um agente livre no que diz respeito ao plano físico, e agora responde apenas a três fatores predisponentes:

1. A qualidade do seu instrumental astral-emocional.
2. A condição mental em que vive habitualmente.
3. A voz da alma, muitas vezes pouco conhecida, mas, às vezes, muito conhecida e amada.

A individualidade não é perdida, trata-se da mesma pessoa, ainda presente no planeta. Desapareceu apenas o que era parte integrante da aparência tangível do nosso planeta. Aquele que foi amado ou odiado, que foi útil para a humanidade ou dependente dela, que serviu à raça ou foi um membro improdutivo, ainda persiste, ainda está em contato com os processos qualitativos e mentais da existência, e permanecerá eternamente – individual, qualificado pelo tipo de raio, parte do reino das almas e um alto iniciado por direito próprio. (Cura Esotérica)

[4] Antes de abordar este tema com mais detalhes, gostaria de me referir à “rede do cérebro”, intacta na maioria, mas inexistente no vidente iluminado.

No corpo humano, como sabemos, temos um corpo vital subjacente e interpenetrante, contraparte do físico e maior do que este, denominado corpo etérico ou duplo etérico. É um corpo de energias,

composto de centros de força e nadis ou fios de força, que subjazem ou são a contraparte do sistema nervoso – os nervos e os gânglios nervosos. Em dois lugares do corpo vital humano há *orifícios de saída* para a força vital. Uma abertura está no plexo solar e a outra no cérebro, no alto da cabeça. Protegendo ambas, há uma rede solidamente tecida de matéria etérica, composta de filamentos entrelaçados de energia vital.

Durante o processo da morte, a pressão da energia vital, golpeando contra esta rede, produz finalmente uma ruptura ou abertura. A força vital sai por esta abertura, à medida que aumenta a potente influência abstrativa da alma. No caso dos animais, crianças, homens e mulheres completamente polarizados nos corpos físico e astral, a porta de saída está no plexo solar, e é esta a rede que se perfura e permite a saída da força vital. No caso de tipos mentais, das unidades humanas mais desenvolvidas, a rede se rompe no alto da cabeça ou região da fontanela, permitindo assim a saída do ser racional pensante.

Nos psíquicos e no caso dos médiuns e videntes inferiores (pessoas clarividentes e clariaudientes), a trama do plexo solar sofre uma ruptura permanente muito cedo e, por isso, eles entram e saem facilmente do corpo, entrando em transe, como se costuma dizer, e atuam no plano astral. Mas para eles não há continuidade de consciência e parece não haver relação entre sua existência no plano físico e os acontecimentos que relatam quando estão em transe, e dos quais são, em geral, totalmente inconscientes na consciência vigílica. Toda a ação acontece abaixo do diafragma e se relaciona principalmente com a vida animal sensória. No caso de clarividência consciente e no trabalho dos psíquicos e videntes mais elevados, não há transe, nem obsessão ou mediunidade. É a rede do cérebro que se rompe, e a abertura nesta região permite a entrada de luz, informações e inspiração; também confere o poder de passar para o estado de Samadhi, que é a correspondência espiritual do transe na natureza animal.

No processo da morte há, pois, duas saídas principais: o centro plexo solar para os seres humanos polarizados astralmente, predispostos fisicamente e, portanto, a grande maioria, e o centro da cabeça para os polarizados mentalmente e os seres humanos de orientação espiritual. Este é o fato mais importante e o primeiro que é preciso lembrar, e será fácil observar como a tendência de uma vida e o enfoque da atenção na vida determinam o modo de saída no processo da morte. Também se pode ver que o esforço por controlar a vida astral e a natureza emocional, e orientar a si mesmo para o mundo mental e as coisas espirituais, exercem um efeito importante sobre os aspectos fenomênicos do processo da morte.

Se o estudante estiver pensando com clareza, ficará evidente para ele que uma saída diz respeito ao homem espiritual e altamente evoluído, enquanto a outra cabe ao ser humano de grau inferior, que pouco avançou além da etapa animal. O que acontece então com o homem comum? Há uma terceira saída, que é utilizada agora, temporariamente; justo por baixo do ápice do coração há outra rede etérica que cobre um orifício de saída. Temos, portanto, a seguinte situação:

1. A saída na cabeça, utilizada pelo tipo intelectual, pelos discípulos e iniciados do mundo.
2. A saída no coração, utilizada pelos homens e mulheres de boa índole, decentes, bons cidadãos, amigos inteligentes e trabalhadores filantrópicos.
3. A saída na região do plexo solar, utilizada pelas pessoas emocionais, incultas, irreflexivas, e por aqueles cuja natureza animal é muito pronunciada.

Este é o primeiro ponto da nova informação que lentamente se tornará de conhecimento comum no Ocidente no próximo século, a qual, na maior parte, é conhecida pelos pensadores do Oriente e é

um primeiro passo para a compreensão racional do processo da morte. (Tratado sobre a Magia Branca)

[5] Nas páginas anteriores procurei dar uma visão da verdadeira natureza do que chamamos de morte. A morte é a retirada, consciente ou inconsciente, da entidade interna viva do seu envoltório externo, sua correspondência vital interna e, finalmente, a morte é o abandono do corpo ou corpos sutis, de acordo com o grau de evolução da pessoa. Também procurei mostrar a normalidade deste processo familiar. O horror que acompanha a morte no campo de batalha ou por acidente se deve ao choque produzido na área do corpo etérico, necessitando de um rápido reajuste das forças constituintes e de uma súbita e inesperada reintegração de suas partes componentes em resposta a uma ação definida que o homem, necessariamente, tem que tomar em seu corpo kama-manásico. Esta ação não implica em recolocar o homem interno dentro do veículo etérico, requer a reunião dos aspectos dispersos desse corpo, de acordo com a Lei de Atração, para que possa ter lugar a dissolução final e total. (Cura Esotérica)

[6] Além disso, o processo de morte pode ser visto como uma atividade dual e que toca, principalmente, o corpo etérico. Primeiro há o recolhimento e a retirada da substância etérica, de maneira que deixa de interpenetrar o organismo físico denso, seguindo-se a sua *densificação* (palavra que escolho deliberadamente) na região do corpo etérico, que sempre circundou o veículo denso, mas não o penetrou. Foi chamada às vezes e erradamente de aura da saúde, e pode ser fotografada com mais facilidade e êxito, mais que em qualquer outro momento, durante o processo de morte, porque as forças em retirada se acumulam em várias polegadas na parte externa do corpo tangível. É neste ponto da experiência de retirada da alma que é pronunciada a “palavra da morte” e, antes desta palavra ser enunciada, é possível o retorno à vida física, e as forças etéricas retiradas podem interpenetrar o corpo novamente. A relação com todas as forças retiradas é retida, até este ponto, por meio da cabeça, do coração ou do plexo solar, como também por dois centros menores do peito.

Durante todo este tempo a consciência do moribundo está enfocada no corpo emocional (astral) ou no veículo mental, de acordo com o grau de evolução. Não está inconsciente, como poderá parecer ao observador, mas plenamente consciente do que está ocorrendo. Se está fortemente focado na vida do plano físico, e se ela é o desejo dominante do qual é mais cômico, o conflito poderá se intensificar; teremos então o elemental físico batalhando furiosamente pela existência, a natureza de desejos lutando para retardar o processo da morte e a alma empenhada em realizar o trabalho de abstração e restituição. Isto pode ocasionar, e muitas vezes acontece, uma luta evidente para os observadores. À medida que a raça humana progride e se desenvolve, esta tríplice luta vai se tornar mais rara; o desejo pela existência do plano físico não parecerá tão atraente e a atividade do corpo astral se extinguirá. (Cura Esotérica)

[7] Há uma grande energia de abstração que denominamos Morte, cuja influência em um dado momento se mostra mais potente do que as influências unidas dos átomos e células do corpo. Ela causa a tendência para retirar, e finalmente abstrair, a energia da alma, que se vale dessas potências durante o processo de descarte de um veículo em um plano ou outro. Seria possível dizer que as sementes da morte (o germe da morte) estão latentes no planeta e nas formas. (Cura Esotérica)

[8] São os centros que mantêm o corpo unido e fazem dele um todo coeso, energizado e ativo. Como bem sabem, quando a morte sobrevém, o fio de consciência se retira do centro coronário e o fio de vida se retira do centro cardíaco. O que não foi acentuado é que essa retirada dual exerce um efeito sobre todos os centros do corpo. O fio de consciência, ancorado no centro coronário, qualifica as pétalas do loto que a literatura oriental denomina de “loto de mil pétalas”, e as pétalas desse loto têm uma relação e exercem um efeito qualificador definido (irradiante e magnético) sobre as pétalas de cada um dos outros centros maiores dentro do corpo etérico; o centro coronário os mantém em

uma atividade qualificadora e, quando esta qualidade de resposta consciente é retirada do centro coronário, sente-se um efeito imediato nas pétalas de todos os centros; a energia qualificadora é retirada, saindo do corpo por intermédio do centro coronário. A mesma técnica geral é válida para o fio da vida ancorado no coração, depois de passar (juntamente com o fio da consciência) por dentro e através do centro da cabeça. Enquanto o fio da vida estiver ancorado no coração, ele energiza e mantém com plena vividade todos os centros do corpo, mandando seus fios de vida até um ponto situado no exato centro do loto, ou no coração do centro. Este por vezes é denominado de “joia no loto”, embora esta frase se aplique com mais frequência ao ponto monádico no coração do loto egoico em seu próprio plano. Quando ocorre a morte e o fio de vida é recolhido pela alma, retirado do coração e levado para a cabeça e dali de volta para o corpo da alma, ele leva consigo a vida de cada centro do corpo; em consequência, o corpo morre e se desintegra, e deixa de ser um todo coeso, consciente e vivo. (Cura Esotérica)

[9] As forças etéricas são primeiramente retiradas para a extensão circundante do círculo etérico intransponível, antes da dissipação final que libera o homem, como alma humana, dentro do círculo intransponível de seu veículo astral. Temos aqui um aspecto um tanto novo do processo da morte. A retirada do corpo etérico do corpo físico denso que ocupava foi com frequência verificado e evidenciado. Contudo, mesmo com isso realizado, a morte ainda não está concluída, pois ainda aguarda uma atividade secundária da vontade da alma, a qual resultará na dissolução de todas as forças etéricas dentro de uma fonte emanante, a reserva geral de forças. Lembrem-se de que o corpo etérico não tem uma vida própria que o caracterize. Ele é apenas uma liga de todas as forças e energias que animam o corpo físico e o impulsionam para a atividade durante o ciclo de vida externa. Lembrem-se também que os cinco centros ao longo da coluna vertebral não estão dentro do corpo físico, mas em certos lugares característicos na substância etérica correspondente; encontram-se (mesmo no caso do homem pouco evoluído, e muito especialmente no homem comum) pelo menos a duas polegadas¹ da coluna vertebral física. Os três centros da cabeça também se situam fora do corpo físico denso. Ter isso em mente facilitará a compreensão da afirmação de que, embora o corpo físico esteja, por si só, desocupado quando a morte é certificada pelos assistentes autorizados, não obstante talvez o indivíduo não esteja realmente morto. Gostaria de lembrar que isto também é válido para os inúmeros centros menores, tanto quanto para os maiores, que conhecemos bem.

Os últimos centros menores que “se desvanecem na inexistência”, com o fim de se dissolverem na totalidade da substância etérica são dois, estreitamente relacionados com a região dos pulmões e ali situados. É sobre esses dois centros que a alma atua quando, por alguma razão, se faz com que volte ao corpo físico denso. Eles voltam a uma atividade de resposta ou curso, e o alento da vida retorna à forma física desocupada. A realização inconsciente disso é o que fomenta o processo que ocorre normalmente em todos os casos de afogamento ou asfixia. Quando um homem sucumbe à doença e o corpo físico, portanto, está debilitado, esses exercícios restauradores não são possíveis nem devem ser empregados. Nos casos de morte súbita por acidente, suicídio, assassinato, ataques cardíacos repentinos ou guerra, o choque é de tal natureza que o processo um tanto lento de retirada da alma, é inteiramente neutralizado e a desocupação do corpo físico e a total dissolução do corpo etérico são praticamente simultâneos. Nos casos normais de morte por doença, a retirada é lenta e (quando a virulência da doença não produziu uma deterioração excessiva do organismo físico envolvido) há a possibilidade de um retorno, por um período curto ou prolongado, o que acontece, muitas vezes, em especial quando a vontade de viver é forte ou a tarefa da vida ainda está inacabada ou não foi devidamente concluída. (Cura Esotérica)

[10] As mudanças produzidas nos centros quando a morte do corpo físico está acontecendo nunca foram observadas nem registradas; no entanto, estão definidamente presentes ao olho do iniciado e

¹ N. do T.: cerca de 5 centímetros.

se mostram muito interessantes e informativas. É o reconhecimento da condição dos centros que habilita o iniciado a saber – quando em processo de cura – se a cura do corpo físico é permitida ou não. Ele é capaz de ver se o princípio vontade de abstração, ao qual me referi, está ativamente presente ou não. O mesmo processo pode ser observado em organizações e civilizações nas quais o aspecto forma está em processo de destruição para que a vida possa ser abstraída e, posteriormente, reconstruir para si uma forma mais adequada. O mesmo acontece durante os grandes processos de iniciação, que são não só processos de expansão de consciência, como têm raízes na morte ou processo de abstração, que leva à ressurreição e à ascensão.

O que efetua uma mudança é uma *descarga* (usando uma palavra totalmente inadequada) de energia-vontade dirigida e enfocada. É de qualidade tão magnética, que atrai para si a vida dos centros, produzindo a dissolução da forma e a liberação da vida. A morte chega ao indivíduo, no sentido comum do termo, quando a vontade de viver desaparece do corpo físico e é substituída pela vontade de abstração. A isto denominamos morte. Em caso de guerra, por exemplo, não se trata da vontade-de-abstração individual, mas da participação obrigada em uma grande abstração grupal. Do seu próprio lugar, a alma do indivíduo reconhece o fim de um ciclo de encarnação e chama a sua vida, o que faz mediante uma descarga de energia-vontade suficientemente forte para produzir a mudança.

2. *A Lei exige que a correta direção guie as forças entrantes.*

As forças entrantes, atuando nos termos desta lei, direcionam-se primeiro para o centro coronário, dali para o centro ajna e, em seguida, para o centro que regeu e foi o mais ativo durante a encarnação do princípio vida. Ele varia de acordo com a etapa alcançada na escala de evolução e segundo o raio da personalidade; sendo que, posteriormente, o raio da alma causará um grande condicionamento e mudança. No trabalho do iniciado que aplica conscientemente esta lei, o princípio de abstração (quando penetra no corpo) se mantém focado na cabeça, e é de tal potência magnética que a energia dos centros restantes se reúne e se retira rapidamente. O que é válido no processo individual de abstração do princípio vida, de acordo com a Lei dos Sete Complementares, também é nos processos que têm lugar nas formas e nos grupos de formas. O Cristo se referiu a este trabalho de abstração, com relação ao terceiro grande centro planetário, a Humanidade, quando disse (e falava como Representante da Hierarquia, o segundo centro planetário, no qual todos os seres humanos se “retiram” esotericamente ao alcançar a iniciação): “Se Eu me elevar, atrairei todos os homens para mim”. No final da era serão pronunciadas palavras diferentes, quando o Senhor do Mundo falar de Shamballa; Ele abstrairá o princípio vida da Hierarquia, e toda vida e consciência se enfocarão, então, no centro coronário planetário, a grande Câmara do Concílio em Shamballa. (Os Raios e as Iniciações)

[11] Para retomar o fio da nossa instrução, consideraremos agora a atividade do homem espiritual interno que descartou seus corpos físico e etérico e permanece no envoltório do corpo sutil – um corpo composto de substância astral ou sensória e substância mental. Devido à forte polarização emocional e nos sentidos do homem comum, prepondera a ideia de que ele se retira, depois da verdadeira morte, primeiro para seu corpo astral e, depois, para seu veículo mental. Porém, na realidade, não é assim. A base desta ideia consiste em que um corpo é construído predominantemente de matéria astral. Poucas pessoas já estão desenvolvidas em tal grau de evolução que o veículo no qual se encontram depois da morte seja composto, em sua maior parte, de substância mental. Apenas os discípulos e iniciados, que vivem principalmente em suas mentes, se encontram depois da morte imediatamente no plano mental. A maioria das pessoas descobre que se encontra no plano astral revestida de um envoltório de matéria astral e obrigada a passar um período de eliminação na região ilusória do plano astral.

Como já disse, o plano astral não tem existência real, é uma criação ilusória da família humana. No entanto, de agora em diante (pela derrota das forças do mal e o revés sofrido pela Loja Negra) o plano astral lentamente se torna uma criação que começa a morrer e, no período final da história humana (na sétima raça-raiz) deixará de existir. Atualmente não é assim. A substância sensória que constitui o plano astral ainda está sendo reunida em formas ilusórias, sendo ainda uma barreira no caminho da alma que busca a liberação. Ainda “mantém aprisionadas” inúmeras pessoas que morrem enquanto a principal reação à vida é de desejo, de crenças destituídas de lógica e de sensibilidade emocional. Ainda são maioria. Na época atlante, o plano astral veio à existência; o estado mental de consciência era praticamente inexistente, embora os “filhos da mente” ocupassem seu lugar no que hoje são considerados os níveis superiores desse plano. O átomo mental permanente também se encontrava praticamente neste estado passivo dentro de cada forma humana e, em consequência, o plano mental não exercia atração como ocorre hoje. Muitas pessoas ainda são de consciência atlante, e quando saem do estado físico de consciência e descartam seu corpo físico dual, veem-se diante do problema da eliminação do corpo astral, mas pouco têm a liberar de qualquer prisão mental da alma. São as pessoas comuns e pouco evoluídas que, depois de eliminar o corpo kâmico ou de desejos, pouco têm a fazer; não há um veículo mental que as atraia para uma integração mental, porque não há uma potência mentalmente enfocada; a alma nos níveis mentais superiores, ainda está “em profunda meditação” e bastante inconsciente de sua sombra nos três mundos. (Cura Esotérica)

PARTE XI

O Trabalho de Restituição... A Arte de Eliminação. . . Os Processos de Integração... Estes três processos constituem a morte.

(Cura Esotérica)

[1] O campo de experiência (no qual está a morte, tal como a pessoa comum a conhece) são os três mundos da evolução humana – o físico, o da emoção e do desejo, e o plano mental. O mundo, em última análise, é dual do ângulo da morte, daí a frase "a segunda morte", que já apliquei à morte ou destruição do corpo causal, no qual a alma espiritual funcionara até então. No entanto, pode ser aplicado em um sentido mais literal e se referir à segunda fase do processo da morte nos três mundos. Nesse caso, diz respeito apenas à forma, e está relacionada com os veículos de expressão que se encontram abaixo dos níveis amorfos do plano físico cósmico. Os níveis da forma são (como bem sabem, pois este conhecimento é o bê-á-bá da teoria ocultista) aqueles onde atua a mente concreta inferior, a natureza emocional reage ao plano denominado astral e o plano físico dual. O corpo físico compõe-se do corpo físico denso e do veículo etérico. Em consequência, quando consideramos a morte do ser humano, devemos empregar a palavra morte com relação às duas fases em que funciona.

Primeira fase: A morte do corpo físico-etérico. Esta fase compreende duas etapas:

a. Aquela em que os átomos que constituem o corpo físico são devolvidos à fonte de origem. Esta fonte é o somatório da matéria do planeta, constituindo o corpo físico denso da Vida planetária.

b. Aquela em que o veículo etérico, composto de um conjunto de forças, devolve essas forças ao reservatório geral de energia. *Esta fase dual abrange o Processo de Restituição.*

Segunda fase: A “rejeição” (denominação que às vezes recebe) dos veículos mental-emocional. Na realidade, eles formam um só corpo, ao qual os antigos teósofos deram (corretamente) o nome de “corpo kama-manásico” ou veículo desejo-mente. Já enunciei em outra oportunidade que não existe tal coisa de plano ou corpo astral. Assim como o corpo físico é composto de matéria que não é considerada um princípio, da mesma maneira o corpo astral – no que diz respeito à natureza mental – está na mesma categoria. Para vocês é difícil captar isso, porque o desejo e a emoção são muito reais e de importância devastadora. Mas – falando literalmente – do ângulo do plano mental, o corpo astral é “um produto da imaginação”, *não é* um princípio. O uso constante da imaginação, a serviço do desejo, construiu, porém, um mundo ilusório de miragens, o mundo do plano astral. Durante a encarnação física, e quando um homem não está no Caminho do Discipulado, o plano astral é muito real e possui vida e vitalidade próprias. Depois da primeira morte (a morte do corpo físico) continua sendo igualmente real. A sua potência, porém, vai se dispersando lentamente; o homem mental compreende o seu próprio e verdadeiro estado de consciência (desenvolvida ou não), e a segunda morte é possibilitada e acontece. *Esta fase abrange o Processo de Eliminação.*

Quando estas duas fases da Arte de Morrer terminam, a alma desencarnada fica livre do controle da matéria; está purificada (temporariamente pelas fases de Restituição e Eliminação) de toda contaminação pela substância. Isto acontece não por meio de alguma atividade da alma na forma, a alma humana, mas como resultado da atividade da alma em seu próprio plano, abstraindo a fração de si mesma que chamamos de alma humana. É principalmente o trabalho que efetua a alma sobrepairante; não é realizado pela alma na personalidade. A alma humana, durante esta etapa, só responde à atração ou força atrativa da alma espiritual quando esta – com deliberada intenção –

extraí a alma humana das envolturas que a aprisionam. Mais adiante – à medida que os processos evolutivos vão se processando e a alma controla a personalidade cada vez mais – a alma, *dentro das* envolturas que a aprisionam, produzirá – consciente e intencionalmente – as fases da morte. Nas primeiras etapas, esta liberação será promovida com a ajuda da alma espiritual sobrepairante. Depois, quando o homem viver no plano físico como alma, ele mesmo – em plena continuidade de consciência – realizará os processos de abstração, e então (com propósito dirigido) “ascenderá ao lugar de onde veio”; é o reflexo, nos três mundos, da divina ascensão do Filho de Deus perfeito. (Cura Esotérica)

[2] Vocês observarão que, para considerar os requisitos básicos, escolhi diversas palavras devido aos seus significados específicos.

1. *O Trabalho de Restituição*. Significa o retorno da forma ao reservatório básico da substância; ou da alma, a divina energia espiritual, retornando à sua fonte de origem – quer seja dos níveis egoicos ou monádicos, de acordo com o grau de evolução. Esta restituição é predominantemente o trabalho da alma humana dentro do corpo físico e envolve os centros cardíaco e coronário.

2. *A Arte de Eliminação*. Refere-se a duas atividades do homem espiritual interno, a saber, a supressão de todo controle pelo tríplice homem inferior, e o processo de focar novamente nos níveis concretos do plano mental como ponto de luz irradiante. Diz respeito, basicamente, à alma humana.

3. *Os Processos de Integração*. Referem-se à tarefa do homem espiritual liberado, quando se funde com a alma (a superalma) nos níveis superiores do plano mental. A parte retorna ao todo, e o homem compreende o verdadeiro sentido das palavras de Krishna: “Tendo compenetrado todo o universo com um fragmento de mim mesmo, Eu permaneço”. Também ele, o fragmento consciente que adquire experiências, tendo compenetrado o pequeno universo da forma nos três mundos, ainda permanece. Sabe que Ele é parte do todo.

Estes três processos constituem a morte. (Cura Esotérica)

[3] Esta parte do Tratado denominada “Requisitos Básicos”, na realidade faz referência aos processos de morrer, às condições do mundo material ou os três mundos de serviço, prestado durante a encarnação. O primeiro ponto trata da *restituição* do corpo ao reservatório geral de substância, ou à prestação de serviço no mundo externo da vida física cotidiana, da *restauração da alma* à sua fonte de origem, a alma em seu próprio plano ou – o inverso – ao cumprimento pleno de sua responsabilidade dentro do corpo. O segundo ponto analisa a *eliminação* do princípio vida e o aspecto consciência, e o tema não trata da construção do caráter, como alguns podem supor. Já me ocupei do caráter e das qualidades pessoais nas observações preliminares desta parte do Tratado, porque o verdadeiro entendimento dos princípios básicos da vida e da morte é facilitado pela ação correta baseada no pensar correto, dando por resultado a correta construção do caráter. Porém, não procuro expandir esses requisitos prévios e básicos. Os processos de integração, tal como procuro considerá-los aqui, concernem à integração da alma no tríplice corpo, se o carma assim decidir, ou no reino das almas, se o carma decretar o que chamamos de morte para o homem. (Cura Esotérica)

[4] Consideraremos, pois, os três principais processos aos quais me referi; eles cobrem três períodos e, em seu devido tempo, levam a outros processos, nos termos da Lei do Renascimento. São eles:

1. *O Processo de Restituição*, que rege o período de abstração da alma do plano físico e de seus dois aspectos fenomênicos, o corpo físico denso e o corpo etérico. Diz respeito à Arte de Morrer.

2. *O Processo de Eliminação*, que rege o período de vida da alma humana depois da morte e nos outros dois mundos da evolução humana. Diz respeito à eliminação do corpo astral-mental, pela alma, para que fique “pronta para permanecer livre em seu próprio lugar”.

3. *O Processo de Integração*, que trata do período em que a alma liberada se torna novamente consciente de si como o Anjo da Presença e é reabsorvida no mundo das almas, entrando assim em um estado de reflexão. Posteriormente, sob o impacto da Lei de Necessidade ou Dívida Cármica, a alma se prepara de novo para outra descida na forma. (Cura Esotérica)

[5] A Lei de Atração rege os processos da morte, como rege também tudo mais na manifestação. É o princípio de coerência que, pela integração equilibrada de todo o corpo, preserva-o intacto; estabiliza seu ritmo e os processos cíclicos da vida e relaciona entre si as diversas partes. É o principal princípio coordenador dentro de todas as formas, porque é a expressão primária (dentro da alma) do primeiro aspecto da divindade, o aspecto vontade. Esta afirmação poderá surpreendê-los, habituados como estão a considerar a Lei de Atração como expressão do segundo aspecto, amor-sabedoria. Este princípio atrativo existe em todas as formas, desde o pequeno átomo até a forma do planeta Terra, através do qual nosso Logos planetário se expressa. Mas, por ser o princípio de coerência e a causa da integração, é também o meio através do qual é suscitada “a restituição”, pela qual a alma humana é periodicamente reabsorvida na alma sobrepairante. Este aspecto da Lei de Atração recebeu pouca atenção até agora, o que se deve a que concerne à expressão mais elevada desta Lei, estando, portanto, relacionada com o aspecto vontade da Deidade, como também com o aspecto vontade da Mônada. A elucidação só virá quando a força shambállica atuar de maneira mais direta no próximo ciclo, e os homens começarem a discriminar (como devem fazer e farão) entre a própria vontade e a vontade espiritual, entre determinação, intenção, planificação, propósito e polarização fixa. A Lei de Atração tem (como tudo na manifestação) três fases ou aspectos, cada um relacionado aos três aspectos divinos.

1. Relaciona a vida e a forma, espírito e matéria – o terceiro aspecto.

2. Rege o processo de integração e coesão que produz as formas – o segundo aspecto.

3. Provoca o desequilíbrio, que resulta no ato de desintegração, assim subjugando a forma – no que diz respeito ao ser humano – fazendo-o em três etapas que denominamos de:

a. *Restituição*, resulta na dissolução do corpo e no retorno dos seus elementos, átomos e células à fonte de origem.

b. *Eliminação*, envolve o mesmo processo básico em relação às forças que constituíram o corpo astral e o veículo mental.

c. *Absorção*, o modo pelo qual a alma humana é integrada na sua fonte de origem, a alma universal sobrepairante. É uma expressão do primeiro aspecto.

Todas estas fases, corretamente compreendidas, ilustram ou demonstram a singular potência da Lei de Atração e sua relação com a Lei de Síntese, que rege o primeiro aspecto divino. Oportunamente, a integração produz a síntese. As inúmeras integrações cíclicas, levadas adiante durante o grande ciclo de vida de uma alma encarnante, levam à síntese final, alma e espírito, que é a meta do processo evolutivo no que diz respeito à humanidade. Depois da terceira iniciação, resulta na completa liberação do homem da “atração” da substância nos três mundos e em sua conseqüente capacidade de aplicar a Lei de Atração, com plena compreensão, em suas variadas fases, no que diz respeito ao processo criador. Outras fases serão dominadas mais adiante. (Cura Esotérica)

[6] A Lei de Desintegração é um aspecto da Lei de Morte. É a lei que rege a destruição da forma, a fim de que a vida imanente possa brilhar em toda plenitude... Esta lei desagrega as formas e a Lei de Atração atrai novamente a matéria dessas formas às fontes de origem. (Cura Esotérica)

[7] Como bem se sabe, o sangue é vida. Esta atividade da vida é o fator que reúne e mantém coesos na forma todos os átomos e células do corpo. Quando a alma retira o fio de vida no momento da morte, os átomos vivos se separam, o corpo desmorona e se segue a desintegração, com as vidas atômicas retornando ao reservatório de poder, para o âmago da matéria viva de onde vieram. (Cura Esotérica)

[8] O medo humano da morte se deve principalmente a que a orientação do reino das almas, o quinto reino da natureza, dirigia-se (até relativamente tarde no ciclo mundial) à expressão da forma e à necessidade de buscar experiência através da matéria, para a certa altura, controlá-la com plena liberdade. O percentual de almas que se afastam da expressão nos três mundos é relativamente tão pequeno em proporção com o número de almas que exigem experiência nos três mundos, que se poderia dizer, até o ciclo ou era que denominamos cristão, que a morte reinava triunfante. Hoje, porém, estamos em vésperas de ver uma mudança total dessa condição, devido a que a humanidade – em escala muito mais ampla que antes – está alcançando a necessária reorientação; os valores superiores e a vida da alma, à medida que penetram, pela insistência da mente em seus aspectos superior e inferior, estão começando a exercer controle. Forçosamente resultará em uma nova atitude com relação à morte, que será vista como um processo natural e desejável, experimentado ciclicamente. Em dado momento, os homens compreenderão o significado das palavras do Cristo quando disse: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. No incidente em que pronunciou estas palavras, Ele estava se referindo ao grande ato de restituição que denominamos morte. Reflitam sobre esse relato e observem o simbolismo da alma, contido na alma universal, como o peixe dentro da água e sustentando uma moeda de metal, símbolo da matéria.

Em um dos antigos escritos encontramos as seguintes palavras simbólicas:

Disse o Pai ao filho: Vai e toma para ti o que não és tu, e aquilo que não é teu próprio, mas que é Meu. Considera-o como se fosse teu e busca a causa de sua aparência. Que pareça ser teu. Descobre assim o mundo da miragem, o mundo da profunda ilusão, o mundo da falsidade. Então aprende que tomaste aquilo que não é a meta do esforço da alma.

E quando chegar esse momento em cada ciclo e aparecer o engano e a usurpação, uma voz será então ouvida. Obedece a essa voz. É a voz que, dentro de ti, escuta a Minha voz – uma voz nunca ouvida por aqueles que amam furto. O preceito será emitido vezes seguidas: “Restitui os *bens furtados*. Aprende que não são para ti”. Em intervalos muito extensos, essa voz surgirá novamente: “Restitui os *bens tomados por empréstimo*; paga tua dívida”.

E então, quando todas as lições tiverem sido aprendidas, a voz falará uma vez mais: “Restitui com alegria o que era Meu; foi teu e agora é nosso outra vez. Já não mais necessitas da forma. Libera-te”. (Cura Esotérica)

[9] Os ideais que o Cristo formulou ainda são os mais elevados já dados na continuidade da revelação, e Ele próprio nos preparou para o surgimento das verdades que marcarão o momento do fim e a derrota do último inimigo, cujo nome é Morte. (De Belém ao Calvário)

[10] E a *Morte* – refere-se a quê? Não à morte do corpo ou da forma, o que é relativamente sem importância, mas ao “poder de renunciar” que, com o tempo, torna-se a característica do discípulo consagrado. A nova era está chegando; os novos ideais, a nova civilização, os novos modos de vida, de educação, de apresentação religiosa e de governo estão se precipitando lentamente, e nada pode

detê-los. Contudo, podem ser adiados pelas pessoas reacionárias, pelas mentes ultraconservadoras e fechadas, e pelos que se agarram com determinação inflexível às suas teorias bem-amadas, aos seus sonhos e visões, às suas interpretações e à sua compreensão particular e muitas vezes estreita dos ideais propostos. São eles que podem retardar e retardam a hora da liberação. Busquemos a clareza espiritual, a aceitação voluntária de nos desprendermos de todo ideal e de toda ideia preconcebidos. Que o poder da morte se estenda a todas as apreciadas tendências, aos hábitos mentais enraizados e a todo esforço para conformar o mundo a um modelo que pareça o melhor para o indivíduo, por ser para ele o mais atraente. Eles podem ser abandonados com segurança e sem medo das consequências, se a vida tem como motivação um amor verdadeiro e duradouro pela humanidade. Ao amor espiritual verdadeiro, como a alma o conhece, sempre se pode confiar poder e oportunidades, pois ele jamais trairá essa confiança. (A Exteriorização da Hierarquia)

[11] Imaginem a mudança na consciência humana quando a morte for considerada um simples ato de abandonar conscientemente a forma. (Cura Esotérica)

[12] A arte da eliminação, portanto, classifica-se em três categorias:

1. Como a praticam as pessoas cuja qualidade e constituição são puramente astrais, denominadas “kâmicas”.
2. Como a praticam as pessoas equilibradas, que já são personalidades integradas, denominadas “kama-manásicas”.
3. Como a praticam as pessoas evoluídas e os discípulos de todos os graus, cujo “enfoque na vida” é sobretudo mental, denominadas “manásicas”.

Todas são regidas pelas mesmas regras básicas, mas a ênfase difere em cada caso. Pediria que tivessem presente que onde não há um cérebro físico e onde a mente não se desenvolveu, o homem interno está praticamente *abafado* em uma envoltura de matéria astral, e durante um longo tempo submerso no que chamamos de plano astral. A pessoa kama-manásica possui o que se chama de “liberdade da vida dual”, e é dona de uma forma dual que lhe permite fazer contato à vontade com os níveis superiores do plano astral e com os níveis inferiores do plano mental. Novamente lembraria a vocês que não há cérebro físico para registrar esses contatos. A consciência do contato depende da atividade inata do homem interno e do seu estado característico de captação e apreciação. A pessoa manásica possui um veículo mental translúcido, cuja luminosidade é proporcional à própria liberação do desejo e da emoção.

Estes três tipos de pessoas usam um processo eliminador de natureza similar, mas empregam uma técnica diferente no processo. Para fins de clareza, afirma-se que:

1. *A pessoa kâmica* elimina o corpo astral através do atrito e o desocupa por meio da correspondência astral do centro plexo solar. Este atrito se deve a que todos os desejos inatos e as emoções inerentes estão, nesta etapa, relacionados com a natureza animal e o corpo físico – ambos agora inexistentes.
2. *A pessoa kama-manásica* emprega duas técnicas. Logicamente assim é, porque elimina, antes de tudo, o corpo astral e, em seguida, o veículo mental.
 - a. Elimina o corpo astral pelo crescente desejo de levar uma vida mental. Retrai-se gradual e firmemente no corpo mental e o corpo astral esotericamente “se desprende” e, afinal, desaparece. Isto acontece, em geral, de maneira inconsciente e pode demandar um longo tempo. Contudo, quando o homem é acima da média e está à beira de se tornar um indivíduo manásico, o

desaparecimento se produz de maneira súbita e dinâmica, e o homem fica liberado dentro do seu corpo mental. Isso acontece de maneira rápida e consciente.

b. Ele quebra o corpo mental por um ato de vontade humana, e também porque a alma está começando lentamente a se tornar consciente da sua sombra. O homem interno é atraído para a alma, embora ainda fracamente. Este processo é relativamente rápido e depende da extensão da influência manásica.

3. *O homem manásico*, enfocado agora em seu corpo mental, também tem duas coisas a realizar:

a. Dissolver e se desembaraçar de qualquer sedimento astral que possa empanar o seu translúcido corpo mental. O denominado corpo astral praticamente não existe mais como fator de expressão. Ele faz isso valendo-se de maior luz da alma. É a luz da alma que, nesta etapa, dissolve a substância astral, assim como será a luz combinada da alma da humanidade (como um todo) que dissolverá finalmente o assim chamado plano astral.

b. Destruir o corpo mental empregando certas Palavras de Poder, as quais são comunicadas ao discípulo por intermédio do Ashram de seu Mestre e fazem afluir o poder da alma em grande medida, produzindo, em consequência, tal expansão de consciência dentro do corpo mental, que é despedaçado e deixa de ser uma barreira para o homem interno. Ele agora pode ser um filho da mente, liberado, dentro do Ashram de seu Mestre, de onde “não mais sairá”. (Cura Esotérica)

[13] Mas, afinal, a morte é em si um trabalho de restituição. Implica na tarefa de devolver a substância aos três mundos de substância, fazendo-o voluntária e alegremente; implica também na restauração da alma humana na alma da qual emanou, fazendo-o na alegria da reabsorção. Todos devem aprender a considerar a morte como um ato de restituição. (Cura Esotérica)

[14] Uma das coisas a lembrar é que, uma vez realizada a restituição do físico em seus dois aspectos, o homem interno se encontra, como disse antes, plenamente consciente. O cérebro físico e o turbilhão das forças etéricas (muito desorganizadas na maioria dos homens) não estão mais presentes. São esses os dois fatores que levaram os estudantes a crer que as experiências do homem nos planos internos dos três mundos consistem em vaguear indefinidamente, em uma experiência semiconsciente, ou indicam uma vida repetitiva, salvo no caso de pessoas muito avançadas, discípulos e iniciados. Mas não é assim. O homem nos planos internos não só é consciente de si mesmo como indivíduo – com seus próprios projetos, vida e assuntos – como era no plano físico, como também é consciente dos estados de consciência circundantes. Talvez fique sob o espelhismo da existência astral ou sujeito à impressão telepática das diversas correntes de pensamento que emanam do plano mental, mas também será consciente de si mesmo e de sua mente (ou da medida de vida manásica desenvolvida) de maneira muito mais potente que quando atuava por intermédio do cérebro físico, quando o enfoque de consciência era como a do aspirante, mas ancorado no cérebro. Sua experiência é muito mais rica e plena do que quando estava encarnado. Se refletirem sobre isto por um momento, compreenderão que necessariamente assim é. (Cura Esotérica).

[15] Um ponto deve ser mantido em mente. As palavras “da terra para a terra e do pó para o pó”, tão familiares nos rituais funerários do Ocidente, referem-se a este ato de restituição e significam o retorno dos elementos do corpo físico ao reservatório original da matéria, e da substância da forma vital ao reservatório etérico geral; as palavras “o espírito retornará a Deus que o deu” é uma referência distorcida da absorção da alma pela alma universal. No entanto, os rituais comuns não acentuam que é a alma individualizada, em processo de reabsorção, que institui e ordena, por um ato de vontade espiritual, essa restituição. Esquece-se no Ocidente de que a “ordem de restituição” foi dada com grande frequência no transcurso das eras por toda alma dentro de uma forma física; ao fazê-lo, constante e inevitavelmente, o primeiro aspecto divino – a Mônada em seu próprio plano –

está intensificando o domínio sobre seu corpo de manifestação, através do seu reflexo, a alma. Assim, o aspecto vontade começa a atuar cada vez mais, até que, no Caminho do Discipulado, a determinação espiritual é levada ao ponto mais elevado de desenvolvimento e, no Caminho de Iniciação, a vontade começa a atuar conscientemente. Vale lembrar que é por deliberado comando da alma, em seu próprio plano, para a sua sombra nos três mundos, que a alma aprende a expressar o primeiro e mais elevado aspecto da divindade; e isto, de início e por um longo tempo, só faz pelo processo da morte. Nessa época, a dificuldade reside em que relativamente poucas pessoas são conscientes da alma e, em consequência, a maioria dos homens está inconsciente do “mandado oculto” de suas próprias almas. À medida que a humanidade vai se tornando consciente da alma (o que será um dos resultados da agonia da guerra atual), a morte será vista como um processo “comandado”, realizado com plena consciência e compreensão do propósito cíclico. Isto logicamente acabará com o medo intenso que hoje prevalece, e também eliminará a tendência para o suicídio, que vem aumentando nestes tempos difíceis. O pecado do homicídio, na realidade, se baseia no fato de que interfere nos propósitos da alma e não pela ação de matar determinado corpo físico humano. Por esta razão, a guerra não é homicídio, como muitos fanáticos bem-intencionados consideram, mas a destruição das formas com uma intenção benéfica (se fôssemos capazes de sondar o propósito divino) do Logos planetário. São, porém, as motivações daqueles que provocam a guerra no plano físico que a *convertem* em um mal. Se a guerra não acontecesse, a vida planetária, através do que denominamos de “atos de Deus”¹ chamaria de volta as almas de homens em grande escala, de acordo com Sua intenção amorosa. Quando os homens malignos precipitam uma guerra, Ele converte o mal em bem.

Portanto, poderão ver por que as ciências ocultas tanto enfatizam a lei cíclica e porque há um crescente interesse pela Ciência da Manifestação Cíclica. Muitas vezes a morte parece despropositada; isso se deve a que não se conhece a intenção da alma; os acontecimentos passados, através do processo da reencarnação, ainda são um enigma; as antigas hereditariedades e ambientes são ignorados e o reconhecimento da voz da alma ainda não se desenvolveu de maneira geral. São questões, porém, que estão às vésperas de reconhecimento; a revelação está a caminho, e para isso estou assentando os fundamentos. (Cura Esotérica)

[16] Portanto, na morte física e no ato de restituição, a alma que se retira deve lidar com os seguintes fatores:

1. O elemental físico, a vida integrada e coordenada do corpo físico, que procura sempre se manter unido sob as forças atrativas de todas as suas partes componentes e mútua interação. Referidas forças atuam através de certo número de centros menores.
2. O veículo etérico, cuja poderosa vida própria coordenada, se expressa através dos sete centros maiores, que reagem à energia impulsora astral, mental e da alma. Atua também através de certos centros menores, cuja função não consiste em responder a esse aspecto do instrumental do homem que H. P. B. afirma não ser um princípio – o mecanismo físico denso. (Cura Esotérica).

[17] Insistirei, pois, no fato elementar de que todo grupo curador que procure trabalhar nestas novas linhas deve procurar entender (como esforço preliminar) algo sobre o fator morte, denominada “o grande processo restaurador” ou “a grande restituição”. Diz respeito à arte de devolver o corpo à fonte da qual originaram os elementos constitutivos e de restaurar a alma à fonte do seu ser essencial com conhecimento, de maneira correta e em seu devido tempo. Escolho minhas palavras cuidadosamente, pois almejo que reflitam com prudência e sensatez sobre o denominado enigma da morte. É um enigma para o homem, mas não para os discípulos e os conhecedores da sabedoria. (Cura Esotérica)

[18] O tema da morte, que estamos considerando, deve ser abordado com tanta naturalidade e um grande espírito de investigação científica quanto possível. O complexo medo da humanidade tem como ponto de entrada na consciência do homem o ato de morrer; o medo básico é o de não poder sobreviver; no entanto, trata-se do fenômeno mais comum no planeta. Tenham isso em mente. O ato de morrer é o grande ritual universal que rege toda a nossa vida planetária, mas a reação de medo só existe na família humana, e apenas muito tenuemente no reino animal. Se pudessem ver o mundo etérico como o experimentam e veem Aqueles que se encontram no lado interno da vida, o observariam (continuamente e sem pausa) como o grande ato planetário de restituição. Veriam uma grande atividade dentro do mundo etérico, no qual a *anima mundi*, a alma animal e a alma humana, estão constantemente restituindo a substância de todas as formas físicas ao grande reservatório de substância essencial. Esta substância essencial é uma unidade tão vital e dirigida como é a alma do mundo, de que tanto se fala. Esta interação do princípio da morte com o princípio da vida produz a atividade básica da criação. A força impulsora e diretriz é a Mente de Deus, do Logos planetário, à medida que desenvolve Seus propósitos divinos, levando com Ele, neste processo, todos os meios através dos quais Se manifesta. (Cura Esotérica)

[19] Através da morte se realiza um grande processo de unificação. Na “queda de uma folha” e em sua conseqüente identificação com o solo onde cai, temos um pequeno exemplo deste grandioso e eterno processo de unificação, mediante o processo de vir a ser e morrer como resultado do vir a ser. (Cura Esotérica)

[20] A destruição do ciclo de separatividade, como indivíduo, no plano físico, é o que normalmente chamamos de morte; em conseqüência, a morte é um processo de unificação. (Cura Esotérica)

PARTE XII

A morte é um ato da intuição, transmitida pela alma à personalidade e executada em seguida, de acordo com a vontade divina, pela vontade individual.

(Astrologia Esotérica)

[1] No caso do homem não desenvolvido ou comum, a alma, com exceção da mera determinação de finalizar o ciclo de vida encarnada, antes de retornar ao plano físico, desempenha uma ínfima parte no processo da morte. As "sementes da morte" são inerentes à natureza-forma e se manifestam como doença ou como senilidade (usando esta palavra no sentido técnico e não coloquial), e a alma busca os seus próprios interesses em seu próprio plano, até o momento em que o processo evolutivo produz uma situação em que a integração ou estreita relação entre a alma e a forma é tão real, que a alma se identifica profunda e amplamente com sua expressão em manifestação. Seria possível dizer que, ao chegar a esta etapa, a alma encarna verdadeiramente pela primeira vez; na realidade "desce à manifestação", envolvendo, portanto, toda a natureza egoica. Este ponto foi pouco acentuado e compreendido.

Nas vidas anteriores da alma encarnante, e na maioria dos ciclos da vida de experiência, a alma pouco se ocupa do que acontece. A redenção da substância com a qual todas as formas são construídas segue por um processo natural, e o "carma da matéria" é a força regente inicial, sendo substituída, com o tempo, pelo carma gerado pela fusão de alma e forma, embora (nas etapas iniciais) a alma assuma pouca responsabilidade. O que ocorre na tríplice envoltura da alma, necessariamente, é resultado das tendências inatas da própria substância. Porém, à medida que o tempo passa e há uma encarnação após a outra, o efeito da qualidade da alma imanente evoca gradualmente a consciência, e – por meio da consciência, que é o exercício do sentido de discriminação, desenvolvido à medida que a mente assume um controle cada vez maior – evoca o despertar e, finalmente, uma consciência desperta. Isto se manifesta no primeiro caso como senso de responsabilidade, que gradualmente estabelece uma crescente identificação da alma com seu veículo, o tríplice homem inferior. Então os corpos vão se refinando constantemente; as sementes da morte e da doença deixam de ser tão potentes; aumenta a sensibilidade às realizações internas da alma, até que chega o momento em que o discípulo-iniciado morre *por um ato de sua vontade espiritual ou em resposta ao carma grupal, nacional ou planetário*. (Cura Esotérica)

[2] No caso do homem comum, quando a morte é determinada, a batalha entre o elemental físico e a alma é um fator característico, essa morte, em termos ocultos, tem a denominação de "partida lemuriana"; no caso do cidadão comum, cujo enfoque da vida se situa na natureza de desejos, o conflito ocorre entre o elemental astral e a alma, e recebe a denominação de "morte de um atlante"; no que diz respeito aos discípulos, o conflito será mais estritamente mental, estando em geral focado em torno da vontade-de-servir e na determinação de cumprir algum aspecto particular do Plano e na vontade-de-retornar com todas suas forças ao centro ashramico. Quanto aos iniciados, não há conflito, apenas uma retirada consciente e deliberada. Curiosamente, se aparenta haver conflito, será entre as duas forças elementais que ainda permanecem na personalidade: o elemental físico e a vida mental. Não há nenhum elemental astral no instrumental de um iniciado de alta graduação, pois o desejo foi totalmente transcendido no que diz respeito à própria natureza do indivíduo. (Cura Esotérica)

[3] Há outro ponto em que gostaria de tocar, o qual tem relação com o eterno conflito travado entre as dualidades do corpo físico denso e o veículo etérico. O elemental físico (nome dado à vida

integrada do corpo físico) e a alma, à medida que procura retirar e dissolver a totalidade das energias combinadas do corpo etérico, encontram-se em violento conflito e o processo muitas vezes é feroz e prolongado; esta luta é travada durante o período extenso ou curto do coma que caracteriza tantos leitos de morte. O estado de coma, em termos esotéricos, é de dois tipos: Há “o coma de batalha” que precede a verdadeira morte e o “coma de restauração” que acontece quando a alma retirou o fio ou aspecto consciência, mas não o fio de vida, no esforço de dar ao elemental físico tempo suficiente para recuperar o controle sobre o organismo e, assim, restabelecer a saúde. A ciência moderna ainda não reconhece a diferença entre estes dois aspectos do estado de coma. Mais adiante, quando a visão etérica ou clarividente for mais comum, a qualidade do estado de coma prevalecente será conhecida e os elementos de esperança ou desespero deixarão de controlar. Os amigos e parentes da pessoa inconsciente saberão, com toda exatidão, se estão observando uma grandiosa e final retirada da atual encarnação ou simplesmente vendo um processo restaurador. Neste último caso, a alma ainda mantém a posse sobre o corpo físico por intermédio dos centros, mas retém temporariamente todos os processos de energização. As exceções a esta retenção são o centro cardíaco, o baço e dois centros menores, conectados com o aparelho respiratório, que continuarão a ser energizados normalmente, embora tenham a atividade um tanto debilitada e, por meio deles é retido o controle. Quando a morte real for a intenção da alma, estabelece, primeiro, o controle sobre o baço, em seguida o controle sobre os dois centros menores e, finalmente, o controle sobre o centro cardíaco, e o homem morre. (Cura Esotérica)

[4] Todos esses fatores produzem um violento conflito no Caminho Probacionário, que aumenta à medida que o homem entra no Caminho do Discipulado. A potência da personalidade dominante e sendo dominada, é o que induz a uma intensa atividade cármica. Eventos e circunstâncias se acumulam rápida e violentamente na experiência do discípulo. Seu ambiente é da mais alta qualidade disponível nos três mundos; sua experiência flutua entre os extremos; esgota suas obrigações cármicas, e paga com grande rapidez a penalidade imposta pelos erros do passado.

Durante todo este período, uma encarnação sucede a outra e o processo bem conhecido da morte continua acontecendo entre os ciclos de experiência. No entanto, as três mortes – física, astral e mental – procedem com um constante despertar do estado de percepção, à medida que a mente inferior se desenvolve; o homem deixa de deslizar – adormecido e desconhecedor – para fora dos veículos etérico, astral e mental, e cada morte se torna um evento como é a morte física.

Finalmente, chega o momento em que o discípulo morre com deliberação e em plena consciência e, com real conhecimento, abandona seus distintos veículos. Gradualmente a alma assume o controle e então o discípulo produz a morte por um ato de vontade da alma, sabendo exatamente o que está fazendo. (Cura Esotérica)

[5] No caso dos seres humanos altamente desenvolvidos, muitas vezes encontramos um senso de previsão do período da morte; isto é incidental ao contato egoico e à percepção dos desejos do ego. Às vezes há um conhecimento do dia exato da morte, junto com a conservação da autodeterminação até o momento final da retirada. No caso dos iniciados há muito mais do que isto. Há uma compreensão inteligente das leis de abstração, o que capacita aquele que está passando por essa transição a se retirar do corpo físico de maneira consciente e com plena lucidez, passando assim a atuar no plano astral. Isto implica na conservação da continuidade da consciência, de maneira que não há interrupção de continuidade entre o senso de percepção no plano físico e o estado posterior à morte. O homem se considera tal como era antes, embora sem um mecanismo com o qual fazer contato no plano físico. Permanece consciente dos sentimentos e pensamentos daqueles que ama, embora não possa perceber nem ter contato com o veículo físico denso. Pode se comunicar com eles no plano astral, ou telepaticamente através da mente, se todos estiverem em sintonia, mas a comunicação que requer o emprego dos cinco sentidos de percepção está necessariamente fora do seu alcance. No entanto, é útil recordar que astral e mentalmente a interação pode ser mais estreita e

mais sensível do que antes, por estar livre das travas do corpo físico. Contudo, duas coisas militam contra esta interação: uma é a aflição e o violento transtorno emocional dos que ficam; a outra, no caso do ser humano comum, é a ignorância e a perplexidade do próprio homem ao se encontrar com o que para ele são condições novas, embora na realidade sejam velhas, se pudesse compreender. Uma vez que os homens tenham perdido o medo da morte e tenham uma compreensão do mundo posterior a ela, que não se baseie em alucinação e histeria, nem nas conclusões (muitas vezes ignorantes) dos médiuns comuns, que falam sob o controle da própria forma-pensamento (construída por eles mesmos e o círculo de assistentes), controlaremos corretamente o processo da morte. A condição dos que ficam será cuidadosamente manejada, de modo a não haver perda de relações nem desgaste errado de energia. (Tratado sobre a Magia Branca)

[6] Devemos lembrar que o propósito e a vontade da alma, a determinação espiritual de ser e fazer, usa o fio da alma, o sutratma, a corrente de vida, como meio de expressão na forma. Esta corrente de vida se divide em duas correntes ou fios quando chega ao corpo, e assim cada uma fica “ancorada”, se posso expressar desta maneira, em dois lugares do corpo. Isto simboliza as diferenciações entre Atma ou Espírito e seus dois reflexos; alma e corpo. A alma, ou aspecto consciência, aquilo que faz de um ser humano uma entidade racional, pensante, é “ancorada” por um aspecto deste fio-alma em uma “base” no cérebro, próxima à região da glândula pineal. O outro aspecto da vida que anima cada átomo do corpo e constitui o princípio de coerência ou integração encontra caminho para o coração onde fica enfocado ou “ancorado”. A partir destes dois pontos, o homem espiritual procura controlar o mecanismo. Assim a atuação no plano físico é possível, e a existência objetiva se torna um modo de expressão temporário. A alma, assentada no cérebro, faz com que o homem seja uma entidade racional inteligente, autoconsciente e autodirigida; percebe, em graus variados, o mundo em que vive, segundo a sua etapa de evolução e o conseqüente desenvolvimento do seu mecanismo. Este mecanismo é tríplice em expressão. Primeiro há os nadis e os sete centros de força; em seguida, o sistema nervoso em suas três divisões: cérebro-espinal, grande simpático e periférico; depois o sistema endócrino, que poderia ser considerado como o aspecto mais denso ou a exteriorização dos outros dois.

A alma, assentada no coração, é o princípio vida, o princípio de autodeterminação, o núcleo central de energia positiva, através do qual todos os átomos do corpo se mantêm em seu devido lugar e subordinados à “vontade-de-ser” da alma. Este princípio de vida usa a corrente sanguínea como modo de expressão e agente controlador e, pela estreita relação do sistema endócrino com a corrente sanguínea, temos unidos os dois aspectos de atividade da alma, a fim de fazer do homem uma entidade viva, consciente e atuante, regida pela alma e expressando o propósito da alma em todas as atividades do viver diário.

Portanto, a morte é, literalmente, a retirada destas duas correntes de energia do coração e da cabeça, produzindo, em consequência, a completa perda de consciência e a desintegração do corpo. A morte difere do sono, pois *ambas* as correntes de energia são retiradas. No sono se retira o fio de energia introduzido no cérebro e, quando isto acontece, o homem fica inconsciente. Com isto queremos dizer que sua consciência ou senso de percepção fica enfocada em outro lugar. Sua atenção já não está dirigida para as coisas tangíveis e físicas, mas se volta para outro mundo de ser e se centraliza em outro mecanismo. Ao morrer, os dois fios são retirados ou unificados no fio da vida. A vitalidade deixa de penetrar através da corrente sanguínea e o coração deixa de funcionar, o cérebro deixa de registrar e, assim, se estabelece o silêncio. A casa fica vazia. A atividade cessa, com exceção da assombrosa e imediata atividade que é prerrogativa da própria matéria e que se expressa no processo de decomposição. (Tratado sobre a Magia Branca)

[7] Quando o discípulo ou iniciado está identificado com a alma, e quando o antahkarana é construído por meio do princípio vida, o discípulo sai do controle desta lei universal e natural e usa

ou descarta o corpo à vontade – pela demanda da vontade espiritual ou pelo reconhecimento das necessidades da Hierarquia ou dos propósitos de Shamballa. (Cura Esotérica)

[8] Na questão da morte, o livre-arbítrio tem, em última análise, uma relação definida com a alma; a vontade da alma é cumprida, consciente ou inconscientemente, no que diz respeito à decisão da morte, e esta ideia contém em si muitas implicações sobre as quais os estudantes bem fariam em refletir. (Cura Esotérica)

[9] ...basta dizer que as três principais doenças da humanidade, às quais me referi, cobram tributo aos discípulos, especialmente para causar a liberação da alma do seu veículo. No entanto – por menos que possa parecer – são controladas, nesses casos, dos níveis da alma e o desenlace é planejado como resultado da decisão da alma e não como resultado dos efeitos da doença. (Cura Esotérica)

[10] Os processos de abstração, como poderão observar, estão vinculados com o aspecto vida; põem-se em movimento por um ato da vontade espiritual, constituindo “o princípio de ressurreição, oculto no trabalho do Destruidor”, segundo expressa um antigo texto esotérico. A manifestação inferior deste princípio é observada no processo denominado *morte – que, na realidade, é o meio de abstrair o princípio vida*, animado pela consciência, da forma ou dos corpos, nos três mundos.

Assim emerge a grande síntese e a destruição, a morte e a dissolução, na realidade nada mais são do que processos da vida. Abstração indica processo, progresso e desenvolvimento. (Os Raios e as Iniciações)

[11] Dois conceitos principais servirão para esclarecer o tema da morte, que estamos tratando agora: Primeiro, o grande dualismo sempre presente na manifestação. Cada dualidade tem sua própria expressão, é regida por suas próprias leis e busca seus próprios objetivos. Porém – em tempo e espaço – fundem seus interesses para benefício de ambas, e juntas produzem a aparência de uma unidade. Espírito-matéria, vida-aparência, energia-força – cada um tem seu próprio aspecto emanante; cada um tem relação entre si, cada um tem um objetivo mútuo temporário e assim, em uníssono, produzem o fluxo eterno, o cíclico fluxo e refluxo da vida em manifestação. Neste processo de relação entre Pai-Espírito e Mãe-Matéria, o filho surge, e durante a etapa infantil realiza seus processos de vida dentro da aura da mãe, e embora identificado com ela, procura sempre escapar do seu domínio. Quando chega à maturidade, o problema se intensifica e “a atração” do pai começa lentamente a neutralizar a atitude possessiva da mãe, até que, finalmente, é rompido o domínio exercido pela matéria ou mãe sobre o filho (a alma). O filho, o Cristo-Menino, liberado da tutela e das mãos protetoras da mãe, vem a conhecer o Pai. Estou falando em símbolos.

Segundo: Todos os processos da encarnação, da vida na forma e da restituição (pela atividade do princípio morte), de matéria a matéria e de alma a alma, são implementados sob a grande Lei universal da Atração. Podem imaginar uma época em que o processo da morte, claramente reconhecido e bem acolhido pelo homem, seja descrito pela simples frase: “Chegou a hora em que a força atrativa da minha alma requer que eu abandone e restitua meu corpo ao lugar de onde veio”? Imaginem a mudança na consciência humana, quando a morte for considerada um simples ato de abandonar a forma de maneira consciente, a qual foi temporariamente apropriada para dois objetivos específicos:

- a. Obter controle nos três mundos.
- b. Dar uma oportunidade à substância das formas que foram “furtadas, tomadas por empréstimo ou legitimamente apropriadas”, de acordo com a etapa de evolução, para alcançar um alto grau de perfeição, pelo impacto que a vida exerce sobre ela, por meio da alma.

Estes conceitos são muito significativos. Já foram expressos, mas foram descartados como simbólicos, reconfortantes ou como utopia. Apresento-os como uma realidade da natureza, inevitáveis na prática, e como uma técnica habitual e um processo das atividades (rítmicas e cíclicas na natureza) que regem a vida do homem comum, que se levanta, repousa, come e bebe, desempenhando periodicamente todas as tarefas que está acostumado a realizar. (Cura Esotérica)

[12] É importante observar que a Arte de Morrer se realiza sob a básica e fundamental Lei de Atração, e que o aspecto amor, o segundo aspecto da divindade, exerce o ato de atração. Excluo os casos de morte repentina, porque é resultado da atividade do destruidor ou primeiro aspecto divino. A condição é outra; talvez não envolva a necessidade cármica individual, e por trás de tal acontecimento possam existir razões muito obscuras de condicionamento grupal. Este tema é tão obscuro atualmente que não tentarei esclarecê-lo. Vocês não têm conhecimento suficiente sobre a Lei do Carma, as implicações cármicas grupais e as relações e obrigações estabelecidas em vidas passadas. Quando digo, por exemplo, que às vezes “a alma pode deixar a porta de proteção aberta para que as forças da morte entrem novamente, sem ter um ponto focal por trás da porta”, a fim de “extinguir mais rapidamente as devidas dívidas passadas”, poderão ver o quanto este tema é obscuro.

Em tudo o que escrevo estou me ocupando simplesmente dos processos normais da morte – morte resultante de doenças, velhice ou imposta pela vontade da alma que concluiu um ciclo designado de experiência e está utilizando os canais normais para atingir os fins projetados. A morte nestes casos é *normal*, e a humanidade precisa captar isso com muita paciência, compreensão e esperança.

Nos termos da Lei de Atração, a alma, ao findar um ciclo de vida e com toda a intenção, exerce seu poder de atração de tal maneira, que neutraliza o poder atrativo inerente à matéria em si. Eis uma clara definição da causa básica da morte. Quando o contato consciente com a alma não foi estabelecido, como é o caso da maioria das pessoas atualmente, a morte chega como um evento inesperado ou penosamente previsto. No entanto, *é uma verdadeira atividade da alma*. Este é o primeiro grande conceito espiritual a ser proclamado para combater o medo da morte. A morte é realizada de acordo com a Lei de Atração e consiste em uma invariável e científica abstração do corpo vital, fora do corpo físico denso, que leva oportunamente à eliminação de todo contato da alma com os três mundos. (Cura Esotérica)

[13] A Lei da Atração desintegra as formas e reconduz o material dessas formas às fontes primordiais, antes de reconstruí-las de novo. No caminho da evolução, os efeitos dessa lei são bem conhecidos, não apenas na destruição de veículos descartados, mas também na desintegração das formas nas quais os grandes ideais se materializam... Tudo acaba por se desintegrar sob a ação dessa lei.

Sua atuação é mais evidente para a mente do homem comum em suas manifestações atuais no plano físico. Podemos traçar a conexão entre o plano átmico (espiritual) e o plano físico — demonstrando-se no plano inferior como a Lei do Sacrifício e da Morte —, mas seu efeito também pode ser observado em todos os cinco planos. É a lei que destrói a última envoltura que separa a alma aperfeiçoada. (Cura Esotérica)

[14] A vida é abordada do ângulo do Observador e não de quem participa no experimento e experiência efetivos nos três mundos (físico-emocional-mental)..., se são discípulos iniciados, tornam-se cada vez mais inconscientes das atividades e reações de suas personalidades, pois certos aspectos da natureza inferior já estão controlados e purificados em tal medida que ficaram sob o umbral da consciência e penetraram no mundo do instinto; portanto, já não há percepção consciente deles, assim como o homem adormecido é inconsciente do rítmico funcionamento de seu veículo físico adormecido. Trata-se de uma verdade profunda e pelo geral não compreendida. Relaciona-se com

todo o processo da morte e poderia ser considerada como uma das definições da morte; contém a chave das misteriosas palavras “o reservatório de vida”. A morte, na realidade, é inconsciência daquilo que pode estar atuando em uma forma, mas em uma forma da qual a entidade espiritual é totalmente inconsciente. O reservatório da vida é o lugar da morte, e esta é a primeira lição que o discípulo aprende. (Cura Esotérica)

[15] Isto, até onde podem captar atualmente, diz respeito, sobretudo, à vontade criadora, à medida que:

1. Inicia a manifestação e condiciona o que é criado.
2. Viabiliza a oportuna realização.
3. Supera a morte ou a diferenciação.

Todos os iniciados devem expressar e oportunamente expressam vontade dinâmica, criadora, um propósito enfocado que expressa apenas a vontade-para-o-bem e também aquele esforço sustentado que traz plenitude. Aqui lhes lembraria que *esforço sustentado é a semente da síntese, a causa da realização e o que finalmente vence a morte*. A morte é realmente deterioração em tempo e espaço e se deve à tendência da matéria-espírito de se isolar durante a manifestação (do ponto de vista da consciência). Este esforço sustentado do Logos é o que mantém todas as formas em manifestação e preserva até mesmo o aspecto vida como fator integrador na construção da forma e – o que é também um ato da vontade sustentadora – pode abstrair ou retirar a consciência da vida intacta no fim de um ciclo de manifestação. (Astrologia Esotérica)

[16] A esta altura, terão se dado conta de que estamos debatendo o fato da morte na medida que afeta o corpo físico (evento muito conhecido) e também as envolturas astral ou mental – aqueles agregados de energia condicionada, com as quais não estamos tão familiarizados objetivamente, mas que até mesmo o psicólogo admite a existência e cremos que devem se desintegrar ou desaparecer com a morte do corpo físico. Já lhes ocorreu, porém, que o principal aspecto da morte, no que diz respeito mais definitivamente ao ser humano, é a morte da personalidade? Não estou falando em termos abstratos, como fazem os esoteristas empenhados em negar a qualidade ou qualidades que caracterizam o eu pessoal. Falam de “matar” tal ou qual qualidade, suprimir totalmente o “eu inferior” e frases similares. Refiro-me aqui textualmente à destruição, dissolução, dissipação ou dispersão final desse eu pessoal tão prezado e bem conhecido.

É preciso ter em mente que a vida da personalidade abrange as seguintes etapas:

1. A lenta e gradual construção durante um longo período de tempo. Durante muitos ciclos de encarnações o homem não é uma personalidade, é apenas um membro da massa.
2. A identificação consciente da alma com a personalidade; essa etapa praticamente não existe. O aspecto alma, oculto nas envolturas, foi dominado pela vida dessas envolturas, durante um período muito, muito longo, e só faz sentir sua presença mediante o que se denomina “a voz da consciência”. Contudo, à medida que o tempo vai avançando, a vida inteligente ativa do indivíduo gradualmente se aprimora e coordena pela energia que flui das pétalas do conhecimento do loto egoico ou da inteligente natureza perceptiva da alma em seu próprio plano. Isto produz, a certa altura, a integração das três envolturas inferiores em um todo atuante. O homem então é uma personalidade.
3. A vida da personalidade, do indivíduo agora coordenado, persiste durante muitas vidas, e também abrange três fases:

a. A da agressiva e dominante vida da personalidade, basicamente condicionada pelo tipo de raio, de natureza egoísta e muito individualista.

b. A de transição, em que se trava um conflito entre a personalidade e a alma. A alma começa a procurar se liberar da vida da forma e, no entanto, em última análise, a personalidade depende do princípio vida, conferido pela alma. Expressando de outra maneira, tem início o conflito entre o raio da alma e o raio da personalidade, e a luta é travada entre dois enfocados aspectos de energia. Este conflito termina na terceira iniciação.

c. A do controle exercido pela alma, que é a fase final, levando à morte e à destruição da personalidade. Esta morte começa quando a personalidade, o Morador no Umbral, permanece ante o Anjo da Presença. A luz do Anjo solar então extingue a luz da matéria. (Cura Esotérica)

[17] *A Eliminação da Forma-Pensamento Personalidade*. Ao tratar deste tema (o que só posso fazer muito brevemente) é preciso ter presente duas coisas:

1. Que estamos considerando apenas uma ideia que a mente tem acerca da alma e tratando do fato básico da ilusão que tem controlado todo o ciclo de encarnação e, assim, mantido a alma prisioneira da forma. Para a alma, a personalidade significa duas coisas:

a. A capacidade da alma de se identificar com a forma; em primeiro lugar, é a alma que o faz, quando a personalidade começa a reagir ao obter certa medida de real integração.

b. Uma oportunidade para a iniciação.

2. Que a eliminação da forma-pensamento da personalidade, consumada na terceira iniciação, é uma grande iniciação para a alma em seu próprio plano. Por esta razão, a terceira iniciação é considerada como a primeira iniciação maior, pois as duas iniciações anteriores produzem pouco efeito sobre a alma, afetando apenas a alma encarnada, o “fragmento” do todo.

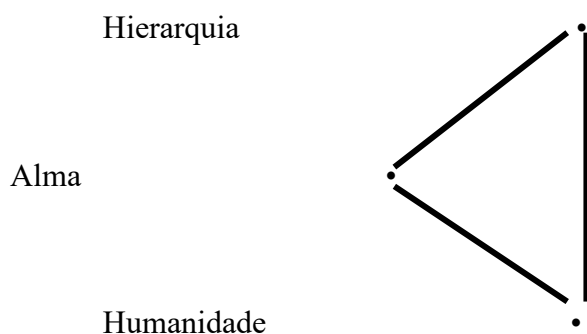
Estes fatos são pouco compreendidos e raras vezes acentuados na bibliografia publicada até agora, que sempre enfatizou as iniciações na medida que afetam o discípulo nos três mundos. Mas estou tratando especificamente das iniciações, na medida que afetam ou não *a alma*, sobrepassando o seu reflexo, a personalidade nos três mundos. Portanto, o que disse terá pouco significado para o leitor comum.

Do ponto de vista do eu pessoal, considerando a si mesmo como o Morador no Umbral, a atitude ou estado mental foi descrita, de maneira inadequada, como de total obliteração na luz da alma; tal é a glória da Presença, transmutada pelo Anjo, que a personalidade, com suas exigências e aspirações, desaparece completamente. Restam apenas a envoltura e o instrumento através do qual a luz solar pode fluir para ajudar a humanidade. Isto é válido até certo ponto, mas é somente – em última análise – a tentativa do homem de pôr em palavras os efeitos transmutadores e transfiguradores da terceira iniciação, o que não é possível fazer.

Infinitamente mais difícil é o esforço que faço para descrever a atitude e as reações da alma, o eu uno, o Mestre no coração, quando reconhece o maravilhoso fato de sua própria e essencial liberação, e se dá conta, de uma vez por todas, de que agora é incapaz de responder às vibrações inferiores dos três mundos, tal como são transmitidas para a alma por seu instrumento de contato, a forma personalidade, forma que agora é incapaz de transmissão.

A segunda reação da alma, uma vez enfocada e admitida esta realização, é que – alcançada a liberdade – esta liberdade agora comunica suas próprias demandas:

1. Uma vida de serviço nos três mundos, tão conhecidos e agora tão completamente transcendidos.
2. Um senso sobrepairante de amor dirigido àqueles que ainda estão procurando a liberação.
3. Um reconhecimento do triângulo essencial, que agora se tornou o centro da vida conceitual da alma:



A alma agora vibra entre os dois pontos ou pares de opostos e atua como centro invocador e evocador.

Nenhuma das realizações mencionadas pode ser registrada na consciência cerebral ou na mente da personalidade iluminada. Teoricamente, é possível perceber uma tênue visão das possibilidades inerentes, mas já não é a consciência do discípulo servidor nos três mundos, usando a mente, as emoções e o corpo físico para cumprir, no possível, o comando e a intenção hierárquicos. Isto desapareceu com a morte da consciência da personalidade. A consciência agora é a da própria alma, consciente de que não há separação, ativa de maneira instintiva, concentrada espiritualmente nos planos do Reino de Deus, e livre da atração e do mais leve controle da matéria-forma; no entanto, a alma ainda responde à substância-energia, na qual está imersa, e sua correspondência superior ainda atua nos níveis do plano físico cósmico – os planos búdico, átomico, monádico e logoico.

O que então é preciso acontecer para que a vida da alma seja plena e completa e tão inteiramente inclusiva que os três mundos façam parte de sua área de percepção e de seu campo de serviço? A única maneira de esclarecer o que a alma deve realizar, depois da terceira iniciação, resume-se em duas maneiras:

Primeiro: a alma se torna um criador consciente, porque o terceiro aspecto – desenvolvido e dominado, mediante a experiência nos três mundos, durante o longo ciclo de encarnações – alcançou um ponto de atividade perfeita. Em termos técnicos, direi: a energia das pétalas de conhecimento e a energia das pétalas de amor estão agora tão ativamente mescladas e fusionadas, que duas das pétalas internas, circundando a joia no loto, não atuam mais como véus para a joia. Estou falando em termos simbólico. Devido a este acontecimento, a morte ou a eliminação da personalidade é a primeira atividade no drama da criação consciente, e a primeira forma criada pela alma é um substituto da personalidade. Assim é criado um instrumento para o serviço nos três mundos. Desta vez, porém, trata-se de um instrumento sem vida, sem desejos, sem ambições e sem poder de pensamento próprio. É apenas uma envoltura de substância, animada pela vida da alma, mas que – ao mesmo tempo – responde e se adapta ao período, à raça e às condições ambientais em que a alma criadora escolhe atuar. Reflitam sobre esta afirmação e enfatizem as palavras “se adapta”.

Segundo: a alma então se prepara para a futura quarta iniciação. Trata-se basicamente de uma experiência monádica e resulta – como bem sabem – no desaparecimento ou destruição do veículo alma ou corpo causal, e no estabelecimento, portanto, de uma relação direta entre a Mônada em seu próprio plano e a personalidade recém-criada, via o antahkarana.

Apresentei pela primeira vez estes dois pontos na ordem sequencial, extraídos dos ensinamentos ocultistas; contudo, algumas indicações prepararam o caminho para esses dois fatos. Também dei informações sobre o mayavirupa, através do qual o Mestre atua e estabelece contato com os três mundos e que cria deliberadamente, a fim de servir a Seus propósitos e planos. Constitui um substituto definido para a personalidade e só pode ser criado quando a antiga personalidade (construída e desenvolvida durante o ciclo de encarnação) foi eliminada. Prefiro usar a palavra “eliminada” em vez de “destruída”. A *estrutura* – no momento da eliminação – persiste, mas a sua vida separatista se foi.

Se refletirem com toda clareza sobre esta afirmação, observarão que agora é possível obter uma total integração. A vida da personalidade foi absorvida; a forma personalidade ainda permanece, mas persiste sem ter uma real vida própria; vale dizer que já pode ser receptora de energias e forças que o Iniciado ativo ou Mestre necessita, a fim de empreender a obra de salvação da humanidade. Será valioso para os estudantes o estudo dos três “aparecimentos do Cristo”, como registrados o relato do Evangelho:

1. Seu aparecimento transfigurado, no Monte da Transfiguração. Este episódio descreve simbolicamente a alma irradiante e também os três corpos desocupados da personalidade, e dá indicações sobre a futura construção de um veículo de manifestação. Diz São Pedro: “Senhor, que aqui construamos três cabanas” ou tabernáculos.

2. Seu aparecimento como a própria verdade (silenciosa, embora presente), diante do tribunal ou assento de julgamento de Pilatos, repudiado pelo mundo dos homens, mas reconhecido pela Hierarquia.

3. Seu radiante aparecimento depois da iniciação da ressurreição.

3. Seu radiante aparecimento depois da iniciação da ressurreição:

a. Para a mulher no sepulcro – simbolizando Seu contato com a Humanidade.

b. Para os dois discípulos no Caminho para Emaús – simbolizando Seu contato com a Hierarquia.

c. Para os doze discípulos na câmara superior – simbolizando Seu contato com a Câmara do Concílio do Senhor do Mundo em Shamballa.

Poderão ver a natureza factual dos resultados a que me referi acima nesta instrução. O discípulo que eliminou (no sentido técnico, como também no sentido místico) o domínio da personalidade, tem agora a “liberdade do Ashram”, como é denominada, e pode se deslocar à vontade entre seus iguais, discípulos e iniciados. Não haverá nada em sua vida ou qualidade vibratória que perturbe o ritmo do Ashram; não haverá nada que suscite uma “intervenção apaziguadora” do Mestre, como tantas vezes ocorre nas primeiras etapas do discipulado; nada agora pode interferir nesses elevados contatos e esferas de influência, que até então estavam selados para o discípulo, devido ao intrometimento de sua própria personalidade. (Cura Esotérica)

[18] Podemos ver, pois, porque as pessoas que conseguiram construir o antahkarana, a ponte de arco-íris entre a Mônada e a personalidade, estabeleceram um contato (inexistente no homem

comum) entre a Mônada, a Fonte de Vida e a personalidade – a expressão dessa Vida na objetividade. A Mônada então, e não a alma, controla os ciclos de expressão externa, e o iniciado então morre à vontade, segundo o plano ou as necessidades do trabalho. Isto, certamente, se refere apenas aos iniciados de grau superior. (Cura Esotérica)

PARTE XIII

E então é emitida uma Palavra. O ponto de luz radiante e descendente sobe, respondendo à nota de chamada, fracamente ouvida, atraído à fonte de onde emanou. A isto o homem chama de morte e a isto a alma chama de vida.

(Cura Esotérica)

[1] Gostaria que fizessem uma imagem (considerando-a em termos simbólicos) de um homem em plena encarnação e enraizado em sua fase de experiência, e de um homem que está se retirando dessa experiência. Implica na repetição, em pequena escala, dos grandes processos planetários de involução e evolução; diz respeito às atividades que produzem um enfoque ou polarização em uma das duas direções; parece o que se poderia considerar como um processo de verter vida e luz em um receptáculo, no plano físico, ou a intensificação da irradiação dessa vida e luz, de natureza tão potente que, devido ao poder evocador da alma, são ambas extraídas e reunidas no centro de vida e luz do qual provieram originalmente. Dei aqui para vocês (se pudessem reconhecê-lo) uma definição da iniciação, mas com uma fraseologia fora do comum. Talvez algumas linhas extraídas do *Manual da Morte*, que existe nos arquivos hierárquicos, pudessem explicar e ajudá-los a adquirir uma nova perspectiva sobre a morte. Este manual contém as denominadas "Fórmulas que precedem o Pralaya". Elas tratam de todos os processos da morte ou abstração, abrangendo a morte de todas as formas, seja a morte de uma formiga, de um homem ou de um planeta. As fórmulas concernem somente aos dois aspectos de vida e luz – a primeira condicionada pelo Som e a segunda pela Palavra. Os escritos a que me refiro dizem respeito à luz e à Palavra que a abstrai da forma ou a enfoca na forma.

“Tenha em mente, Chela, que nas esferas conhecidas, nada a não ser a luz responde à PALAVRA. Saiba que esta luz desce e se concentra; saiba que do seu ponto de enfoque escolhido, ilumina a própria esfera; saiba também que a luz sobe e deixa na escuridão aquilo que, em tempo e espaço, iluminou. “A esta descida e subida, os homens chamam de vida, existência e morte; a isto Nós, que percorremos o Caminho Iluminado, chamamos de morte, experiência e vida”.

A luz que desce se ancora no plano da aparência temporária. Existem sete fios, e sete raios de luz pulsam ao longo desses fios. Dali são irradiados vinte e um fios menores, fazendo com que os quarenta e nove fogos fulguem e ardam. No plano da vida manifestada surge a palavra: Eis que um homem nasceu!

À medida que a vida prossegue, aparece a qualidade da luz; pode ser tênue e brumosa, ou irradiante, vívida e brilhante. Assim os pontos de luz dentro da chama passam e repassam, vêm e vão. A isto os homens chamam de vida, chamam de existência verdadeira. Assim enganam a si próprios e, no entanto, cumprem o propósito de suas almas e se encaixam no Plano maior.

E então é emitida uma Palavra. O ponto de luz radiante e descendente sobe, respondendo à nota de chamada, fracamente ouvida, atraído à fonte de onde emanou. A isto o homem chama de morte e a isto a alma chama de vida.

A Palavra retém a luz na vida; a Palavra abstrai a luz e só resta Aquele que é a própria Palavra. Essa Palavra é Luz. Essa Luz é Vida, e Vida é Deus”.

A manifestação do corpo etérico em tempo e espaço contém em si o que foi chamado esotericamente de “dois momentos de esplendor”. Temos, primeiro, o momento anterior à encarnação física, quando a luz que desce (trazendo vida) se enfoca com toda sua intensidade em torno do corpo físico e estabelece uma relação com a luz inata da própria matéria, que existe em cada átomo de substância. Esta luz enfocada se concentra em sete regiões do seu círculo intransponível, criando assim sete centros maiores que controlarão sua expressão e existência no plano externo, falando em termos esotéricos. É um momento de grande esplendor, é quase como se um ponto de luz palpitante irrompesse em chama, e como se dentro dessa chama os sete pontos de luz intensificada adquirissem forma. É um elevado ponto na experiência da vinda à encarnação, que precede o nascimento físico por um breve período de tempo. É o que determina a hora do nascimento. A fase seguinte do processo, tal como vista pelo clarividente, é a etapa de interpenetração, durante a qual “os sete se tornam os vinte e um e, em seguida, os muitos”; a substância luz, o aspecto energia da alma, começa a permear o corpo físico, e o trabalho criador do corpo etérico ou vital é concluído. O primeiro reconhecimento disto no plano físico é o “som”, proferido pela criança recém-nascida. É o clímax do processo. O ato da criação pela alma está então concluído; uma nova luz brilha em um lugar escuro.

O segundo momento de esplendor ocorre no reverso desse processo e anuncia o período de restituição e abstração final de sua própria energia intrínseca, por parte da alma. A prisão de carne se dissolve pela retirada da luz e da vida. Os quarenta e nove fogos dentro do organismo físico se apagam; seu calor e luz são absorvidos pelos vinte e um pontos menores de luz, os quais, por sua vez, são absorvidos pelos sete centros maiores de energia. Em seguida é pronunciada a “Palavra de Retorno” e o aspecto consciência, a natureza qualidade, a luz e a energia do homem encarnado são retraídos no corpo etérico. Também o princípio vida se retira do coração. Segue-se o brilhante chamejar de pura luz elétrica e o “corpo de luz” rompe finalmente todo contato com o veículo físico denso, se enfoca durante um curto período no corpo vital e, em seguida, desaparece. O ato de restituição está concluído. Todo o processo de enfoque dos elementos espirituais no corpo etérico, com a abstração subsequente e a conseqüente dissipação do corpo etérico, seria bastante acelerado com a substituição de enterro pela cremação. (Cura Esotérica)

[2] As indagações são: Qual é a atitude do Tibetano com relação à cremação e sob que condições ela deve ser realizada? É favorável e apropriado que a cremação venha se tornando regra geral, cada vez mais. Dentro de pouco tempo, a tarefa de sepultar os mortos no solo será contrária à lei, e a cremação será obrigatória, e se trata de uma medida de saúde e higiene. A certa altura desaparecerão daqueles lugares insalubres, aquelas áreas psíquicas chamados de cemitérios, assim como a adoração aos ancestrais está desaparecendo, tanto no Oriente – com seus cultos aos antepassados – como no Ocidente, com seu culto igualmente absurdo à posição social herdada.

Pela aplicação do fogo, todas as formas são dissolvidas; quanto mais rapidamente o veículo físico humano for destruído, tanto mais rápido será rompido seu agarramento sobre a alma que se retira. Muitos despropósitos foram ditos na literatura teosófica atual sobre a equação tempo com relação à destruição sequencial dos corpos sutis. Diga-se, porém, que no momento em que a verdadeira morte é cientificamente estabelecida (pelo médico ortodoxo encarregado do caso) e que se tenha determinado que nenhuma chispa de vida permaneceu no corpo físico, a cremação é possível. Esta total ou verdadeira morte acontece quando o fio da consciência e o fio da vida se retiram totalmente da cabeça e do coração. Ao mesmo tempo, uma atitude de respeito e delicadeza tem seu justo lugar neste processo. A família da pessoa falecida necessita de algumas horas para se adaptar ao fato do iminente desaparecimento da forma externa e, em geral, amada; também deve cumprir as formalidades exigidas pelo estado ou prefeitura. Este elemento tempo se destina principalmente aos que ficam, aos vivos, e não ao morto. A pretensão de que o corpo etérico não deve ser cremado precipitadamente e a crença de que ele deve deambular durante um período determinado de vários dias, também não têm base real; para ele não há nenhuma necessidade de adiamento. Quando o

homem interno se retira de seu veículo físico, retira-se simultaneamente do corpo etérico. É verdade que o corpo etérico pode deambular por um longo período no “campo de emanção”, quando o corpo físico é enterrado, e que muitas vezes persistirá até a total desintegração do corpo denso. O processo de mumificação, tal como praticado no Egito, e o embalsamamento, tal como praticado no Ocidente, foram responsáveis pela perpetuação do corpo etérico, às vezes durante séculos. É especialmente o caso quando a múmia ou a pessoa embalsamada foi um indivíduo maligno durante a vida; o corpo etérico que paira, muitas vezes é “possuído” por uma entidade ou força maligna. É esta a causa dos ataques e desastres que com frequência perseguem aqueles que descobrem tumbas antigas e seus habitantes, múmias antigas, e as levam, elas e suas posses, à luz. Onde a cremação é regra geral, não só há a imediata destruição do corpo físico e sua restituição à fonte de substância, como o corpo vital também é rapidamente dissolvido e suas forças são arrastadas pela corrente ígnea para o reservatório de energias vitais. Ele foi sempre uma parte inerente deste reservatório, como forma ou no estado amorfo. Depois da morte e da cremação, estas forças ainda existem, mas são absorvidas em um todo *análogo*. Reflitam sobre esta afirmação, porque lhes dará a chave do trabalho criador do espírito humano. Se for necessário esperar, devido a sentimentos da família ou a requisitos da prefeitura, a cremação deveria ocorrer dentro das trinta e seis horas após a morte; quando não houver razão para esperar, a cremação pode ser corretamente permitida após doze horas. Contudo, é prudente esperar doze horas, para assegurar que se produziu a *verdadeira* morte. (Cura Esotérica)

[3] Em termos ocultos, a cremação é necessária por duas razões principais. Acelera a liberação dos veículos sutis (que ainda envolvem a alma) do corpo etérico, produzindo assim a liberação em algumas horas, em vez de alguns dias; é também um meio muito necessário de purificar o plano astral e impedir a tendência do desejo de “se movimentar para baixo”, o que tanto prejudica a alma encarnante. Não consegue encontrar um ponto de foco, porque, essencialmente, o fogo repele o aspecto de criação de formas do desejo e é uma expressão maior da divindade com a qual o plano astral não tem uma verdadeira relação, sendo criado inteiramente pela alma humana e não pela alma divina. A afirmação contida na Bíblia de que “nosso Deus é um fogo consumidor” se refere ao primeiro aspecto divino, o aspecto destruidor que libera a vida. “Deus é Amor” significa o segundo aspecto, e apresenta a Deus como existência encarnada. A expressão “Deus é um Deus ciumento” descreve a Deus como forma, circunscrito e limitado, autocentrado e não exteriorizado. O Som destruidor, a Palavra de atração, a Linguagem individualizada!

No momento da morte, a linguagem se desvanece, à medida que a Palavra é enunciada e a restituição se cumpre; posteriormente, a Palavra não é mais ouvida, pois o Som a elimina ou absorve, e há então a total eliminação de tudo que interfere com o Som. Sobrevém depois o Silêncio, e o próprio Som não é mais ouvido; depois do ato final da integração, segue-se a paz total. Temos assim descrito, com fraseologia esotérica, todo o processo da morte. (Cura Esotérica)

[4] Talvez fosse prudente estudarmos esta décima Lei de maneira mais detalhada, no possível, para chegarmos à síntese que está destinada a transmitir: desta maneira compreenderemos que a própria morte é parte do processo criador de sintetização. É fundamental que sejam introduzidas novas ideias e uma nova abordagem a todo o problema da morte.

Escuta com atenção, Discípulo, o chamado que o Filho faz à Mãe, e então obedece.

Embora compreendamos do contexto que se refere ao descarte do corpo físico, é útil lembrar que esta formulação pode significar muito mais do que isso. Pode ser interpretada como significativa da inteira relação de alma e personalidade, e implicar na diligente obediência da Mãe (a personalidade) ao Filho (a alma). Sem esta diligente obediência, envolvendo, como faz, o reconhecimento da Voz que a inspira, a personalidade permanecerá surda ao chamado da alma para abandonar o corpo. Não desenvolveu o hábito de responder. Gostaria que refletissem sobre essas implicações.

Sei que estou recapitulando, quando assinalo que o aspecto Mãe é o aspecto matéria, e a alma – em seu próprio plano – é o Filho. Este preceito, portanto, diz respeito à relação de matéria e alma, e assim estabelece o fundamento para todas as relações que o discípulo tem que aprender a reconhecer. A obediência não é exigida aqui, é incidental ao ato de ouvir; a obediência se segue como o próximo desenvolvimento. É um processo mais fácil, por pouco que possam crer. Esta distinção, relativa ao processo da obediência é interessante, porque o processo de *aprendizado pela audição* é sempre lento, e uma das qualidades ou aspectos da etapa de orientação. O *aprendizado pela vista* está definitivamente conectado com o Caminho do Discipulado, e quem quer se tornar um verdadeiro e sábio trabalhador deve aprender a distinguir entre aqueles que ouvem e aqueles que veem. A compreensão desta diferença conduziria a mudanças básicas na técnica. Em um caso, trabalha-se com aqueles que estão definitivamente sob a influência e controle da Mãe e necessitam de treinamento para ver. No outro, lida-se com aqueles que ouviram e estão desenvolvendo a analogia espiritual da vista e, portanto, são susceptíveis à visão.

A Palavra anuncia que a forma cumpriu o seu propósito.

Esta palavra, ou “proclamação espiritual” da alma, pode ter um duplo propósito: produzir a morte ou simplesmente resultar na retirada da alma de seu instrumento, a tríplice personalidade. Em consequência, poderia resultar em deixar a forma inanimada e o corpo sem nenhum morador. Quando isso acontece, a personalidade (e com isto quero expressar o homem físico, astral e mental) continuará a atuar. Se possui uma qualidade elevada, poucas pessoas se darão conta de que a alma está ausente. Isso com frequência acontece nas pessoas idosas ou nos casos de doenças graves, e pode durar anos. Às vezes acontece a crianças pequenas, então sobrevém a morte ou o retardo mental, pois não houve tempo para treinar os veículos da personalidade inferior. Uma pequena reflexão acerca da “Palavra anunciadora” verterá muita luz sobre circunstâncias consideradas desconcertantes e estados de consciência que até agora constituíram problemas quase insolúveis.

O princípio mente então organiza a si mesmo, e em seguida repete a Palavra. A forma expectante responde e se desprende.

No processo da morte que estamos tratando aqui, a mente atua como autoridade, o agente que transmite ao cérebro (onde se localiza o fio da consciência) as instruções para se retirar. Então o homem que se encontra dentro do corpo as retransmite ao coração (onde está ancorado o fio da vida), e em seguida – como bem sabem – o processo de retirada tem início. O que acontece nesses intemporais momentos que antecedem a morte, ninguém sabe, pois ninguém voltou para nos contar. Se alguém tivesse feito isso, a pergunta seria: Alguém acreditaria neles? Provavelmente, ninguém.

O primeiro parágrafo da Lei X trata da saída do corpo (significando o aspecto forma do tríplice homem inferior) do aspirante inteligente comum, considerando esta lei a partir de uma de suas correspondências inferiores; de acordo com esta mesma Lei de Correspondências, porém, a morte de todos os homens, do tipo mais inferior até inclusive o aspirante, caracteriza-se basicamente pelo mesmo e idêntico processo; a diferença existe no grau de consciência evidenciada, consciência do processo e intenção. O resultado é o mesmo em todos os casos:

A alma é liberada.

Este momento de verdadeira liberação pode ser breve e fugaz no caso do homem subdesenvolvido, ou de longa duração, de acordo com a utilidade do aspirante nos planos internos; já me ocupei disso antes, é desnecessário repetir. Progressivamente, à medida que os anseios e as influências dos três níveis inferiores da consciência debilitam o seu agarramento, o período de dissociação se torna cada vez mais longo, e se caracteriza por uma desenvolvida clareza mental e por um reconhecimento do

ser essencial, e isso em etapas progressivas. Tal clareza mental e progresso talvez não cheguem a se realizar e se expressar plenamente quando tem lugar o renascimento, pois as limitações impostas pelo corpo físico denso são excessivas; não obstante, cada vida vê um constante crescimento em sensibilidade e também o armazenamento de informações esotéricas, utilizando a palavra “esotérica” para expressar tudo o que não diz respeito à vida normal da forma ou da consciência média do homem nos três mundos. (Cura Esotérica)

[5] Qual é o resultado de referida retirada, ou antes, o que causa aquele algo que chamamos de morte ou pralaya? Como neste Tratado estamos adotando o estilo de um livro didático, continuaremos com o nosso método de esquematização. A retirada do duplo etérico de um homem, de um planeta ou de um sistema se deve às seguintes causas:

a. *A cessação do desejo.* Isso deveria ser o resultado de todo o processo evolutivo. A verdadeira morte, nos termos da lei, é ocasionada pela conquista do objetivo e, conseqüentemente, pela cessação da aspiração. Isto, à medida que o ciclo perfeito chega ao fim, será válido para o ser humano individual, o Homem Celestial e o próprio Logos.

b. *O atingimento da vibração adequada* e cumprimento do trabalho pela redução e cessação gradual do ritmo cíclico. Quando a vibração ou nota é perfeitamente percebida ou emitida, produz (no ponto de síntese com outras vibrações) a completa desintegração das formas.

O movimento se caracteriza, como sabemos, por três qualidades:

1. Inércia.
2. Mobilidade.
3. Ritmo.

As três são experimentadas sucessivamente na ordem indicada e pressupõem um período de atividade lenta, seguido por outro de extremo movimento. Este período intermediário (quando se busca a nota exata e o grau de vibração) produz incidentalmente períodos de caos, de experimento, de experiência e de compreensão. Após esses dois tipos de movimento (que são característicos do átomo, do Homem, do Homem Celestial ou grupo e do Logos ou a Totalidade) segue-se um período de ritmo e estabilização, em que se alcança o ponto de equilíbrio. O pralaya é a consequência inevitável da força equilibradora, que traz estabilidade aos pares de opostos.

c. *A separação do corpo físico do corpo sutil*, nos planos internos, mediante a desintegração da trama, o que tem um efeito tríplice:

Primeiro. A vida que animou a forma física (tanto densa como etérica) e que teve o ponto de partida no átomo permanente e, a partir daí, “compenetrou o dinâmico e o estático” (o que se encontra em Deus, o Homem Celestial e no ser humano, assim como no átomo da matéria), se retrai totalmente dentro do átomo no plano de abstração. Este “plano de abstração” é diferente em cada um dos entes envolvidos:

- a. Para o átomo físico permanente, é o nível atômico.
- b. Para o homem, é o veículo causal.
- c. Para o Homem Celestial, é o segundo plano de vida monádica, lugar onde habita.
- d. Para o Logos, é o plano Adí.

São esses os pontos de desaparecimento da unidade no pralaya. Devemos ter presente que se trata sempre de pralaya observado de *baixo*. Da visão superior, que percebe o mais sutil sobrepairando

constantemente o denso quando não está em manifestação objetiva, o pralaya é simplesmente subjetividade, aquilo que é esotérico, e não aquilo “que não é”.

Segundo. O duplo etérico de um homem, de um Logos planetário e de um Logos solar, quando se desintegra, deixa de se polarizar com seu morador interno e, portanto, possibilita a evasão. Não é mais (para expressar em outras palavras) fonte de atração nem ponto focal magnético. Converte-se em não magnético, cessando de ser regido pela grande Lei de Atração, por isso a desintegração é a condição resultante da forma. O Ego deixa de ser atraído pela forma no plano físico e, mediante a inalação, retira sua vida da envoltura. O ciclo se aproxima do fim, o experimento foi feito, o objetivo alcançado – o qual é relativo em cada vida e em cada encarnação – e não se deseja mais nada: o Ego ou a entidade pensante perde o interesse pela forma e dirige a atenção internamente. Muda a polarização e, com o tempo, abandona o corpo físico.

Similarmente, o Logos planetário, durante Seu ciclo maior (a síntese ou conglomerado dos minúsculos ciclos das células do Seu corpo) segue o mesmo curso; cessa de ser atraído para baixo ou para fora, e dirige o olhar para dentro; recolhe internamente o conglomerado das vidas menores dentro de Seu corpo, o planeta, e corta a conexão. A atração pelo externo cessa e tudo gravita para o centro, em vez de se dispersar para a periferia do Seu corpo.

No sistema, o Logos solar segue o mesmo processo; de Seu elevado lugar de abstração, deixa de ser atraído pelo Seu corpo de manifestação. Retira seu interesse e os pares de opostos, o espírito e a matéria do veículo, se dissociam. Com esta dissociação, o sistema solar, o “Filho da Necessidade” ou do desejo, deixa de ser, e sai da existência objetiva.

Terceiro. Finalmente, produz-se a dispersão dos átomos do corpo etérico, que voltam à condição primitiva. A vida subjetiva, síntese da vontade e do amor que toma forma ativa, se retira. A parceria se dissolve. A forma então se desintegra; o magnetismo que a mantinha coesa já não está presente e a dissipação é total. A matéria persiste, mas a *forma* não.

O trabalho do segundo Logos termina, e a divina encarnação do Filho chega ao fim. Mas a faculdade ou qualidade inerente à matéria persiste, e no fim de cada período de manifestação, a matéria (embora novamente distribuída em sua forma primitiva) é matéria inteligente ativa, acrescida do que adquiriu durante a objetividade e com maior atividade latente e irradiante que ganhou pela experiência. Permitam-me ilustrar: a matéria do sistema solar, quando indiferenciada, era matéria inteligente ativa, e isto é tudo o que se pode afirmar sobre ela. Esta matéria inteligente ativa era matéria qualificada por uma experiência anterior e colorida em uma encarnação anterior. *Agora* esta matéria *está na forma*, o sistema solar não se encontra em pralaya, mas na objetividade – esta objetividade tem por objetivo agregar outra qualidade ao conteúdo logoico, a qualidade amor-sabedoria. Assim, no próximo pralaya solar, ao término dos cem anos de Brahma, a matéria do sistema solar estará colorida pela inteligência ativa e pelo amor ativo. Isto significa, literalmente, que o conjunto de matéria atômica solar vibrará, com o tempo, em uma vibração diferente da que tinha nos primórdios da manifestação.

Podemos aplicar este mesmo raciocínio ao Logos planetário e à unidade humana, pois a analogia é perfeita. Em pequena escala, temos a analogia no fato de que em cada período da vida humana o homem ocupa um corpo físico mais evoluído e de maior sensibilidade, sintonizado a uma vibração mais alta, mais refinada, e vibrando em um ritmo diferente. Estes três conceitos contêm muita informação se forem estudados e ampliados com lógica.

d. *A transmutação da cor violeta em azul.* Sobre isto não podemos nos estender. Fazemos uma simples exposição, deixando para ser trabalhado pelos estudantes cujo carma o permita e cuja intuição esteja suficientemente desenvolvida.

e. *Mediante a retirada da vida, a forma se dissipará gradualmente.* É interessante observar a ação reflexa, pois os Construtores e Devas superiores, agentes ativos durante a manifestação, e que mantêm a forma em um conjunto coeso, que transmutam, aplicam e fazem circular as emanções prânicas, perdem também a atração pela matéria da forma, e dirigem a atenção para outros lados. No caminho de exalação (seja humano, planetário ou logoico) estes Devas construtores (que se encontram no mesmo Raio ou em um raio complementar ao do ente que deseja se manifestar) são atraídos por sua vontade e desejo, e realizam sua tarefa de construção. No caminho de inalação (humano, planetário ou logoico) já não são atraídos, e a forma começa a se dissipar. Perdem o interesse, e as forças (entidades também), agentes de destruição, realizam o trabalho necessário de destruir a forma; a dispersam – como se diz em ocultismo – “aos quatro ventos do Céu” ou às regiões dos quatro alentos – uma quádrupla separação e distribuição. Temos aqui um indício útil que merece uma cuidadosa consideração.

Embora não tenham sido descritas as cenas havidas no leito de morte, nem a dramática evasão do palpitante corpo etérico através do centro coronário, foram mencionadas algumas das regras e propósitos que regem tal evasão. Vimos que o objetivo de cada vida (humana, planetária ou logoica) consiste em realizar e levar adiante um propósito definido. Este propósito envolve o desenvolvimento de uma forma mais adequada para uso do espírito; uma vez alcançado, o Morador interno dirige sua atenção para outra parte, e a forma se desintegra, tendo servido à necessidade. Isto nem sempre ocorre em toda vida humana nem em todo ciclo planetário. O mistério da Lua é o mistério do fracasso. Quando compreendido, leva a uma vida de dignidade, e apresenta um objetivo que merece nossos melhores esforços. Quando este aspecto da verdade for universalmente reconhecido, como será, quando a inteligência da raça se desenvolver suficientemente, a evolução avançará com certeza e os fracassos serão menos numerosos. (Tratado sobre o Fogo Cósmico)

[6] Voltamos agora a outro aspecto do nosso tema. Há, falando em sentido mais amplo, três grandes episódios de morte.

Temos, primeiramente, a constante recorrência do fato da morte física, bem conhecida de todos nós, devido à extrema frequência, se pudéssemos compreender. Este reconhecimento poderia eliminar rapidamente o atual medo da morte. Há também a “segunda morte”, mencionada na Bíblia, que no presente ciclo planetário está associada à morte de todo controle astral sobre o ser humano. Em sentido mais amplo, esta segunda morte é consumada na quarta iniciação, quando até a aspiração espiritual morre, pois não é mais necessária; a Vontade do iniciado é então firme e inamovível e a sensibilidade astral deixa de ser imprescindível.

Há uma curiosa contraparte desta experiência em um nível muito inferior, na morte de todas as emoções astrais que acontece para o aspirante individual no momento da segunda iniciação. Trata-se de um episódio completo e é registrado conscientemente. Entre as iniciações segunda e terceira, o discípulo deve demonstrar a continuidade da condição de não resposta ao astralismo e emocionalismo. A segunda morte, à qual me refiro aqui, tem a ver com a morte ou o desaparecimento do corpo causal, no momento da quarta iniciação; este fato assinala a conclusão da construção do antahkarana e a instituição de uma relação direta, de continuidade desimpedida, entre a Mônada e a personalidade.

A terceira morte acontece quando o iniciado deixa para trás, de maneira definitiva e sem perspectiva de retorno, toda relação com o plano físico cósmico. Esta morte, necessariamente, está muito distante para todos da Hierarquia e, no presente, só é possível e permitida para uns poucos da Câmara do Concílio de Shamballa. No entanto, não é um processo pelo qual passará Sanat Kumara. Ele experimentou esta “transformação” há muitos éons, durante o grande cataclismo que inaugurou

a Era Lemuriana, que foi induzido por Sua experiência cósmica e pela necessidade de uma afluência de energia oriunda de Seres extraplanetários. (Cura Esotérica)

[7] Quando todas as unidades ou células do corpo do Logos planetário alcançarem a realização, também Ele se liberará da manifestação densa e morrerá fisicamente. (Cura Esotérica)

[8] Temos aqui o segredo do sofrimento e da morte planetários. Nosso Logos planetário (considerando a verdade do ângulo do macrocosmo) é, como sabem, um dos “Deuses imperfeitos” da *Doutrina Secreta*, embora perfeito para além da nossa compreensão humana – a compreensão de uma unidade em qualquer um dos reinos que constitui Seu corpo de manifestação. Ainda não há um verdadeiro equilíbrio entre espírito e matéria, embora o ponto de equilíbrio esteja quase alcançado. As forças involutivas ainda são muito potentes e as energias espirituais frustradas, embora não tanto como nos primórdios da história humana. A próxima grande raça humana, que virá depois da atual, verá o ponto de equilíbrio ser alcançado, o qual inaugurará a assim chamada idade de ouro. Haverá então menos pontos de fricção sobre o planeta e, portanto, no indivíduo; desaparecerão as áreas de frustração e de atividade inútil. No corpo de uma pessoa avançada ou de um iniciado é possível observar isto se desenvolvendo em grande medida e durante longos períodos em suas encarnações; as correspondências paralelas são exatas como regra geral. (Cura Esotérica)

[9] A morte para o homem é exatamente o que parece ser a liberação do átomo; o que a grande descoberta científica da liberação da energia atômica demonstrou. O núcleo do átomo foi dividido em dois. (Esta expressão é cientificamente incorreta). Este acontecimento, na experiência da vida do átomo, libera uma grande luz e uma grande potência; no plano astral, o fenômeno da morte tem um efeito um tanto similar e há também um estreito paralelo com o fenômeno produzido pela liberação da energia atômica. Toda morte, em todos os reinos da natureza, produz este efeito em certa medida; fragmenta e destrói a forma substancial e assim serve a um propósito construtivo; este resultado é grandemente astral ou psíquico e serve para dissipar alguns dos espelanismos circundantes. A destruição das formas em grande escala, ocorrida nos últimos anos de guerra, produziu mudanças fenomênicas no plano astral e fragmentou grande parte da miragem existente no mundo, e isto é muito, realmente muito bom. Tais eventos deveriam resultar em menor oposição à afluência do novo tipo de energia; deveriam também facilitar o surgimento de ideias que corporificam os reconhecimentos necessários. Os novos conceitos serão vistos agora e sua eclosão no reino do pensamento humano dependerá da formulação dos novos “trilhos ou canais de impressão”, por meio dos quais a mente dos homens poderá se sensibilizar aos planos hierárquicos e aos propósitos de Shamballa.

Isso, no entanto, é só um aparte. Minha proposição servirá para mostrar a vocês algumas das relações que existem entre a morte e a atividade construtora, a importante utilidade da morte como um processo de reconstrução. Transmitirá a ideia de que esta Grande Lei da Morte – quando rege a substância dos três mundos – é um acontecimento benéfico e corretivo. Sem me estender, lembrarei que a Lei da Morte, que rege tão poderosamente os três mundos da evolução humana, é um reflexo de um propósito cósmico que rege os planos etéricos cósmicos do nosso sistema solar, o plano astral e o plano mental cósmicos. A energia que produz a morte emana como expressão do princípio vida dessa VIDA maior que circunscreve totalmente os sete sistemas planetários que, em Si Mesmos, expressam a Vida do nosso sistema solar. Quando, em nossa reflexão e no esforço de compreender, nos introduzimos no reino da abstração pura, chegamos ao momento de nos determos e levarmos as nossas mentes de volta aos métodos mais práticos do viver planetário e às leis que regem o quarto reino da natureza, o humano. (Cura Esotérica)

[10] Pode-se supor, portanto, que a Arte da Eliminação é praticada de maneira mais definida e efetiva do que foi a restituição do veículo físico. Outro ponto também deve ser considerado. No aspecto interno, os homens *sabem* que a Lei de Renascimento rege os processos de experiência da

vida do plano físico e se dão conta de que, antes da eliminação dos corpos kâmico, kama-manásico e manásico, apenas passam por um intervalo entre encarnações e que, em consequência, defrontam-se com duas grandes experiências:

1. Um momento (longo ou curto, segundo o grau de evolução alcançado) em que será estabelecido contato com a alma ou Anjo solar.
2. Após esse contato, produz-se uma reorientação relativamente violenta em relação à vida terrena, que leva ao que se chama de “processo de descida e chamada”, no qual o homem:
 - a. Prepara-se de novo para a encarnação física.
 - b. Emite sua própria e verdadeira nota dentro da substância dos três mundos.
 - c. Revitaliza os átomos permanentes, que formam um triângulo de força no corpo causal.
 - d. Reúne a substância necessária para formar seus futuros corpos de manifestação.
 - e. Matiza-os com as qualidades e características que já adquiriu através da experiência da vida.
 - f. No plano etérico, organiza a substância do seu corpo vital, de tal modo que os sete centros tomem forma e possam se converter em receptáculos para as forças internas.
 - g. Escolhe deliberadamente aqueles que lhe proporcionarão a envoltura física densa necessária e, em seguida, aguarda o momento da encarnação. Os estudantes esoteristas bem fariam em lembrar que os pais só doam o corpo físico denso. Não contribuem em nada mais do que um corpo de determinada qualidade e natureza, que proporcionará o veículo de contato necessário com o ambiente exigido pela alma encarnante. Também podem proporcionar uma certa medida de relação grupal, quando a experiência da alma é longa e se estabeleceu uma verdadeira relação grupal.

Estes dois momentos críticos são conscientemente enfrentados pelo homem desencarnado e ele sabe o que está fazendo, dentro dos limites estabelecidos pelo seu grau de evolução. (Cura Esotérica)

[11] Primeiro, o Eterno Peregrino, por próprio e livre arbítrio e anuência, optou “ocultamente” por morrer e tomar um corpo ou uma série de corpos para ascender ou elevar as vidas da natureza forma que ele corporificou; nesse processo, ele mesmo “morreu” no sentido de que, para a alma livre, a morte e a apropriação de uma forma e a consequente imersão da vida na forma, são termos sinônimos.

Segundo, assim fazendo, a alma está recapitulando em pequena escala o que o Logos solar e o Logos planetário também fizeram e estão fazendo. As grandes Vidas ficam sob a regência dessas leis da alma durante o período de manifestação, embora Elas não sejam regidas nem controladas pelas leis do mundo natural, como o denominamos. Suas consciências não se identificam com o mundo fenomênico, embora as nossas fiquem identificadas com ele, até o momento em que estejamos sob a regência das leis superiores. Pela “morte” oculta destas grandes Vidas, todas as vidas menores podem viver e a elas é oferecida uma oportunidade. (Cura Esotérica)

[12] O *signo ascendente* indica as possibilidades mais remotas, a meta espiritual e o propósito da encarnação presente e das encarnações que se seguirão imediatamente. Este signo diz respeito à luta que o homem espiritual trava para “ultrapassar” o ponto alcançado, de maneira que, quando a energia vital se esgotar temporariamente e ocorrer “a morte da personalidade”, ele se encontre “mais perto do centro de sua vida, mais perto do centro de seu grupo e se aproximando do centro da Vida divina”, como expressa a Sabedoria Atemporal. Esta frase específica “morte da personalidade” tem duas conotações precisas:

- a. Pode significar a morte do corpo físico, à qual se segue inevitavelmente as duas etapas, a da morte do veículo emocional e a subsequente desintegração da forma temporária e em constante mudança, que esta cota-parte de energia mental assumiu durante a encarnação.

b. A subjetiva e mística “morte da personalidade”. Esta frase indica a transferência do foco de distribuição de energia, da personalidade (um centro definido de força) para a alma (outro centro definido de força). (Astrologia Esotérica)

[13] O mês de nascimento indica o dia da oportunidade. A porta se abre. O mês específico no qual a alma *vem* à encarnação indica àquela alma o mês em que *saiu* da encarnação em um ciclo de vida anterior. Por exemplo, se morreu no mês regido pelo signo de Leão, retornará à encarnação no mesmo signo, tomando o fio da experiência onde a deixou e começando com o mesmo tipo de energia e o instrumental característico com o qual saiu da vida terrena, mais o que adquiriu em reflexão e observação consciente. A qualidade da energia e a natureza das forças a manipular durante a vida são indicadas à alma desta maneira. (Tratado sobre a Magia Branca)

[14] Portanto, o uso do termo “imortalidade” infere intemporalidade, e ensina que a intemporalidade existe naquilo que não é perecível nem condicionado pelo tempo. Trata-se de uma afirmação que requer uma cuidadosa reflexão. O homem reencarna sem pressão de tempo. Encarna de acordo com as exigências da responsabilidade cármica, sob a atração do que ele, como alma, iniciou, e devido à necessidade percebida de cumprir obrigações instituídas; encarna também por um senso de responsabilidade e para cumprir os requisitos impostos por um quebrantamento anterior de leis que regem as corretas relações humanas.

Quando estes requisitos, necessidades da alma, experiências e responsabilidades estiverem atendidos, penetra permanentemente “na clara e fria luz de amor e vida”, e não mais necessita (no que lhe diz respeito) da etapa infantil da experiência da alma na Terra. Está livre das imposições cármicas nos três mundos, mas se encontra ainda sob o impulso da necessidade cármica, que reclama dele o máximo serviço que esteja em posição de prestar àqueles que ainda se encontram sob a Lei da Dívida Cármica. Portanto, temos três aspectos da Lei do Carma, na medida que afetam o princípio de renascimento:

1. *Lei da Dívida Cármica*, que rege a vida nos três mundos da evolução humana e que termina totalmente na quarta iniciação.

2. *Lei da Necessidade Cármica*, que rege a vida do discípulo avançado e do iniciado, do momento da segunda iniciação até uma determinada iniciação superior à quarta; essas iniciações o habilitam a passar para o Caminho da Evolução Superior.

3. *Lei da Transformação Cármica*, uma misteriosa frase que rege os processos experimentados no Caminho Superior, os quais capacitam o iniciado a sair totalmente do plano físico cósmico e atuar no plano mental cósmico. Diz respeito à liberação, daqueles similares a Sanat Kumara e Seus Associados na Câmara do Concílio de Shamballa, da imposição do desejo cósmico que se manifesta no nosso plano físico cósmico como vontade espiritual. Este conceito talvez lhes surpreenda. Mas ficará evidente que pouco posso dizer sobre este tema. O conhecimento envolvido ainda não me pertence. (Cura Esotérica)

[15] Diga-se, a fim de resumir minha proposta geral, que o medo e o horror à morte têm fundamento no amor à forma – à nossa própria forma, às formas daqueles que amamos e às formas conhecidas que nos circundam e do ambiente. Este tipo de amor é contrário a todo o nosso ensinamento sobre as realidades espirituais. A esperança do futuro e a de nos liberarmos deste medo mal fundado, reside em enfatizarmos o fato da alma eterna e a necessidade de que essa alma viva de maneira espiritual, construtiva e divina dentro dos veículos materiais. O conceito de restituição se insere neste conceito. Os conceitos errados são então esquecidos e a ideia de eliminação também se insere, para alcançar um enfoque correto. Leve-se em conta a integração, para que a absorção na

vida da alma tome o lugar da absorção na vida do corpo. Dor, solidão, infortúnio, decadência, perdas – todas estas ideias devem desaparecer, à medida que a reação comum para o fato da morte também vá desaparecendo. À medida que os homens aprenderem a viver conscientemente como almas, aprenderem também a manter o foco nos níveis da alma e começarem a considerar a forma ou formas como simples modos de expressão, todas as dolorosas e antigas ideias sobre a morte desaparecerão gradualmente e haverá uma nova e jubilosa perspectiva a essa grande experiência. (Cura Esotérica)

PARTE XIV

Ressurreição é a nota-chave da natureza, a morte não é. A morte é apenas a antecâmara da Ressurreição.

(A Exteriorização da Hierarquia)

[1] A Ressurreição é a chave para o mundo do significado, e é o tema fundamental de todas as religiões do mundo, passadas, presentes e futuras. A Ressurreição do espírito nos homens, em todas as formas, em todos os reinos é o objetivo do processo de evolução, implica na liberação do materialismo e do egoísmo. Nesta ressurreição, a evolução e a morte são meras etapas preparatórias e bem conhecidas. A nota e a mensagem emitidas pelo Cristo, na última vez que esteve na Terra, foi a Ressurreição, mas a humanidade é tão mórbida e tão envolta na miragem e na ilusão, que a Sua morte não foi compreendida. Em consequência, durante séculos a ênfase recaiu sobre a morte e somente no dia da Páscoa ou nos cemitérios a Ressurreição é aclamada. Isto deve mudar. Permitir que esta situação se perpetue não ajuda na compreensão progressiva das verdades eternas. Atualmente a Hierarquia se dedica a produzir esta mudança, dessa maneira alterando a abordagem da humanidade ao mundo do invisível e das realidades espirituais. (A Exteriorização da Hierarquia)

[2] O conceito da ressurreição contém a nova e mais importante revelação que está vindo para a humanidade, a qual assentará as bases para a nova religião mundial.

No passado imediato, a nota-chave do cristianismo foi a morte, simbolizada para nós na morte do Cristo e muito distorcida por São Paulo, no esforço de fundar a nova religião que o Cristo nos deu com a antiga religião de sangue dos judeus. No próximo ciclo, este ensinamento distorcido sobre a morte tomará o seu devido lugar e será conhecido como o impulso disciplinador para a renúncia e para pôr um fim, pela morte, ao aferro da matéria sobre a alma; o grande objetivo de todo ensinamento religioso será a ressurreição do espírito no homem e, oportunamente, em todas as formas de vida, da etapa mais inferior da evolução até a experiência monádica mais elevada. No futuro será priorizada “a existência viva da natureza crística” – cuja prova será o Cristo Ressuscitado – e o uso da vontade, invocando esta “demonstração divina”. A glória e o resplendor da iniciação da Transfiguração serão oportunamente relegadas ao seu devido lugar, e o que se quer dizer com “demonstração da vida” será tenuemente percebido em sua inimaginável beleza. (Os Raios e as Iniciações)

[3] O milagre da Ressurreição do Cristo, no que diz respeito à Sua personalidade, centra-se no fato de que, depois de ter passado pela morte e tendo ressuscitado, era essencialmente a mesma Pessoa, só que com mais poderes. O mesmo não poderia acontecer conosco? Não poderia a morte eliminar simplesmente a limitação do sentido físico, deixando-nos maior sensibilidade e um senso mais claro dos valores? (De Belém ao Calvário)

[4] O medo da morte é uma das grandes anormalidades ou distorções da verdade divina, da qual os Senhores do Mal Cósmico são responsáveis. Quando emergiram do lugar para onde haviam sido confinados, nos primitivos tempos atlantes, e forçaram *temporariamente* o recuo da Grande Loja Branca para os níveis subjetivos, seu primeiro grande ato de distorção foi implantar o medo nos seres humanos, começando com o medo da morte. Desde então, os homens valorizaram a morte e não a vida, e foram dominados pelo medo, em todos os seus dias.

Um dos atos iniciais do Cristo e da Hierarquia, quando reaparecerem, será erradicar este medo específico e confirmar nas mentes dos povos a ideia de que encarnar e tomar forma é o verdadeiro

lugar de escuridão para o espírito divino que é o homem; temporariamente, é a morte e o aprisionamento do espírito. Como será ensinado aos homens, a evolução é, em si, um processo iniciático, que leva de uma experiência viva para outra, culminando na quinta Iniciação da Revelação e na sétima Iniciação da Ressurreição. (Os Raios e as Iniciações)

[5] Muitas mortes aconteceram nos incomensuráveis ciclos de vida do iniciado:

1. A morte bem conhecida e recorrente do corpo físico, encarnação após encarnação.
2. A morte dos veículos astral e mental, à medida que a alma imorredoura os descarta, vida após vida – somente para criar novos, até alcançar a maestria.
3. Em seguida – como resultado do processo de encarnação e seus efeitos evolutivos – sobrevém a morte do desejo, sendo substituído por uma crescente aspiração espiritual.
4. Então, pelo uso correto da mente, chega a “morte” da personalidade ou, antes, ela repudia e renuncia a tudo que é material.
5. Segue-se a morte ou a destruição do corpo causal ou corpo da alma, na grande Iniciação da Renúncia. Este processo de morte e ressurreição ocorre incessantemente em todos os reinos da natureza; cada morte prepara o caminho para maior beleza e vivência, e cada morte (se analisarmos com cuidado) é o prelúdio da ressurreição em uma ou outra forma, até chegarmos à ressurreição final e à posição de realização final.

Não me estenderei sobre este processo da morte constante, seguida de ressurreição constante, mas é a nota-chave evolutiva e a técnica evolutiva, e somente porque os homens amam indevidamente o que é material e detestam perder contato com o aspecto forma da natureza eles temem a morte. Seria prudente lembrar que a imortalidade é um aspecto do ser espiritual vivo, e não um fim em si mesma, como os homens procuram fazer dela. Para os Conhecedores da Vida, a frase “eu sou uma Alma imortal” sequer é verdade. Dizer “eu sou a própria Vida, portanto, sou imortal” está mais perto da verdade, mas mesmo esta frase é (do ângulo do iniciado) somente uma parte de uma verdade maior. (Os Raios e as Iniciações)

[6] Novamente gostaria de me deter aqui para fazer com que vejam que os conceitos morte, substituição, expiação vicária e sacrifício, serão substituídos – na Nova Era – pelos conceitos de ressurreição ou vivência, unidade espiritual, transferência e serviço, para que uma nova tônica penetre na vida humana, trazendo esperança, alegria, poder e liberdade. (Psicologia Esotérica, Volume 2)

[7] A vida, até então dentro da forma, ascende triunfalmente ao seu “Pai nos Céus”, assim como a vida no corpo físico, no momento da morte, busca a sua fonte, o Ego, o que se faz em quatro etapas:

1. Retirando-se do corpo físico denso.
2. Retirando-se do corpo etérico.
3. Desocupando depois o corpo astral.
4. Abandonando, afinal, o corpo mental. (Iniciação Humana e Solar)

[8] Falando em sentido oculto, qualquer processo de ascender ou “elevar”, produz automaticamente a *morte*, a qual afeta os átomos dos órgãos envolvidos e origina as etapas preliminares da má saúde, doença e desintegração, porque *a morte nada mais é do que a interrupção e a transferência da energia*. Quando a ciência de transferir a energia de um centro inferior para um superior for

compreendida, haverá luz sobre o problema da morte, e a verdadeira Ciência da Morte virá à existência, liberando a raça do medo que lhe inspira. (Psicologia Esotérica, Volume 2)

[9] “O Cristo ressuscitou”, é seu clamor, e porque ressuscitou, o reino de Deus pode avançar na Terra, e Sua mensagem de amor pode ser amplamente divulgada. Sabem agora, para além de toda controvérsia, que Ele venceu a morte, e que nos anos que virão também eles verão a morte ser derrotada. É evidente, por seus escritos e entusiasmo, que esperavam um reino imediato e que a realidade da imortalidade fosse universalmente reconhecida. Que estavam equivocados, os quase dois mil anos de cristianismo mostrou. Ainda não somos cidadãos de um reino divino que se manifesta definitivamente na Terra. O medo da morte é tão forte como sempre, e a realidade da imortalidade ainda é fonte de especulação para milhões de seres. Mas o que falhou foi o sentido de tempo e não compreenderam os lentos processos da natureza. A evolução marcha lentamente e só agora nos encontramos, de fato, à beira da manifestação do reino de Deus na Terra. Como estamos no final de uma era, sabemos que o domínio que a morte exerce sobre o ser humano e o terror que o anjo da morte inspira em breve desaparecerão. Como consideraremos a morte apenas como mais um passo no caminho para a luz e a vida, eles se desvanecerão, e nós nos daremos conta de que, à medida que a vida cósmica se expressa em todos os seres humanos e através deles, eles demonstrarão para si e para o mundo a realidade da imortalidade.

A chave para a derrota da morte e para os processos de compreender o significado e a natureza da eternidade e da continuidade da vida só pode ser revelada sem perigo quando o amor reger na consciência humana e quando o bem para o todo, e não o bem-estar egoísta do indivíduo, for considerado supremo. Somente através do amor (e do serviço como expressão desse amor) a verdadeira mensagem do Cristo poderá ser compreendida e os homens passarem para uma jubilosa ressurreição. (De Belém ao Calvário)

[10] Ergueu Sua Cruz como um marco, um símbolo e um exemplo do método, entre o mundo dos valores tangíveis e o mundo dos valores espirituais, encorajando-nos a dominar a natureza inferior, para que o Espírito de Deus tenha pleno controle.

Ele nos ensinou que a morte deve chegar ao fim e que o destino da humanidade é a ressurreição dos mortos. A imortalidade deve ocupar o lugar da mortalidade. Pela causa humana, portanto, Ele se ergueu dentre os mortos e provou que os laços da morte não podem reter nenhum ser humano que atue como Filho de Deus. (De Belém ao Calvário)

[11] “Que a energia do Eu divino me inspire e a luz da alma me dirija; que eu seja conduzido das trevas para a luz, do irreal para o real, da morte para a imortalidade.” (Discipulado na Nova Era, Volume 1)

A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

A constituição do homem, considerada nas páginas a seguir, é fundamentalmente tríplice:

I. *A Mônada ou Espírito puro, o Pai nos Céus.*

Este aspecto reflete os três aspectos da Deidade:

- | | |
|-----------------------|-------------------|
| 1. Vontade ou Poder | O Pai, |
| 2. Amor-Sabedoria | O Filho, |
| 3. Inteligência Ativa | O Espírito Santo, |

e somente se faz contacto com ela nas iniciações finais, quando o homem se aproxima do final da jornada e é perfeito. A Mônada também se reflete em:

II. *O Ego, Eu Superior ou Individualidade.*

Potencialmente, este aspecto é:

- | | |
|-------------------------------|---|
| 1. Vontade espiritual | Atma, |
| 2. Intuição | Budi. Amor-Sabedoria, o princípio crístico, |
| 3. Mente Superior ou Abstrata | Manas Superior. |

O Ego começa a dar a perceber o seu poder no homem avançado e, cada vez mais, no Caminho Probacionário, até que, na terceira iniciação aperfeiçoa-se o controle do eu superior sobre o eu inferior e o aspecto mais elevado começa a fazer sentir a sua energia.

O ego se reflete em:

III. *A Personalidade ou eu inferior, o homem no plano físico.*

Este aspecto também é tríplice:

- | | |
|--------------------|-----------------------------------|
| 1. Corpo mental | manas inferior, |
| 2. Corpo emocional | corpo astral, |
| 3. Corpo físico | os corpos físico denso e etérico. |

A finalidade da evolução é, portanto, levar o homem à realização do aspecto egoico e colocar a natureza inferior sob seu controle.

GLOSSÁRIO

Adepto. Um Mestre ou um ser humano que, tendo percorrido o caminho de evolução e entrado na etapa final, o Caminho de Iniciação, tomou cinco Iniciações e, portanto, penetrou no Quinto Reino ou Reino Espiritual, restando apenas mais duas iniciações a tomar.

Adi. O Primeiro, o primordial; o plano atômico do sistema solar, o mais elevado dos sete planos.

Alma. Ego ou alma, dois termos que usamos como sinônimos, têm mínimos significados diferentes e a diferença revela dois aspectos da mesma Entidade espiritual: como Ego, é o Filho da Mente em relação ao seu reflexo, o homem em encarnação física e é, portanto, individualista; como Alma, é o Filho da Mente em relação aos outros Filhos da Mente em níveis mentais e tem, portanto, consciência grupal e é universalista. É absolutamente apropriado usar estas duas palavras como sinônimos, porque a Entidade espiritual pode manifestar os dois aspectos simultaneamente – individualista e universalista – e é os dois, Ego e Alma, mas o estudante deve ter uma clara ideia do que está envolvido nessas expressões.

Antahkarana. O caminho ou ponte entre a mente superior e a mente inferior, que serve de meio de comunicação entre ambas. É construído pelo aspirante em matéria mental.

Ashram. Centro onde os Mestres reúnem os discípulos e aspirantes para instrução pessoal.

Astral. ... palavra identificada com kama ou desejo e... aplicada ao plano da reação emocional.

Atlântida. O continente que ficou submerso entre os oceanos Atlântico e Pacífico, segundo Platão e os ensinamentos ocultistas. A Atlântida foi o lar da Quarta Raça-Raiz, que agora chamamos de atlante.

Atma. O Espírito Universal, a Mônada divina; o sétimo Princípio, assim denominado na constituição setenária do homem.

Átomo Permanente. Os cinco átomos, com a unidade mental, um átomo em cada um dos cinco planos da evolução humana (a unidade mental também se encontra no plano mental), dos quais a Mônada se apropria para propósitos de manifestação. Formam um centro estável e são relativamente permanentes. Em torno deles são construídos os diversos corpos ou envolturas. São, literalmente, pequenos centros de força.

Aura. Fluido ou essência sutil invisível que emana dos corpos humanos e animais e até das coisas. É um eflúvio psíquico, que partilha mente e corpo. É eletrovital e também eletromental.

Bodhisatva. Literalmente, Aquele cuja consciência se tornou inteligência ou budi. Aqueles que só necessitam de mais uma encarnação para se tornar Budas perfeitos. Como utilizado nestas cartas², Bodhisatva é o título do cargo que atualmente é ocupado pelo Senhor Maitreya, o qual é conhecido no Ocidente como o Cristo. Este cargo equivale ao de Instrutor do Mundo. O Bodhisatva é o Guia de todas as religiões do mundo, o Mestre dos Mestres e o Instrutor de anjos e homens.

² N.do T.: Referência ao livro “Cartas sobre Meditação Ocultista”.

Buda. Nome dado a Gautama. Nascido na Índia por volta do ano 621 a.C., alcançou o estado de Buda no ano 592 a.C. O Buda é aquele que é "Iluminado" e alcançou o grau de conhecimento mais elevado possível para o homem neste sistema solar.

Budi. Alma ou Mente universal. É a alma espiritual no homem (o Sexto Princípio) e, portanto, o veículo de Atma, o Espírito, que é o Sétimo Princípio.

Carma. Ação física. Metafisicamente, a lei de retribuição, a lei de causa e efeito ou de causação ética. Há carma de mérito e carma de demérito. É o poder que controla todas as coisas, o que resulta da ação moral ou o efeito moral de um ato cometido para alcançar algo que gratifica um desejo pessoal.

"Círculo intransponível"³. Situa-se na circunferência do sistema solar manifestado, e é a periferia da influência do sol, compreendido esotérica e exotericamente. O limite do campo de atividade da força de vida central.

Corpo causal. Do ponto de vista do plano físico, não é um corpo subjetivo nem objetivo. No entanto, é o centro da consciência egoica, e é formado pela conjunção de budi e manas. É relativamente permanente e subsiste durante o longo ciclo de encarnações, dissipando-se somente depois da quarta iniciação, quando não há mais necessidade de renascimento para o ser humano.

Corpo etérico. O corpo físico de um ser humano, segundo os ensinamentos ocultos, compõe-se de duas partes, o corpo físico denso e o corpo etérico. O corpo físico denso compõe-se de matéria dos três subplanos inferiores do plano físico e o corpo etérico de matéria dos quatro subplanos superiores ou etéricos do plano físico.

Deva (ou Anjo). Um Deus. Em sânscrito, uma deidade resplandecente. Um deva é um ser celestial, seja bom, mau ou indiferente. Os devas se dividem em muitos grupos e são chamados não apenas de anjos e arcanjos, como também de construtores menores e maiores.

Devachan. Estado de consciência no plano mental para o qual a alma passa quando é desprovida do seu corpo astral e atua no seu corpo mental ou fica limitada nele. É de ordem superior ao céu comum e nele se desfruta de beatitude mais mental do que normalmente compreendemos pela palavra, embora, ainda assim, esteja no mundo inferior da forma, o qual será transcendido com a cultura do desapego. (A Luz da Alma)

Grupos Egoicos. No terceiro subplano do quinto plano, o mental, encontram-se os corpos causais dos homens e mulheres individuais. Esses corpos, que são a expressão do Ego, o da autoconsciência individualizada, reúnem-se em grupos, de acordo com o raio ou a qualidade do Ego particular implicado.

Hierarquia. O grupo de seres espirituais, nos planos internos do sistema solar, que são as forças inteligentes da natureza e controlam os processos evolutivos. Eles próprios se dividem em doze Hierarquias. No nosso esquema planetário, o esquema da Terra, há um reflexo desta Hierarquia, que o ocultista denomina de Hierarquia Oculta. Esta Hierarquia é composta de chohans, adeptos e iniciados que trabalham através de seus discípulos e, por meio deles, no mundo.

Iniciado. De raiz latina, que significa os princípios essenciais de qualquer ciência. Aquele que está penetrando nos mistérios da ciência do Eu e do eu uno em todos os eus. O

³ N. do T.: Recebe também a denominação de "círculo-não-se-passa".

Caminho de Iniciação é a etapa final da senda de evolução trilhada pelo homem, e se divide em cinco etapas denominadas as Cinco Iniciações.

Lemúria. Termo moderno, usado pela primeira vez por alguns naturalistas e agora adotado pelos teósofos para indicar um continente que, segundo a Doutrina Secreta do Oriente, precedeu a Atlântida. Foi o lar da terceira raça-raiz.

Logos. A deidade manifestada através de cada nação e povo. A expressão externa ou o efeito da causa sempre oculta.

Logos planetário. Este termo se aplica geralmente aos sete espíritos mais elevados, que correspondem aos sete arcanjos dos cristãos. Todos passaram pela etapa humana e agora estão se manifestando por meio de um planeta e suas evoluções, da mesma maneira como o homem se manifesta por meio do seu corpo físico. O espírito planetário mais elevado, que atua através de qualquer globo específico é, na realidade, o Deus pessoal do planeta.

Manas ou **princípio manásico.** Literalmente, a Mente, a faculdade mental, aquilo que distingue o homem do simples animal. É o princípio individualizador, o que permite ao homem saber que ele existe, sente e conhece. Algumas escolas o dividem em duas partes: mente superior ou abstrata e mente inferior ou concreta.

Mantras. Versículos dos Vedas. No sentido exotérico, um mantra (ou a faculdade ou poder psíquico que transmite percepção ou pensamento) é a parte mais antiga dos Vedas, cuja segunda parte se compõe dos Brahmanas. Na fraseologia esotérica, mantra é o verbo feito carne, ou objetivado pela magia divina. Uma fórmula de palavras ou sílabas, dispostas ritmicamente, de maneira a gerar determinadas vibrações quando entoada.

Maya. Em sânscrito, "ilusão". Do princípio da forma ou limitação. O resultado da manifestação. Geralmente aplicado em sentido relativo às aparências fenomênicas ou objetivas, criadas pela mente.

Mayavi Rupa. Em sânscrito, "forma ilusória". É o corpo de manifestação criado pelo adepto, por um ato de vontade, para ser utilizado nos três mundos. Não tem conexão material com o corpo físico. É espiritual e etéreo e passa por todo lugar sem obstrução ou impedimento. É construído pelo poder da mente inferior, com o tipo mais elevado de matéria astral.

Mônada. O Uno. O tríptico Espírito em seu próprio plano. No ocultismo com frequência significa a tríade unificada – Atma, Budi, Manas; Vontade Espiritual, Intuição e Mente Superior – ou a parte imortal do homem que reencarna nos reinos inferiores e gradualmente progride através deles até chegar ao homem e daí à meta final.

Prana. O Princípio Vida, o alento de Vida. O ocultista admite a seguinte afirmação: "Consideramos a vida como a única forma de existência, manifestando-se no que chamamos de matéria ou que, separando incorretamente, denominamos: Espírito, Alma e Matéria no homem. A matéria é o veículo para a manifestação da alma, neste plano de existência; a alma é o veículo para a manifestação do espírito, e os três, como trindade, são sintetizados pela Vida que compenetra a todos."

Raça-Raiz. Uma das sete raças humanas que evolui em um planeta durante o grande ciclo de existência planetária. O ciclo se denomina período mundial. A raça-raiz ária, à qual pertencem a raça hindu, a europeia e a americana moderna, é a quinta; a chinesa e a japonesa pertencem à quarta raça.

Shamballa. A Cidade dos Deuses. Para algumas nações se encontra no Ocidente e, para outras, no Oriente e, para outras ainda, no Norte ou no Sul. É a ilha sagrada no Deserto de Gobi, o lar do misticismo e da Doutrina Secreta.

Subplano Atômico. Os ocultistas dividem a matéria do sistema solar em sete planos ou estados, dos quais o plano atômico é o mais elevado. Similarmente, cada um dos sete planos divide-se em sete subplanos, dos quais o mais elevado é denominado subplano atômico. Portanto, há quarenta e nove subplanos e sete deles são atômicos.

Tríade. O Homem Espiritual; a expressão da Mônada. É o espírito germinal contendo as potencialidades da divindade. Essas potencialidades se desenvolverão no transcurso da evolução. Esta tríade forma o eu individualizado ou separado, ou Ego.